

**HEIDI MIRIAM BERTOLUCCI COELHO**

**A CONDIÇÃO HUMANA NA RODA VIVA DO TEMPO:  
reflexões psicanalíticas**

**ASSIS  
2011**

**HEIDI MIRIAM BERTOLUCCI COELHO**

**A CONDIÇÃO HUMANA NA RODA VIVA DO TEMPO:  
reflexões psicanalíticas**

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Hashimoto.

**ASSIS  
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

	Coelho, Heidi Miriam Bertolucci
C672c	A condição humana na roda viva do tempo: reflexões psicanalíticas / Heidi Miriam Bertolucci Coelho. Assis, 2011 151 f.
	Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
	Orientador: Francisco Hashimoto
	1. Tempo. 2. Subjetividade. 3. Patologia. 4. Pós-modernismo. 5. Psicanálise e cultura. I. Título.
	CDD 150.195

Á meus pais, Gilberto e Clarice que garantem em cada tempo de minha existência amparo e sustentação! Agradeço eternamente a capacidade de vocês por tão bem terem colocado em mim o Amor à vida, ao conhecimento e ao outro. Muito obrigada!

Aos meus filhos Larissa, Leonardo e Luisa, que me fazem aprender no tempo o aguardo para cada coisa – sem a compreensão de vocês e a renúncia pelas horas que poderíamos estar juntos, essa escrita não seria possível. Amo muito a cada um!

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pacientes, que pacientemente me oferecem a possibilidade de acompanhá-los em momentos tão decisivos de suas existências. Esse trabalho é também de cada um de vocês.

Á Luís Álvaro que me possibilitou durante esse trabalho experimentar além de seu afeto o tempo do companheirismo e do acolhimento.

Á todos da minha família, pela confiança sempre presente. Á Claudia, querida cunhada pela colaboração irrestrita nas traduções.

Aos amigos, por compartilharem da expectativa do término do trabalho, estimulando minha caminhada.

Á Doutora Maria de Fátima Araújo e ao Doutor Walter José Martins Migliorini que fizeram do exame de qualificação um rico momento de reflexão a partir dos comentários e sugestões oportunas apresentadas.

Por fim, com íntima admiração e consideração, expresso minha gratidão ao Doutor Francisco Hashimoto, por sua dedicação e incentivo às minhas idéias para a execução desse trabalho; sempre acompanhando-me com seu olhar exigente e bastante acolhedor!

COELHO, H. M. B. *A condição humana na roda viva do tempo: reflexões psicanalíticas*. 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2011.

## RESUMO

As intensas e sucessivas alterações ocorridas no mundo de hoje, sejam pelo avanço tecnológico ou pela velocidade das informações, levam o homem a novas organizações da subjetividade. A forma contemporânea na administração do tempo não permite hoje ao sujeito que entre em contato com suas experiências emocionais, visto que é capturado pelos artefatos do consumo e seduzido pela superficialidade das relações afetivas. Nesse cenário, o homem sucumbe frente às patologias de hoje - narcísicas, depressivas, compulsivas - demonstrando que é determinante a influência da vivência acelerada do tempo na constituição das formações subjetivas. O reconhecimento da fragilidade humana e da passagem do tempo torna-se um caminho para o sujeito tolerar as perdas inevitáveis em seu processo de existência. Dentro da abordagem psicanalítica, o trabalho discorre sobre o tempo do sujeito, o tempo do mundo e o tempo da clínica, trazendo entendimento a respeito da temporalidade na construção da subjetividade contemporânea.

Palavras-chave: Tempo; Subjetividade; Patologia; pós-modernidade; Psicanálise e cultura.

COELHO, H. M. B. *The human condition in hectic times: psychoanalytic reflections*. 2011. 151 pp. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2011.

### **ABSTRACT**

The intense and successive changes in the world today, whether by technology advancement or the speed of information, lead man to new organizations of subjectivity. The contemporary way in time management today does not allow the subject to contact his or her emotional experiences, as he or she is captured by artifacts of consumption and seduced by superficiality of affective relationships. In this scenario, the man succumbed to today's pathologies - narcissistic, depressive, compulsive - demonstrating that the influence of accelerated experience of time is determining in the constitution of subjective formations. The recognition of human frailty and of the passage of time becomes a way for the subject to tolerate the inevitable losses in the process of existence. Within the psychoanalytic approach, the study discusses the subject's time, the world's time and time of the clinic, bringing understanding of the temporality in the construction of contemporary subjectivity.

Keywords: Time; Subjectivity; Pathology; Postmodernity; Psychoanalysis and culture.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1 MUTAÇÕES: NO HOMEM E NO MUNDO .....	11
REFERÊNCIAS .....	29
2 “DE TEMPOS EM TEMPOS” ... EIS A SUA FAMÍLIA! .....	32
REFERÊNCIAS .....	42
3 O TEMPO .....	45
3.1 Os Pensadores e o Tempo .....	45
3.2 A Ciência e o <i>Tempo</i> .....	51
3.3 O Tempo e o Caos .....	57
REFERÊNCIAS .....	68
4 O TEMPO E A PSICANÁLISE .....	72
4.1 O Tempo do Sujeito .....	72
4.2 O Tempo na Clínica .....	93
4.3 O Tempo do Sujeito na Clínica .....	115
REFERÊNCIAS .....	136
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	143
REFERÊNCIAS .....	151



## INTRODUÇÃO

Aqui estão reunidos ensaios de idéias, reflexões e vivências clínicas que compõem escritos que traduzem temas que afligem hoje a sociedade e o sujeito e revelam o mal-estar na atualidade e conseqüentes saídas subjetivas que se constituem como sintomas de uma época.

Tempo, subjetividade, sintoma, afeto, trauma e família formam os núcleos temáticos que os artigos atravessam, organizados em uma lógica que parte do trabalho conceitual e atinge experiências que confirmam o paradigma da dessubjetivação que denuncia a marca da perplexidade, registrada no olhar comovido do sujeito em sua aventura de sustentar a si próprio, mesmo diante das ameaças que este tempo sugere.

O tempo do sujeito, o tempo do mundo e o tempo da clínica apontam em direção ao tempo vivido pelo sujeito que se vê atravessado por estas dimensões, desafiando a escuta contemporânea. Desta forma, o leitor encontrará uma organização progressiva das conseqüências desse desafio, em busca do entendimento de como se dá a produção de novas formas de subjetivação relacionadas com a temporalidade vigente. Essa empreitada será tomada aqui, no tempo da palavra.

Mutações: no homem e no mundo; este artigo evolui para um percurso, em que o sujeito é capturado pela indignação e pela fascinação causadas pelo reconhecimento de um cenário cruel e perverso, que se apresenta na perspectiva de um tempo subjetivo que é inundado pelos encontros produzidos pela alteridade nos laços sociais. O tempo da constatação aqui se faz em querer compreender os efeitos causados pelo mal-estar produzido sobre a exploração do outro e o terror produzido pela aceleração das informações e dos estímulos que atropelam o sujeito em sua ação.

*“De tempos em tempos”... eis a sua família*, este artigo discorre sobre a construção da subjetividade, relacionando-a com a temporalidade das questões históricas e sociais que marcaram cada época do desenvolvimento da humanidade. Desde o homem da Antiguidade, da Idade Média, do Iluminismo e do Modernismo, assistimos as transformações que marcaram a passagem de um tempo para outro. Esse processo de evolução e revolução sempre denotou linearidade, uma linha contínua de avanços e saltos, gerando transformações na vida íntima e psíquica do homem; até então, o homem era visto como dono do mundo e a ciência em função dele. Na pós-modernidade, já não falamos de inovação e transformação impulsionadas para o bem do homem, mas, de um processo de mutação do homem e do mundo em que ele vive.

A constatação dessa nova lógica subjetiva produzida exige outro tempo da clínica psicanalítica à medida que novas realidades discursivas se apresentam. Nesta direção, o leitor acompanhará uma análise decorrente dos efeitos do discurso dos meios de comunicação, da tecnociência, do poder de compra, cujo destaque é a insinuação radical da posição do sujeito que encantado diante do objeto de consumo e os seus efeitos sobre o corpo e a renovação do mal-estar na cultura por meio do incremento das adições e da sexualidade como formas constatáveis de dessubjetivação.

Derivada desta construção subjetiva que situa sua essência como uma resposta ao mal-estar da época, a provocação sutil sobre aqueles que se encantam com os artefatos da cultura da estética do visual e do apelo ao consumo toma nesse tempo a hipótese de que a publicidade sedutora toca nos desejos primitivos do sujeito.

Assim, o conceito de amor líquido e a fragilidade dos vínculos afetivos (BAUMAN, 2001) se associam a uma função de aceitação, reconhecimento e diferenciação que ganham destaque nas relações sociais.

A terceira parte do trabalho explora questões angustiantes que sempre acompanharam o homem em seu percurso pela vida: o que é o tempo? Como falar daquilo que todos já sabem o que é e do que não há como falar? Que tempo é esse no qual vivemos e suas características? Qual é esse tempo que nos constitui e quem somos nós na constituição desse tempo?

Este século conheceu as conquistas tecnológicas e neste contexto, o esgotamento cronológico do século XX soma-se a fatos concretos: vivemos um momento de velozes, desnorteantes e estupendas mudanças tecnológicas, acrescidas de inusitados valores éticos e sociais, que nos obrigam a rever nossos instrumentos de trabalho, nossas relações afetivas e sociais.

A Modernidade funda o princípio *identitário* para significar subjetividade. Assim concebia-se a subjetividade, organizada em referência à representação de si, entendida como identidade, como consciência reflexiva, tida como relativamente estável e referendada pelo sujeito reflexivo cartesiano, o fundamento do conhecimento de tudo aquilo que se é.

Na contemporaneidade, a concepção de subjetividade como perfil mais ou menos estável de si mesmo parece não mais se sustentar, nem tampouco a interioridade acessada pela reflexão. Está reconhecido o deslocamento da noção de sujeito, como centro e essência da subjetividade.

A subjetividade hoje incorpora uma condição plural de sensações, de formas de pensar e de organização perceptual, opera-se uma aceleração de mudanças através do tempo. “Já não habitamos um lugar, mas a própria velocidade”, diz Pelbart (1997) citando Virilio.

A subjetividade se engendra no social, se constitui com a própria produção da experiência cotidiana e mantém com ele relações recíprocas de mútua constituição. Estamos diante da multiplicidade como dimensão da subjetividade.

Se o princípio identitário moderno tentava preservar a subjetividade em sua essência, a emergência da ultravelocidade com que acontecem as mudanças sociais, políticas, culturais produz, permanentemente, desestabilizações que obrigam então, a subjetividade, a reinventar novas maneiras de existência para poder interagir com os diversos estímulos. A força e intensidade dessas sensações nas subjetividades transformam-se ao longo da existência do sujeito e produzem sensações novas, às vezes imprevisíveis, indizíveis, incapazes de serem traduzidas.

O Tempo e a Psicanálise; neste cenário, o que se destaca é a problemática do *tempo* para a subjetividade, estando em pauta o reconhecimento na teoria psicanalítica de como o tempo é constitutivo e modulador das formações subjetivas, assim como a subjetividade é o lugar para o relançamento de novas formas de temporalidade (BIRMAN, 2007). Também é buscada a presença do conceito *tempo*, enquanto instrumento que permeia toda a construção e desenvolvimento da técnica psicanalítica enquanto procedimento terapêutico; a história clínica narrada ilustra a inibição da vida psíquica associada à deficiência considerável de representação psíquica e à inabilidade para simbolizar experiências significantes, onde os sintomas de nosso *tempo*, tais como as exigências da precocidade, a banalização das vivências emocionais e a negação da vida mental em formação, são apresentados no consultório pelo transbordamento de dor, comunicando falta de sonhos, de vontade e de fome.

As produções apresentadas neste trabalho conjugam reflexões sobre a prática no campo dos fenômenos culturais e sociais, a partir do referencial psicanalítico, instrumento escolhido para melhor possibilidade da problematização desses novos tempos e suas demandas prementes que se constata em uma análise de variação histórica psíquica e ideológica do sujeito e da formação de laços sociais diante dos fenômenos que tanto denunciam mal-estar á sua existência.

No espaço da estrutura psíquica do sujeito, o tempo do trauma e conseqüências serão trabalhadas através do método psicanalítico na tentativa de responder a uma releitura da subjetividade em tempos de transformações ocorridas na estrutura familiar, social e política no tocante aos destinos da existência humana.

É desta perspectiva que se nomeou o *tempo* como o elemento norteador deste trabalho, como referência para pensar a clínica, o social e o patológico, vez que eles formam um tripé de grande importância para o estudo do mal-estar e da subjetividade da época.

## 1 MUTAÇÕES: NO HOMEM E NO MUNDO

“Era uma vez... em um tempo muito distante...”

Contar lendas e mitos, narrar fábulas, contos, fatos..., são tentativas do homem para melhor compreender suas aventuras no decorrer de uma existência! O homem busca conhecer seus sentimentos através das histórias transmitidas de geração em geração para desvelar os fenômenos da natureza e seus mistérios, assim como a intensidade de suas tragédias em sua trajetória no mundo.

Encontramo-nos, nos tempos que correm, às voltas com as implicações contemporâneas que assolam o ser humano e o colocam no horizonte da História com o emaranhado das questões éticas, políticas, sociais, culturais e de forma particular com os efeitos do discurso dos meios de comunicação e da revolução da tecnociência.

Na história da humanidade, o homem foi e será sempre o personagem a ser desvelado; porém, na atualidade, ele é um protagonista sem enredo.

Ausente do mundo tal como ele é hoje: um mundo que nos propõe uma vida de automatismos de toda espécie, ignorância, ingenuidade, inércia, fraqueza, velocidade, repetição (e sua insidiosa intoxicação do mesmo), um estilo de vida que suprime ou deforma outros mundos possíveis. (NOVAES, 2008, p. 1).

Assistimos na contemporaneidade, certo tipo de homem que vive nesse mundo de forma incomum. Um homem ao mesmo tempo obscuro e brilhante, ativo e paralisado, que lida o tempo todo com o esperado e o inesperado e que, por sua condição incerta, incorpora todas as contradições: potência e impotência, resignação e indignação, ordem e desordem.

Enfim, um homem de voz silenciosa, dirigindo-se a si mesmo, talvez sem interlocutor, que age como se estivesse fora da vida e do mundo, refugiado em seu pensamento; também um homem que se revolta contra esse mundo, que se desdobra em ímpetos e atuação contra si e contra o outro, interrompendo o curso natural de sua existência. Ambos, figuras trágicas em nosso mundo contemporâneo, arrancados de sua temporalidade singular, demonstrando ora uma lentidão incompreensível ora uma excitação insustentável. Cada um deles acredita no mundo à sua maneira e exerce uma experiência da temporalidade muito própria, na qual a trama do tempo se reproduz em sua vida psíquica.

Nestes cenários, o que se destaca sempre em diferentes escalas de grandeza, é a problemática do tempo para a subjetividade. Com efeito, o que está em pauta aqui é

como o tempo é constitutivo e modulador das formações subjetivas, por um lado, assim como a subjetividade é o lugar para o relançamento de novas formas de temporalidade pelo outro. (BIRMAN, 2000, p. 13).

O tempo não é uma concepção homogênea e imutável (COSTA; FONSECA, 2007). Na história da humanidade pode-se afirmar que existiram diversos modos de construir uma relação com o movimento e o imóvel, com o eterno e o fugaz: distintas imagens do tempo. Dentre as diversas possibilidades de divisão das concepções de temporalidade em imagens definidas, podemos desenvolver a sua tripartição atrelada às transformações das tecnologias da informação: cíclico, linear e em rede (LEVY, 1993).

O tempo cíclico assim seria compreendido em decorrência do modo dado pela tradição oral à continuação dos saberes. Em sintonia com os ciclos da natureza, as gerações sucederiam umas às outras em um labor de repetir as antigas histórias. “Ciclos de reafirmação de verdades tradicionais, que garantem sua persistência neste movimento circular de manutenção dos saberes. A eternidade, aqui, é o movimento da repetição, atributo temporal, e não externalidade do tempo” (COSTA, 2007).

Já com a escrita, cria-se um recurso permanente para os saberes. Não precisam mais ciclicamente ser reafirmados, pois se encontram fixados em superfícies razoavelmente estáticas: cera, pedra, papiro. Assim, os textos são escritos, lidos e novos textos a partir destes são elaborados. Surgem locais para o acúmulo das superfícies inscritas, e adquire-se a noção de uma continuidade dos saberes que está para além da mera repetição: o acúmulo.

Institui-se o tempo linear, tempo da sucessão dos instantes em uma direção, em um sentido único. Tal finalidade do tempo pode ser finita ou infinita, leiga ou religiosa, catastrófica ou salvadora; mas sempre é uma flecha afirmando um trajeto, a qual relaciona-se com a eternidade, enquanto algo externo a esta linha, mesmo que possa ser marcada em suas extremidades. (COSTA, 2007, p. 20).

Para além de uma divindade eterna que provê de ordem a sucessão dos fenômenos, o que corta o caos da atualidade é um plano que se denomina modernidade de modo a imprimir um sentido universal e verdadeiro ao caos das casualidades.

A modernidade compreendia um sentido de progresso na história, supondo-se que o acúmulo seria infinito e o último acontecimento ou descoberta seria sempre o ápice do que até então se conquistou, deste modo inculcando valor ao novo, ao original.

A modernidade, em sua objetivação do mundo, em seu amor pelo novo, trouxe ao seu estilo a fragmentariedade instável das diversas vanguardas dos saberes e olhares na

multiplicação crescente de especialismos. Vê-se a complexidade caótica das coisas, mas intenta-se dar conta da verdade com a multiplicação das perspectivas sobre a mesma.

“Um conceito de perspectiva muito distinto do contemporâneo onde cada olhar cria um mundo em embate com os demais Um arranjo de forças onde as perspectivas, onde os mundos são forjados nos encontros, embates e rearranjos” (NIETZSCHE, 1999, p. 20). Não se trata de obter o máximo conhecimento, a verdade sobre um objeto, pela multiplicação de olhares distintos e isolados sobre o mesmo. Trata-se agora de ir além das diversas perspectivas existentes para os diversos objetos, não mais se busca a verdade sobre os mesmos, mas sim a complexificação de suas imagens.

Falamos agora de uma terceira imagem temporal: o tempo concebido enquanto rede. Rede intensiva, como as infovias em suas múltiplas atualizações parciais da quase ilimitada rede virtual de conexões do saber. Não se depende da repetição, pois o saber permanece existente sempre, mutando-se virtualmente na rede em diversas novas atualizações. E mesmo que repetição houvesse, repetição não seria, já que na rede não há redundância: a reafirmação do já dito sempre traz nova informação. Tampouco se pode afirmar uma direção em uma linha, pois as possibilidades de sentido e percurso são infindáveis, e atualizam-se a todo instante. Uma rede virtual sem limites, origens ou fins. Uma trama de tempo intensivo, a qual se percorre de forma complexa e híbrida.

Para ser mais claro, tenho a impressão de que não temos mais presente, que o futuro se instalou a partir de agora como a filosofia do tempo [...]. Que fazemos de conta de que finalmente conseguimos nos apropriar do tempo, como se a dimensão temporal se desenvolvesse num *continuum* ininterrupto, no qual o futuro, contrariamente ao passado, fosse sempre valorizado. Creio que sentimos que já somos um outro, mas não sabemos muito bem de quem somos diferentes, nem de quê. (DIBIE, 2008, p. 243).

A ciência contemporânea não permite mais que a definição do humano seja ancorada na oposição entre natureza e cultura. A perspectiva de entendimento do real baseia-se no processo de naturalização da cultura (COSTA; FONSECA, 2007). Naturalizar a noção de cultura é situá-la em constante processo de complexificação, marcada por uma ambigüidade imbatível, na qual o tempo é engendrado dentro dela própria, não percorrendo uma unidirecionalidade entre passado, presente e futuro, afirma o autor. “O real é uma miríade de uma totalidade de tempo, não estando amarrado a destinos previsíveis, nem pela perspectiva de unidade e de coesão” (TEIXEIRA, 2001, p. 154).

É a noção de processo, em detrimento das de coisa e de substância que marca o estar no mundo na atualidade (TEIXEIRA, 2001). A natureza não se define mais por ser conhecível e decifrável, já que se mostra imprevisível e complexa demais para poder ser apreendida e, rigorosamente, controlada. O horizonte migra para o presente e o progresso não se qualifica mais como desenvolvimento linear, mas confunde-se com o inacabado, com a incompletude. A natureza e a cultura são modos do existir e evidenciam a dispersão irreduzível da vida.

A crise do espírito, de Valéry (1919 apud KEHL, 2009) nos traz um pensamento; não existe mais o tempo em que o tempo não contava...

Vivemos o tempo da impaciência e da não reflexão. A vida moderna transforma a fisiologia do nosso espírito, da nossa percepção e principalmente daquilo que fazemos e do que se faz conosco a partir de nossas percepções. Adeus trabalhos infinitamente longos... Adeus perfeições de linguagens. É tempo de impaciência, rapidez da realização, variações bruscas da técnica. O homem transforma-se em entidade bem-definida, mais que objeto de especulação, transforma-se em verdadeira coisa. (VALÉRY, 1919 apud KEHL, 2009, contracapa).

Essa nova criação do tempo impõe ao homem “um presente eterno” que tende a abolir aquilo que Paul Valéry definiu como as duas grandes invenções da humanidade – o passado e o futuro. Na vivência do tempo, diz ele o homem não apenas constrói perspectivas

aquém e além dos seus intervalos de reação, mas muito mais que isso vive muito pouco no instante mesmo. Sua morada principal está no passado e no futuro. Vive no presente apenas forçado pela sensação: prazer ou dor. Pode-se dizer dele que lhe falta indefinidamente o que não existe. (VALÉRY, 1919 apud KEHL, 2009, contracapa).

Na sociedade atual, o presente parece ser considerado enquanto instante vazio, mera impossibilidade de ser vivido. Momento a ser capturado no fluxo do tempo pelo passado e futuro, sem nunca ser por si. Sendo assim, uma temporalidade a qual não se habita. Mas, porque não ser vivido como a única temporalidade existente, a única possibilidade no mundo das ações, aquilo que há?

O presente define-se enquanto instância temporal do existir ao qual tudo se refere, e no qual tudo existe, pois é no aqui e agora que as forças se afirmam, sendo, o amanhã e o ontem, apenas variações deste presentificar. O conceito de atual, de acordo com Bergson (1964) aproxima-se desta última concepção de presente.

O atual não se contrapõe ao passado e futuro, mas ao virtual, esta nuvem de possíveis sempre a circundar o que está para se realizar. O atual é assim, o instante gordo do mundo, pleno de virtualidades a lhe ultrapassarem, as quais seguem



recriando suas configurações. Passado das contingências e futuro das possibilidades colapsado em um ponto denso de virtualidades a serem atualizadas em um tempo intensivo. (BERGSON, 1964, p. 43).

Contudo, a ciência contemporânea exhibe diversas noções ou operadores denotados pelo mesmo termo “tempo” – indicando, paradoxalmente, uma incompletude em nossa apreensão costumeira desse conceito tão básico. A célebre afirmação de Einstein resume a posição de muitos cientistas: Para os físicos, a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, ainda que persistente (EINSTEIN, 1905 apud SILVA, 2003). Não encontramos o tempo: nós o projetamos sobre o mundo! Surge assim um curioso campo de problemas: como se constitui a imagem do tempo predominante na atualidade? Quais outras imagens de temporalidade são concebidas e empregadas pelas ciências contemporâneas? Como o conhecimento sobre a natureza e, paralelamente, o estatuto do sujeito humano se transforma ante essas novas figuras do pensamento? Essa revolução de perspectivas no âmbito da temporalidade aponta para uma série de questões de grande alcance que permanecem tentadoramente em aberto.

Com o advento da revolução tecnocientífica, o mundo ganhou novos contornos sem que o homem se desse conta da mutação: “de repente, viramos e o mundo inteiro mudou de rosto”, escreve Péguy (apud NOVAES, 2008, p. 11) que nos induz a pensar que entramos no novo mundo de costas.

Quando conseguimos virar a cabeça, deparamos com um rosto tão desconhecido pelas inúmeras e impressionantes mudanças que tudo se mostra quase impenetrável, tornando difícil discernir qualquer imagem do humano. Certamente não o reconhecemos porque temos ainda em mente, dominando nosso imaginário, o desafortunado e pouco nobre rosto do velho mundo que nos legou, entre tantos feitos positivos, invenções técnicas prodigiosas e teorias bem-acabadas. (PÉGUY apud NOVAES, 2008, p. 11).

Não podemos negar que o mundo, o nosso mundo mudou, e é dessa reviravolta do olhar sobre o cotidiano que trataremos aqui; constatamos uma nova relação do sujeito com o espaço e também com a temporalidade, trazendo interferências na interação humana e consequentemente na constituição da subjetividade (NOVAES, 2008, p. 15). A vivência no mundo atual, ao mesmo tempo que nos dá a sensação de uma enorme abertura, curioso sobre si mesmo a ponto de se olhar o mais de perto possível, também sucumbe a uma irresistível retração que nos obriga à um paradoxo no qual tem-se acesso a um conhecimento do humano inesgotável e nunca igualado, ao mesmo tempo em que assistimos indignados ao



desaparecimento do humanismo. Até pouco tempo atrás, vivíamos em tempos plurais, para não dizer culturais, e agora assistimos sem poder resistir, à instauração de um tempo sem relação com o tempo histórico que conhecíamos até aqui, falamos agora do tempo mundial.

A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam em segundos, universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente do espaço de sua morada, são povoadas pela profusão mutante de universos. Isso produz a crença que a criação individual e a coletiva se encontrariam em vertiginoso desenvolvimento através da apropriação de incontáveis recursos para criá-las. Não é tão simples assim.

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (ROLNIK, 1997, p. 7).

Para a autora, a combinação da desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a referência identitária arriscada a ser desprezada pela demanda social, faz com que os vazios de sentido sejam vividos de modo insuportável. Eles são vividos como esvaziamento da própria identidade, como efeito de uma falta, desterritorializando os contornos da subjetividade. Tal experiência tende a ser aterrorizadora: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso e de despersonalização, promovendo um caos psíquico, moral, social e também orgânico.

Em tempos de indefinição e de incerteza como os de hoje, o *mal estar* se coloca na ordem do dia (BIRMAN, 2000, p. 7). O sofrimento subjetivo hoje se manifesta mais e mais sob a forma de apatia, solidão, fracasso; ganham relêvo sintomas depressivos, síndromes de pânico, abuso de drogas, de violência, sofrimentos no corpo. Assistimos sujeitos empobrecidos em suas atividades fantasmáticas, incapazes de articular numa narrativa as próprias histórias, suas vivências e dores; encontram-se às voltas com o vazio do sentido, o vazio da palavra, o vazio da solidão, o vazio da identidade. Esperam alívio rápido de seus males, mas relutam em aceitar a perspectiva de longo prazo que alicerça o desenvolvimento emocional através da junção do pensamento com as vivências do cotidiano.

Condições de grande mutabilidade e turbulência esvaziada de sentido, como as que encontramos no mundo contemporâneo, operam contra a construção de uma vida interior, contra a criação de uma mente, atividade que requer tempo e espaço (KRISTEVA, 2002).

Os meios de comunicação – hoje companhia para o homem – trazem um bombardeio maciço e aleatório de informações parceladas, instantâneas e fragmentadas que não permite a formação de um conceito com potencialidade de articulação. Há uma recepção acrítica de qualquer programa pela escravidão do som e da imagem. Sobre estimulação erótica e o voyeurismo, a banalização do sagrado, o exibicionismo, o consumismo, o sadismo não são alimentos para a mente humana.

Examinando o campo social da atualidade, podemos constatar de acordo com Birman (2007, p. 166),

[...] que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se o compararmos com os momentos anteriores da história do Ocidente quando se instituiu e se reproduziu a visão individualista de mundo. Partindo dos pressupostos desta, o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis.

O autocentramento se apresenta inicialmente sob a forma da *estetização da existência*, onde o que importa para a individualidade é a exaltação gloriosa do próprio eu. Tudo isso se desdobra naquilo que se denominou, *de cultura do espetáculo*, na genial interpretação de Debord (1960/2003). A exibição se transforma no lema essencial da existência, sua razão de ser.

Nesse contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si-mesmo pelo indivíduo, que se esmera então para estar sempre presente nos meios de comunicação de massa, em jornais ou televisão. A *cultura da imagem* é o correlato essencial da esterilização do eu, onde o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social.

Assim, no final dos anos 60, o autor francês G. Debord denominou de *sociedade do espetáculo* as modalidades originais de sociabilidade que então se forjavam, enquanto o norte-americano Lasch (1970/1983) as interpretou segundo a lógica da cultura do narcisismo, no final dos anos 70. Tudo isso pode ser considerado variantes de uma mesma matriz, qual seja, o pós-modernismo. Pela concepção de pós-modernidade, alguns teóricos procuravam enunciar um conceito genérico capaz de dar conta das socialibilidades inéditas que estavam se tecendo, que indicavam uma ruptura com a modernidade.

Pelos imperativos da *estetização da existência* e da inflação do eu, pode-se fazer a costura entre as interpretações de Debord e Lasch, já que a exigência de transformar os incertos percalços de uma vida em obra de arte evidencia o narcisismo que o indivíduo deve cultivar na sociedade do espetáculo. Nessa medida, o sujeito é regulado pela performatividade

mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro. Este se torna apenas um objeto predatório, na violência daquele que busca o gozo e o enaltecimento do eu. As individualidades se transformam, pois, em objetos descartáveis. Com isso o sujeito perde em interioridade, e ressalta a exterioridade; nesse sentido ele se transforma numa máscara, para a exibição fascinante e para a captura do outro. Pode-se depreender, com facilidade que a alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência que tendem ao silêncio e ao esvaziamento.

Essa nova ordem favorece a legitimação de um novo tipo de subjetividade. Homens e mulheres passam a preferir a aventura à segurança. Agenciados, como diz Birman “em suas modalidades de satisfação e de gozo a partir daquilo que lhes possibilitam as ordens social e política, assim como os mecanismos de distribuição de riqueza” (BIRMAN, 2007, p. 23) tornam-se ávidos por consumir novidades e avessos a compromissos estáveis, tendendo a explorar ao máximo as possibilidades imediatas de prazer em detrimento com o futuro e com o outro.

A tese que o mal-estar na cultura assume novas configurações nesses tempos chamados pós-modernos possui defensores importantes também em outras áreas do conhecimento. Entre estes um dos mais reconhecidos é o sociólogo Zygmunt Bauman.

Os fluidos por assim dizer, não fixam espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam impacto e, portanto diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; o espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”.

Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; Ao descrever os fluidos, deixar o tempo fora, seria um grave erro. (BAUMAN, 2001, p. 28).

Em nosso mundo contemporâneo, assistimos a uma supressão do contato real entre as pessoas. Situações de encontro estão cada vez mais escassas dentro de uma comunidade. Em nossa época, o verbo esperar não está em sintonia com o homem moderno que corre, pressionado pelo ritmo das mudanças de valores e pela velocidade de informações que são geradas em seu meio. Valores e informações que cobram dele posicionamento constante e respostas imediatas. É negado a ele o tempo necessário para o amadurecimento e reflexão das novas aquisições (COELHO, 2002).

A tecnologia é *apressada* pela falta de tempo em nossa cultura e inventa recursos vários para promover o encontro e a comunicação entre as pessoas: mensagens gravadas, mensagens

digitadas, informações programadas, internet, e-mail, bate-papo e quantas outras formas ainda virão para serem utilizadas com eficácia entre os humanos, porém sem o contato humano.

Até aqui falamos da necessidade do homem em estabelecer ligações com seres de sua espécie. Para que isso seja possível e de forma cada vez mais rápida, usa da tecnologia – hoje essencialmente virtual – para que isso ocorra.

A construção da subjetividade exige viver a própria realidade psíquica. Substituir essa realidade pela virtual é cair na deterioração mental e potencializá-la. A tentativa de preencher com realidade virtual o vazio existencial é trágica. Criatividade e vazio mental são antiéticos. A eterna *fome psíquica* pode criar uma relação de tirania, de domínio e de posse ante a atenção impessoal das relações humanas atuais.

A gênese do vazio aninha-se na orfandade mental crônica: de não sentir-se reconhecido ou amado de verdade, devido a sucessivas experiências frustradas de encontros afetivos. Os abortos e desmames psíquicos, padecidos na história pessoal, cavam o vazio e o terror mental. As rupturas simbióticas acentuam o tédio vital, um fastio vazio. (LISONDO, 2004, p. 339).

O vazio mental é o abismo infernal do desencontro humano, fazendo com que muitos indivíduos sintam-se como sobreviventes, exilados do mundo humano pelas privações afetivas sofridas.

No mundo atual o contato humano passa a ser desvalorizado, minimizado, raro; não há tempo para ele; já o contato tecnológico ganha espaço, consegue manter duas pessoas conectadas entre si, pela *facilidade* da forma de encontro, ou melhor, justamente pela *dificuldade* de se estabelecer um encontro verdadeiro (COELHO, 2002). O encontro através da tecnologia favorece a fantasia e a idealização de uma relação que infelizmente substitui a possibilidade do lidar com o contato real. Esse contato real fatalmente trará frustrações, exige de nossa parte, tolerância à diferença que o outro traz, obrigando-nos a romper nossa couraça narcísica.

Outro motivo que incentiva a reflexão frente à construção da subjetividade contemporânea é a constatação que em nossa cultura procura-se preencher lacunas afetivas com bens materiais, esse é o apelo do consumismo! Ele garante que a novidade de hoje possui todos os requisitos para a produção da felicidade, claro; até amanhã, até ser substituída por uma mais nova e melhor ilusão. Esse vício sempre em busca de algo que não se tem, está de braços dados com o não reconhecimento daquilo que se tem.

Hoje estamos mergulhados numa cultura que supervaloriza os prazeres. Uma cultura que se apoderou de algumas reivindicações libertadoras dos anos sessenta e devolveu a resposta na forma de mercadorias: todos os prazeres que você puder imaginar estão à sua disposição no mercado. (KEHL, 1991, p. 488).

Um bem de consumo que age oferecendo alívio à situação dolorosa, suprimindo a falta interna com um componente externo, presente e concreto. Com um objeto adquirido, a sensação do *ter* suplanta a indagação da construção do *ser*! É a proposta narcisista para a qual somos hoje seduzidos impedindo o contato com a falta e com o outro: todos os seus desejos ao alcance da mão!

Somos compelidos à busca desenfreada de valores materiais, compulsão à possuir, acumular em um movimento sem fim, que escraviza o sujeito a perseguir necessidades, uma após a outra sem qualquer uso do pensamento ou reflexão. Fica distante de si mesmo e não percebe que o “sistema de objetos” com que se ilude a falta é a morte em vida: a tentativa de estancar o movimento do desejo! (KEHL, 1991, p. 488).

Abdica da sua condição de sujeito desejante, para deixar-se tomar como mero indivíduo consumidor, peça indispensável à sustentação do processo de fabricação de objetos de consumo. Já não se trata de bens duráveis, cuja permanência participa da criação de um mundo dos artefatos humanos. São objetos cuja relevância esgota-se na experiência da fruição imediata, movida por uma obsolescência psicológica que rapidamente exige a novidade.

E como bem material nunca vai substituir a lacuna do *bem afetivo*, assim como a energia mental nunca se realiza na satisfação narcisista. No caminho de satisfação imediata, onde o consumo se impõe pelo poder de compra, cria-se um ciclo vicioso sem satisfação, sem saída, ou melhor dizendo, com saída para os sintomas.

Na sociedade de consumo, gozar é a forma mais eficaz de trabalhar para o Outro. A dimensão subjetiva dos prazeres, das pulsões, dos afetos, transformou-se em força de trabalho na sociedade regida pela indústria da imagem. O que esse trabalho produz? Nada mais nada menos que os sujeitos de que o atual estágio do capitalismo necessita: sujeitos esvaziados do que lhes é mais próprio, mais íntimo, portanto disponíveis para responder aos objetos e imagens que os convocam; sujeitos ligados ao puro “aqui e agora” de um presente veloz, incapazes de imaginar um devir que não seja apenas a reprodução da temporalidade encurtada característica do capitalismo contemporâneo. (KEHL, 2009, p. 96).

A autora enfatiza que, em Guy Debord, a idéia de “sociedade do espetáculo” não se reduz à mera constatação de que somos permanentemente assediados por uma abundante oferta de imagens. O conceito de espetáculo, em Debord, não se resume a “um conjunto de

imagens, mas [é] *uma relação social entre indivíduos, mediada por imagens*” (DEBORD, 1960/2003, p. 14). Pode-se dizer que, na sociedade do espetáculo, as imagens, em sua forma mercadoria, é que organizam prioritariamente as condições do laço social e que por sua condição na produção de sentidos, dissimulam a falta do objeto diante do desejo inconsciente (KEHL, 2009).

Percebe-se, assim, que a sociedade de consumo acaba por favorecer a captura dos indivíduos em imagens ilusórias de plenitude, perfeição e onipotência, ao mesmo tempo em que promove estados de superexcitação muito além das possibilidades individuais de satisfação e de elaboração.

“A expansividade do homem quanto às suas possibilidades de conquista e de poder são tão grandes hoje em dia que geram um clima maior de insegurança, tensão e descompromisso com o futuro” (LEVISKY, 1998, p. 22). Corre-se o risco de se cair em um estado de indiferença e passividade, ou o contrário, atuações impulsivas e impensadas cuja função é a descarga do nível de tensão na busca de equilíbrio interno. Essas descargas de tensão assim como as necessidades adaptativas do sujeito contemporâneo produzem frustrações e mecanismos defensivos do aparelho psíquico, cada vez mais encontrados no desfecho da somatização.

Em cada época, sem dar-se conta, o homem é tragado pelo social e produz sintomas aceitos naquela cultura; visto que em nossa sociedade a *corpolatria* (COSTA, 2004) está em evidência, logo é nesse espaço – o corpo – é que os sintomas afloram.

Podemos começar pensando na obesidade mórbida, nos estados regressivos e depressivos do pós-operatório na redução do estômago; anorexia, bulimia; compulsão a reparação, cirurgias plásticas e lipoaspirações em busca de um corpo idealizado; compulsão à exercícios físicos e frequência assídua as academias – hoje abertas, uma em cada esquina; uso de cosméticos, produtos anti-envelhecimento, remédios, anabolizantes, cápsulas e todas as promessas encontradas em prateleiras.

Nunca, como nos tempos de hoje, encontram-se queixas de infertilidade, tratamentos os mais diversos em busca da gravidez sonhada, impotência sexual, falta de ereção, frigidez; alergias, doenças e câncer de pele; vitiligo, tatuagens em demasia, mutilações pelo corpo, piercings em excesso, corpos deformados propositadamente em busca de prêmios de originalidade ou então corpos suspensos em espetáculos exibicionistas, assistimos com certa naturalidade atitudes de extração de substâncias do corpo: sangue, urina, saliva, cabelo usadas como matéria-prima para obras de arte e demais aberrações.

Quando o corpo não mais desenha os sintomas da fragilidade emocional, assiste-se com tristeza o ataque que o sujeito faz à própria mente (BION, 1967/1988) falamos agora, de doenças mentais graves, onde os delírios, surtos e alucinações, tentam desesperadamente indicar fatal ruptura do indivíduo com o mundo externo. Enfatizando os efeitos nocivos das atuais condições da subjetividade a atualidade nos impõe novo desafio e compromisso com o sujeito e com o mundo.

Em tempos de grandes transformações, novos problemas se apresentam. As clássicas indagações sobre o homem, assim como as complexas relações existentes entre os registros da subjetividade na atualidade, são discutidas através das novas noções de espaço e tempo; ganha destaque a crise do sujeito “que na contemporaneidade praticamente vive a experiência do tempo como a experiência da velocidade” (KEHL, 2008, p. 457), ou que opta pela experiência do tempo estagnado, paralisado, em desafino à demanda da pressa capitalista, essas são questões que vão além do campo especulativo e já invadem as experiências do homem neste mundo.

Entramos em um processo de redefinição do homem em todos os aspectos da vida, da sua natureza aos seus valores. Falar, portanto da condição humana hoje, consiste em tentar entender a construção da subjetividade pelo menos na confluência entre dois mundos: um instituído pela ciência-poder que provoca mudanças nas idéias de Natureza, de Mundo e de Humano e o mundo de nossa vida que exige de nós pensar uma nova racionalidade no nível da experiência subjetiva.

Ironicamente, em um tempo onde o mando “corra – corra” nos domina, as inovações tecnológicas, cada vez mais nos atropelam; somos escravizados a estar em alerta sempre, dando conta das variadas solicitações que nos chegam através delas; aquilo que seria para nos auxiliar a poupar o tempo, nos rouba o tempo! Tempo que não dá conta das inúmeras tarefas... Hoje, o tempo é curto. Mas qual é o tamanho do tempo que temos à nossa disposição? Como observa Hélène Reboul (1973) falar do tempo que passa e não do homem que passa é mandar a finitude para fora de si mesmo.

A velocidade expressa na vida contemporânea não permite ao homem observar e principalmente desfrutar de sua experiência de vida. No transcorrer da existência ele esvazia o cotidiano roubando-lhe o valor de suas experiências.

A experiência é incompatível tanto com a temporalidade veloz quanto com a sobrecarga de solicitações que recaem sobre a consciência, essa é a condição da experiência benjaminiana, antes o ócio do que a atividade. “O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” (BENJAMIN, 1934/1985a, p. 115).



Em “O narrador”, o autor aprofunda de forma ímpar uma das dimensões fundamentais da experiência: a relação do sujeito com o tempo, diz ele, que em comunidades pré-modernas essa relação deveria ser muito diferente daquela que conhecemos. A começar pelo fato de que a passagem do tempo era percebida e marcada coletivamente, e mesmo o tempo singular e íntimo de cada um – a duração única do tempo de vida – não dizia respeito ao sujeito, tomado individualmente, pois o legado dos membros de cada geração haveria de sobreviver através das experiências transmitidas às gerações seguintes.

É no ato da transmissão que a vivência ganha o estatuto de experiência, (BENJAMIN, 1985b) A decadência das grandes narrativas corresponde à perda de referências que caracteriza a forma subjetiva do indivíduo, que se vê na condição desamparada de tornar-se autor de sua própria vida.

As atividades que favorecem a transmissão das experiências através das narrativas são executadas em um tempo distendido, diferente do tempo da produção mecanizada que caracteriza a implantação do capitalismo.

A tecnociência, símbolo desta época nos permite colocar em evidência certas mudanças radicais ocorridas no cotidiano do homem. São justamente alguns signos dessa reorganização, dessa readaptação do *habitat humano*, que nos arrastam irremediavelmente para uma nova forma de construção da socialização (DIBIE, 2008).

As crianças começaram a viver cada vez mais em espaços interiores, porém, sem que se possa ter acesso a elas, permanecem dentro das casas sendo moradoras impenetráveis ao contato familiar. Constata-se que elas deixaram radicalmente a infância e atingiram um espaço de dimensões planetárias e uma temporalidade que dificilmente ganha compreensão aos olhos dos adultos. Elas entraram no presente, em um futuro quase alcançável – nessa cultura midiática – na qual as noções de tempo e de espaço foram definitivamente embaralhadas.

As cibercrianças inventam novas solidariedades, organizam-se em comunidades de interesse lúdico, numa escala até então inimaginável. Elas estão em um espaço pessoal totalmente novo quanto à sua participação na produção de uma nova cultura. Nesse universo cibernético, ocorre novo tratamento ao tempo, horas transformam-se em segundos, numa velocidade espetacular para se preencher vazios de informação, explorar a lógica da simulação e agir de imediato.

O viajante do ciberespaço é um viajante que se desloca a partir de agora sobre um território fluido, o ciberespaço é um outro tipo de espaço, que se propõe a substituir o espaço dado por um espaço de dados, podendo idealizar e virtualizar a extensão do globo terrestre.



Clara Ferrão Tavares (2007) observa que, se o esforço de escrever e de ler parece reduzido entre os jovens de hoje, é preciso levar em conta o fato de que, no entanto, raramente uma geração tão precocemente leu e escreveu tanto quanto essa. Envolvidos em conversas bilaterais ou multilaterais, eles são obrigados a ler, a responder e portanto a escrever, sem, porém, apreciar os textos expostos. A atenção do internauta é constantemente deslocada, irrequieta, aberta para outras fontes, contudo com uma particularidade: o prazer de preencher e partilhar o que falta na informação dos conteúdos extratextuais e referenciais.

“É verdade que há uma nova maneira de ler e de escrever que se caracteriza pela rapidez, graças aos símbolos (os emoticons) e às abreviações usadas entre eles. A utilização fulgurante da internet dá uma ilusão de sincronia, da contração do tempo” (TAVARES, 2007).

Alguns filósofos contemporâneos que se dedicaram ao tema da pós-modernidade, como Lyotard (1979), também estabelecem uma relação entre o fim das grandes narrativas e a hegemonia do saber ligado às atuais exigências de eficácia da técnica. Para ele a desvalorização das narrativas, como meio de legitimação do saber, estaria marcada pela absoluta desconfiança em relação a todos os procedimentos de transmissão de saber. Lyotard pensa que as narrativas também transmitem formas rítmicas de marcação de tempo. Independentemente do sentido das palavras que contam a história, uma narrativa é uma forma linear e ritmada que se desenrola ao longo de um determinado tempo. Este é muito diferente das temporalidades simultâneas que caracterizam os procedimentos técnicos para os quais a vida contemporânea exige competência, e cujo paradigma se compõe pelas diversas ações comunicativas simultâneas permitidas pela estrutura de rede da internet, por exemplo.

É constatação comum que o mundo de hoje age mais sobre o homem do que o homem sobre ele, que não existe mais o tempo para se fazer o que se deseja, que não existe mais o tempo singular, e que imperativos do tempo fragmentado e individual agem sobre o homem. Já existe um tempo exemplar do qual o homem participa, onde ele é retirado de seu tempo local, a esse tempo chama-se velocidade.

Assim, a aceleração do tempo possibilitado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, que se difundam para todos os domínios da existência, nos registros do trabalho e do lazer. Define uma outra ordem de relação da subjetividade com a temporalidade. Isso porque a exigência da ação se torna mais premente do que há algumas décadas. (BIRMAN, 2000, p. 14).

É inegável que o ideal está hoje ao lado da rapidez, do instantâneo, da velocidade, já fazem jus a isso as viagens-relâmpago pela natureza cibernética; para muitos usuários o acesso cotidiano tem essa rapidez que acelera suas vidas, de formas porque não ditas,

planetárias? O fascínio e o poder da velocidade parecem ter êxito definitivamente sobre a idéia da sociedade morosa. De repente, quase todas as relações inter-humanas passam pelo uso das imprescindíveis técnicas da informação e da comunicação, das quais o homem tornou-se consumidor ávido e dependente.

Existem múltiplos motivos para o mal-estar e para o bem-estar que a sociedade tecnológica atual oferece, porém faz-se necessário, considerar particularmente a questão de que já se pode transitar em um novo tempo e outro espaço, porém de forma nunca vista em uma cultura – a cibercultura – que obriga o homem a tantas exigências! Só se pode entrar e pertencer a ela, quando se aceita o protocolo, sem poder desrespeitá-lo por um instante, senão o diálogo homem-máquina torna-se impossível, ou seja, é necessário curvar-se à disciplina de uma máquina!

A tomada de poder dessas técnicas na vida pessoal e profissional levou o homem a entrar gradativamente num novo espaço e numa nova temporalidade anunciada: o ciberespaço. Um espaço virtual que se propõe a dar-lhe acesso ao serviço universal e ao conhecimento, através de mil pacotes digitais alvoroçados que lhe são oferecidos. Norbert Wiener (1949, p. 286), o pai da cibernética, já havia anunciado “Teremos que modificar inúmeros detalhes do nosso modo de vida quando estivermos ligados às novas máquinas”.

A metáfora naval de Wiener pode ser encontrada na palavra utilizada para designar esse novo viajante: um cibernauta (do grego *kybeneté*, timoneiro, e *nauta*, navio), que é mais do que um tradicional navegador. A especificidade do cibernauta é de ser um viajante veloz e rápido. A máquina conduz à rapidez, cada vez mais rápido e sem apoio, sem o casco pesado de um barco equipado. Rapidamente, nos transformamos em “surfistas” eméritos, nos meandros infinitos do volume de dados. O conhecimento das correntes freqüentadas faz com que cada um desenvolva cartografias cognitivas (DELEUZE; GUATTARI, 1995) desse território fluido de conhecimento, como verdadeiros especialistas em fantasias passageiras.

Por trás da tela, as distâncias se dissolvem, os lugares se metamorfoseiam e as ações mudam de natureza. A internet muda consideravelmente a concepção da distância e da relação com o tempo. De fato, a distância física perde toda a pertinência, e a instantaneidade passa a ser a regra. A rede dissocia a materialidade e a possibilidade de ação, que pareciam inseparáveis. Os objetos imateriais tornam-se suportes da ação, da mesma forma que os objetos materiais no meio ambiente cotidiano. Pode-se hoje ter tudo e fazer tudo; tudo ao alcance de todos; essa presença-ausência que leva o homem a existir de outra maneira.

As experiências do homem neste mundo incerto e provocante nos obrigam a questão: o que é o homem no mundo? O que é feito da condição humana em um mundo que dedica

uma reverência fanática à tecnociência como se essa exercesse uma potência sobrenatural sobre ele? A resposta exige nossa atenção não apenas para a relação do homem com os outros homens, mas também com tudo o que é diferente dele, o mundo não humano; “o que era da ordem da ficção científica começa a dividir a nossa morada: seres híbridos, metamorfoseados artificialmente; constructos humanóides” (MIRANDA, 2007, p. 7).

Cientistas e pensadores identificam três áreas que afetam de maneira radical a natureza humana: a hipercomputação, a biotecnologia e a neurociência. Percepções de espaço e tempo são alteradas da mesma maneira que o próprio corpo. Revolução antropológica e metafísica, como quer o filósofo Jean Baudrillard com a “inauguração de um mundo sem o homem... e o desaparecimento do sujeito, seja do poder, do saber ou da história”, ou pelo menos sem o homem tal como o entendíamos até há pouco? A nova condição humana deve surgir nesse campo. (NOVAES, 2008, p. 17).

O que dizer das promessas – prestes a se tornarem realidade para muitos cientistas – de novos seres criados em laboratórios, de uma inteligência artificial equiparada à dos humanos, ou seja, diante dos transumanos? Que dizer ainda da biologia sintética, que pretende criar vida artificial, da convergência das nanotecnologias das técnicas da informação e das ciências cognitivas? E o homem em tudo isso?

A mutação tecnocientífica enriquece a cada dia nosso vocabulário. Agora temos que lidar com transumanos, pós-humanos, borgues, híbridos biotrônicos, próteses de cognição (que quer dizer controle da informação infundida em um sem-número de objetos, produção de artefatos dotados de autêntica inteligência artificial com os quais o homem passa a “dialogar”; cyborg híbrido homem-máquina-computador), redesenhos da forma humana e da forma da vida. Tudo isso a uma velocidade sem precedentes (NOVAES, 2008).

Para além da higiene de vida, a revolução da biologia molecular e da nano medicina, tecnologia na escala do milionésimo de metro aplicada à medicina, já começou. Éramos o fruto de uma “evolução darwiniana”, poderíamos nos tornar um conceito, conservando dessa teoria apenas a idéia de que seríamos verdadeiramente programados só para a reprodução. O corpo para além de como o conhecemos, já pode dar lugar a um sistema orgânico no qual se misturariam biotecnologia, nanotecnologia e sistemas de informação; enfim, um estado pós-humano.

Chips de um centímetro quadrado, de vidro ou de silício, sobre o qual são fixadas proteínas, já existem. Eles poderão também reagir sozinhos e restabelecer desordens metabólicas levando as substâncias para o lugar certo, na hora certa. Para um diabético, o chip poderá analisar a quantidade de glicose no sangue e, se ela estiver alta, ativar a produção de

insulina por meio de uma minúscula bomba implantada na cavidade abdominal (DIBIE, 2008). Os biochips, nascidos da aliança entre a biologia molecular e a microeletrônica, que permitem compreender e analisar o DNA e detectar as moléculas indesejáveis. Graças a um “nanodiagnóstico”, os médicos poderão tratar a doença bem antes da formação de um tumor. Rapidamente, os nanorrobôs circularão no nosso corpo para limpar as artérias ou contar, estimular e até mesmo substituir nossos glóbulos vermelhos. O certo é que, em curto prazo, esses chips que, além de analisar e diagnosticar servirão como identificadores, como um cartão bancário, cartão de transporte e serão usados pelo sujeito na contemporaneidade.

A questão do pós-humano está se tornando um tema ético, científico e econômico importante para os próximos anos.

A questão posta pela ciência na atualidade não se refere aos grandes enigmas sobre o ser, ou até mesmo pelas preocupações sobre o ter; o que ela, constantemente, lança a si própria é a questão sobre o poder: o que pode o homem? Até onde pode expandir o mundo, expandindo-se a si próprio?

Nesse sentido, a pergunta sobre a vida, sobre sua origem, vigência e término parece perturbar, tanto a nós – meros seres alarmados pelas fantásticas possibilidades que se abre a nossa frente –, como também aos estudiosos dedicados a desvendar esses mistérios.

Nesse panorama, estabelecer o que é a vida torna-se tarefa sempre irrealizada em sua totalidade, já que a ciência está nos defrontando com o que, antes, só nos ilustrava através das narrativas ficcionais literárias e cinematográficas.

A ciência não é mais uma brincadeira de faz-de-conta: ela está fazendo mesmo e, para nos aproximarmos de suas travessuras de modo menos aterrorizante, talvez seja interessante reconhecê-la enquanto um campo já imbricado em nossas vidas, do qual não podemos pensar em nos afastar, nem de não nos reconhecermos enquanto sujeitos a partir de sua pretensa dissolução. (TEIXEIRA, 2001, p. 32).

Resta saber como descrever uma sociedade em plena mutação. Como participar e observar essa alteração onde o acaso tecno-revolucionário arrasta as sociedades neste início do século XXI? O mundo está em ebulição, ele está cada vez mais indescritível, cada vez mais em movimento, cada vez mais impreciso com suas culturas móveis, efêmeras e mutantes.

A importância da construção da subjetividade passa necessariamente por canais extremamente diversificados e nos mostra que o sujeito da contemporaneidade utiliza-se de várias formas de seu pensamento, do seu conhecimento e das estratégias da criatividade para

um pleno desenvolvimento de suas características num mundo marcado por mudanças e incertezas.

O homem hoje é obrigado a adotar outro modo de relacionar-se com o espaço-tempo e reconhecer na atualidade experiências possíveis de realização. Não mais apagar o passado na direção de um futuro ou valorizá-lo engessado como tradição (COSTA, 2007). Afundar-se no tempo. Adentrar-se no tempo, cujas linhas estão se formando em tempos contemporâneos. Emaranhar-se nestas linhas, sem medo de tocá-las, sem medo de rompê-las, com perspectivas de criar nos tempos diversos a duração do instante presente.

O presente, instante gordo do tempo intensivo (BERGSON, 1964), construído por todas as contingências do passado e possibilidades do futuro que se fundem no instante podendo recriar sua duração.

A sociedade contemporânea nos mostra que as reivindicações das singularidades subjetivas não podem ser mais atendidas em termos de uma universalidade de subjetividade. Temos que dar conta de criar alternativas para a interatividade e a emergência criadora da subjetividade. (GRINSPUN, AZEVEDO, 2000, p. 36).

A aventura de superação do acaso, possibilidade de discernimentos de problemas, confrontação de angústias, torna-se hoje a experiência do homem no mundo em tempos de mutações; experiência possível através do investimento de criar, multiplicidade aberta e indefinida de conhecer novos modos de pensar ou, ao menos, de saber que se pode pensar de outra forma o hoje, em seus diversos tempos que se faz no tecido do Tempo e no cruzamento que se é permitido entre Cultura e História.

Esse estudo em continuidade tem a intenção de tecer algumas articulações possíveis entre as características psíquicas, que se evidenciam nas subjetividades contemporâneas, devido às novas formas de organização da família e dos laços conjugais. Se estas transformações foram fundamentais, transformando a dinâmica da família, sem dúvida, é preciso que se constate e afirme isso. Desta maneira é necessário delinear as mudanças ocorridas no campo da família hoje, sem as quais a leitura das especificidades psíquicas que se disseminam hoje perde não apenas qualquer densidade, mas também qualquer significação.

Portanto, para evidenciar os pontos de força que se apresentam nessas transformações da atualidade, é preciso descrever a estrutura familiar em sua complexidade social e histórica, dando destaque aos processos político e econômico que nela se condensam. Para isso, é preciso diferenciar as estruturas de família e valores emergentes na antiguidade, modernidade e na contemporaneidade, para que as singularidades presentes na construção do psiquismo possam ser delineadas.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza.(1934) In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense 1985a. v. 1. p. 114-119.
- \_\_\_\_\_. O Narrador (1934). In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense 1985b. v. 1. p. 197-221.
- BERGSON, H. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- BION, W. R. (1967). *Estudos psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro; Imago, 1988.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade, tempo e psicanálise. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, III, 4, p. 11-30, 2000.
- CASILLI, A. Posthumani nihil a e alienum puto, Le discours de l'hospitalité dans La cyberculture. *Sociétés*, Paris, n. 83, 2004.
- COELHO, H. M. B. *O vínculo no tratamento psíquico*. 2002. 334 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.
- COELHO, H. M. B.; OLIVEIRA, M. L. O vínculo analítico e sua evolução. *DOXA - Revista Paulista de Psicologia e Educação*, Araraquara, v. 8, n. 1, p. 31-52, 2002.
- COSTA, J. F. *O Vestígio e a Aura – corpo e alma na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção A lei do desejo).
- COSTA, L. A. *Brutas Cidades Sutis – Espaço Tempo da Diferença na Contemporaneidade*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- COSTA, L. A.; FONSECA, T. M. G. Do Contemporâneo: o tempo na história do presente. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p.110-119, 2007.
- DEBORD, G. (1960). *A Sociedade do Espectáculo*. São Paulo: eBooksBrasil.com, 2003

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995. v. 1.

DIBIE, P. Ondulações paranóides de uma época. In: NOVAES, A. (Org.). *As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações*. São Paulo: Ed. SESCSP, 2008. p. 241-262.

GRINSPUN, M. P. S. Z.; AZEVEDO, N. Subjetividade, contemporaneidade e educação: a contribuição da Psicologia da Educação. *Anuário do GT Psicologia da Educação da ANPEd*, n. 1, set. 2000.

KEHL, M. R. A Psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.469-496.

\_\_\_\_\_. Delicadeza. In: NOVAES, A. (Org.). *As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações*. São Paulo: Ed. SESCSP, 2008. p. 453-468.

\_\_\_\_\_. Melancolia e fatalismo. In: \_\_\_\_\_. *O Tempo e o Cão – a Atualidade das Depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 81-102.

KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LASCH, C. (1970) *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Tradução de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEVISKY, D. L. Adolescência e violência: a psicanálise na prática social. In: \_\_\_\_\_. *Adolescência pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. cap. 1, p.21-44.

LEVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LISONDO, A. B. D. Na Cultura do Vazio, *Patologias do vazio*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 335-358, 2004.

LYOTARD, J.-F. *Pós-Moderno*. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. Cap. 1.

MIRANDA, D. S. Contemporaneidade precária. In: NOVAES, A. (Org.). *As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações*. São Paulo: Ed. SESCSP, 2008. p. 7-8.

NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

NOVAES, A. Entre dois mundos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações*. São Paulo: Ed. SESCSP, 2008. p. 9-35.



PELBART, P. P. Subjetividades Contemporâneas. *Subjetividades Contemporâneas*, São Paulo, Ano I, n. 1, p. 4-11, 1997.

REBOUL, H. *Vieillir, Project pour vivre*. Lion: Cholet/SEP, 1973. (Texto não publicado).

ROLNIK, S. “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”. In: LINDS, D. (Org.). *Cultura e Subjetividade. Saberes Nômades*. Campinas: Papirus, 1997. p. 19-24.

SILVA, N. F. R. da. *Tempo e Experiência: Um estudo filosófico acerca da natureza do instante e da duração*. 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

TAVARES, C. F. Le temps, l’espace et les cultures. *Estudos de Lingüística Aplicada*, n. 146, abr.-jun. 2007. (Texto não publicado)

TEIXEIRA, L. C. Sobre Quimeras Contemporâneas, Ciência e Psicanálise. *Revista Mal-Estar Subjetividade*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 150-170, set. 2001.

WIENER, N. *Cybernétique et société*. Paris: Deux Rives, 1949.



## 2 “DE TEMPOS EM TEMPOS”... EIS A SUA FAMÍLIA!

“...Pela primeira vez na história, entramos em um mundo que, concebido pelo homem, certamente não é regido por ele, mais pela ciência poder...”.

(NOVAES, 2007, p. 6)

A necessidade de repensar os suportes que sustentam a compreensão da subjetividade contemporânea constitui a motivação central desse trabalho. As novas modalidades de subjetivação da sociedade atual nos revelam, que vivemos em um mundo perturbado e conturbado, diante do qual nossos instrumentos de leitura ficam insuficientes no que concerne à interpretação dos conflitos e da construção das relações humanas no cotidiano.

Nas últimas décadas, assistimos a constituição de uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é não só uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. De acordo com Birmam (2007, p. 23), “em todas essas novas maneiras de construção da subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada. No entanto, esse autocentramento do sujeito no eu assume formas inéditas, sem dúvida, se considerarmos a tradição séc. XVII”.

Com efeito, a subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridades e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade.

Nessa perspectiva, as formulações de Lasch (1983) e Debord (1967) sobre a existência de uma *cultura do narcisismo* e da *sociedade do espetáculo* são instrumentos importantes para que possamos realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade. É possível que estejamos vivendo uma época de esgotamento de tudo aquilo que tínhamos como representação de segurança, estabilidade e conhecimento.

A sociedade atual, dita pós-moderna, tem sido caracterizada por seu poliformismo, complexidade, desterritorialização e incertização. Afirma Baumann (2001) que estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.

Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de agüentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas. (BAUMAN, 2001, p. 57).

Para melhor compreensão do que está no fundamento da construção da subjetividade na atualidade, convidamos o leitor à um passeio pela História, um mergulho no tempo... *tempo esse muito, muito remoto...*

Eu disse: vai e vive feliz para sempre e lembra-me no tempo que o amor foi nossa presa. se não, te lembro agora: com violeta e rosas teci a tua trança: um o que só do seio alastra incêndios; teu colo eu quis guirlanda de flor corando flor; e unguentos raros - olor vindo de longe que só rainha aroma brilhei-te; minha mão te adormeceu na mais macia cama. (SAPPHO, 2001).

Estamos em plena Idade Média... e para se compreender bem a sociedade medieval, um bom caminho é estudar sua organização familiar. Aí está centrada a característica do Medievo: a dinâmica da relação familiar, é o modelo que define qualquer relacionamento desta época. Na legislação, nos costumes, todas as disposições tomadas tratam do bem da família, do interesse da linhagem – ou, alargando esta noção familiar a um círculo maior, ao interesse do grupo, da corporação, que nada mais é que uma grande família, fundada sobre o mesmo modelo da família propriamente dita. Os pais de família, unem em torno de si todos os seres que, por seu nascimento, fazem parte do seu domínio patrimonial. A história da feudalidade é a história de suas principais famílias, não é o homem que está no centro, porém seu grupo familiar, com suas conquistas e lutas alicerçadas pelo poder de sua genealogia.

Para melhor entender a importância desta base da sociedade medieval, composta de famílias, vamos brevemente compará-la, com outros modelos de agrupamentos de indivíduos.

Na sociedade greco-romana o homem (*vir*) é que conta; na vida pública ele é o cidadão (*civis*), que vota, que faz as leis e toma parte dos negócios do Estado; na vida privada ele é o proprietário de um bem que lhe pertence pessoalmente (*paterfamilias*), do qual ele é o único responsável e sobre os quais ele possui atribuições mais ou menos ilimitadas. Nunca se constata uma participação de sua família ou de seu parentesco nestas atribuições. Sua mulher e seus filhos lhe são inteiramente submissos e guardam um estado de menoridade perpétua; ele tem sobre eles, como sobre seus escravos ou sobre seus bens fundiários, o poder de usar e abusar (*jus utendi et abutendi*). A família parece só existir em estado latente; ela só vive pela personalidade do pai, ao mesmo tempo chefe militar e sacerdote-mor; e isso com todas as

conseqüências morais que decorrem, entre elas também o infanticídio legal. Aliás, na antiguidade, a criança é a grande sacrificada: ela é um objeto cuja vida depende do juízo e do capricho paternal. Ela está submetida a todas as eventualidades de uma troca ou de uma adoção, e quando o direito à vida lhe é cedido, fica na dependência do *paterfamilias* até a morte deste; mesmo então ele não herda de pleno direito, pois seu pai pode dispor de seus bens em testamento a seu grado. Quando o Estado se interessa por uma criança, nunca será para intervir em seu favor, mas tão somente para formar o futuro soldado ou o cidadão (OUTEIRAL, 1992).

Já, na Idade Média nada disso subsiste, nela o que importa não é mais o homem, mas a linhagem, existe uma migração clara nos valores sociais onde a preponderância da vida privada move-se para a vida pública.

Tal como se apresenta desde o século X, a sociedade assim compreendida tem como traço essencial à noção de solidariedade familiar. A família é considerada como um corpo onde corre, em todos seus membros, o mesmo sangue – ou como um mundo reduzido, com cada ser cumprindo a sua parte, consciente de fazer parte de um todo. A união não se estabelece mais, como na antiguidade romana, por uma concepção estatista da autoridade de seu chefe, mas por este fato de ordem biológica e também moral: todos os indivíduos que compõem uma mesma família são unidos pela carne e pelo sangue, seus interesses são solidários, e nada é mais respeitável que a afeição natural que os anima, uns pelos outros. É muito vivo o sentimento deste caráter comum dos seres de uma mesma família.

A união familiar se expressa na construção do próprio habitat da época que traduz este sentimento de união: a principal peça da casa é a sala; ela preside, com sua vasta lareira, às reuniões de família, a sala onde se reúnem para as refeições, para as festas de casamento ou aniversário e também para velar os mortos.

A soma de uma série de elementos sociais, econômicos e culturais permanecem estáveis por longos períodos de tempo, porém, *de tempos em tempos* ocorre um período de desequilíbrio, incertezas e instabilidade, delineando o anúncio de um outro período de transição, trazendo rupturas com o antigo, antes que uma nova acomodação e estabilidade ocorram. Assim foi a passagem da Idade Média para a Idade Moderna que não se realizou sem *traumas*, mas sim através de uma *turbulência* (BION, 1967/1994a).

W. Bion, psicanalista inglês, escreve sobre estes fenômenos sociais ao desenvolver os conceitos de *mudança catastrófica* (BION, 1967/1994b). Mudança catastrófica é uma expressão escolhida por Bion para assinalar uma conjunção constante de fatos, cuja realização pode encontrar-se em diversos campos; entre eles, a mente, o grupo, a sessão psicanalítica e a

sociedade. Os fatos a que se refere a conjunção constante podem ser observados quando aparece uma idéia nova; para Bion (1983), a idéia nova contém uma força potencialmente disruptiva que violenta, em maior ou menor grau, a estrutura do campo em que se manifesta. Uma estrutura se transforma em outra através de momentos de desorganização, sofrimento e frustração; o crescimento estará sempre em função dessas vicissitudes...

Dessa maneira, é necessário reconhecer as mudanças cruciais ocorridas *de tempos em tempos*, que influenciaram fortemente a produção da subjetividade inscrita na rede familiar. Avançando ainda em nossa viagem, *tempo não tão remoto*, mas, *tempo já próximo*, estamos então, no *tempo da modernidade*...

A família *moderna* se iniciou na passagem do século XVIII para o século XIX, identificando-se assim com o incremento do poder social assumido pela burguesia na tradição ocidental. Essa configuração de família foi denominada *nuclear ou burguesa*, indicando então com isso a sua ruptura com a família pré-moderna.

A família pré-moderna foi denominada *extensa* pelos historiadores e cientistas sociais, já que conviviam no mesmo espaço diferentes gerações, além do casal parental, acompanhado dos filhos e dos agregados. A *autoridade* do pai era quase absoluta e incontestável, como a figura do rei no espaço público, aliás, condensando então o *pater potestas* (ÁRIES; CHARTIER, 1991) o poder soberano estava no seu auge (FOUCAULT, 2009). A figura da mulher apresentada somente como mero apêndice nesta estrutura, corpo que se presta para a mera reprodução da prole, não obstante certos avanços face à mulher realizados pelo Cristianismo.

Ao longo do século XVIII algumas transformações importantes começaram a se evidenciar, no sentido da constituição de espaços de *privacidade* no campo da família. Assim, os pais começaram a possuir um espaço privado no interior da casa, no qual a *intimidade* seria preservada. Os filhos, que viviam anteriormente numa mistura promíscua com os pais, passaram a ter também um quarto privado. Na dependência dos recursos econômicos da família, os meninos e as meninas seriam também separados em espaços distintos, para impedir qualquer promiscuidade entre aqueles. As relações sexuais entre os pais, enfim, passaram a acontecer no espaço exclusivo da intimidade do casal, inscrevendo-se então nos registros do *secreto* e do *segredo* (ARIÈS, 1973).

Este conjunto de transformações convergiu para a constituição da família nuclear, na qual se inseriam agora tão-somente as figuras dos pais e dos filhos. O poder paterno foi então relativizado, mantendo-se ainda no espaço privado; mas tendo no espaço público os seus signos mais ostensivos. Porém, a figura do pai aludida pela figura da mãe, quando a criança ultrapassava

os limites esperados com a possibilidade do castigo. O discurso freudiano alude a isso o tempo todo, de maneira literal, referindo-se assim ao castigo e à castração (FREUD, 1933/1976).

Neste contexto, a figura da mulher foi reduzida à condição de mãe, de forma que a gestão do espaço privado da família ficou inteira ao seu encargo. Estava aqui incluída não apenas a administração doméstica da casa, mas também a gestão da saúde e da educação das crianças. Vale dizer, a figura da mulher-mãe se incumbia do espaço privado da família, e das articulações com as instituições médica e pedagógica. É evidente que ocorreu aqui um incremento do poder social da mulher, enquanto mãe, que se contrapunha ao poder paterno. No entanto, a relação entre esses poderes era ainda *assimétrica*, pendendo para o pólo do pai.

A hierarquia presente no processo familiar e escolar estava fortemente inscritas nesse processo psicobiológico da vida, ao mesmo tempo evolutivo e desenvolvimentista. A infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice foram assim destacadas nas suas especificidades biológicas e morais (BIRMAN, 2007)

Sabe-se que o que denominamos infância e adolescência foi uma invenção marcante do Ocidente, que ocorreu apenas na passagem do século XVIII para o século XIX (ARIÈS, 1981). Isso porque a produção da qualidade de vida da população dependia agora de um investimento maciço nestas idades da vida, nos registros da saúde e da educação. O *Capital* econômico e simbólico das nações estaria aqui então condensado. A qualificação vital dos adultos, enfim, estaria na dependência estrita da qualificação dos jovens.

Antes de mais nada, a figura da mulher-mãe era o objeto de uma experiência *sacrificial* em nome do investimento dos filhos. A libido da mãe se condensava na gestão da ordem familiar, onde os filhos consumiam toda energia feminina.

*Família! Família!*  
*Papai, mamãe, tia*  
*Família! Família!*  
*Almoça junto todo dia*  
*Nunca perde essa mania...*  
Titãs

A família patriarcal, constituída por grupos familiares de vários graus de parentesco – avós, tios, primos, etc – habitando espaços próximos e, às vezes, participantes de uma mesma atividade produtiva, oferecia à criança e ao adolescente uma rede familiar de proteção, no caso de dificuldades por parte dos pais, assim como um número maior de modelos para identificação. Com a rápida migração para os grandes centros urbanos

passamos a encontrar a família nuclear, constituída por um casal e um ou dois filhos, longe do grupo familiar de origem, anônimos, isolados e solitários na multidão das grandes cidades e desenraizados de suas culturas (OUTEIRAL, 1992). Constitui-se assim uma outra configuração da ordem familiar bastante diferente da família nuclear moderna.

Nos anos 50 e 60, do século XX, foi desencadeado um processo radical de transformação da estrutura familiar, que perdeu algum dos seus eixos fundamentais. O movimento feminista foi um desses desencadeadores, a medida que a mulher passou a pleitear um outro lugar e uma outra posição social, pois demandava a igualdade de condições com o homem.

A mulher obtém uma definitiva inserção no mercado de trabalho e o tempo com os filhos se torna menor do que nas gerações anteriores. As mulheres saíram de casa em busca de um projeto singular de identidade, mas, em contrapartida, os homens não voltaram para compensar e equilibrar a ausência materna. Com isso, as crianças passaram a freqüentar desde muito cedo as creches e as escolas maternas, que passaram a suprir a ausência das figuras parentais.

Nas últimas décadas assistimos então às novas configurações familiares: famílias reconstituídas, com filhos de casamentos anteriores e do novo casamento, tendo este fato social o reconhecimento com a lei do divórcio; temos também a possibilidade de uma mulher ter um filho sem relações genitais com um homem, através da fertilização assistida: o desenvolvimento tecnológico nos aporta novas estruturas familiares...

Todo este conjunto de transformações incidindo diretamente na economia mental das crianças, dos adolescentes, dos idosos, enfim da família, produzindo novas modalidades de subjetivação e de transtornos psíquicos, que passaram a caracterizar a subjetividade na contemporaneidade.

Há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como estabelecemos laços e ligações com os outros. É uma revolução que avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas. E como todas as outras mudanças do mundo contemporâneo, são permeadas de incertezas e não sabemos ao certo qual o resultado disso em termos de vantagens e problemas. (ARAÚJO, 2009).

Na sociedade humana desde os seus primórdios, sempre foi assim: durante um certo espaço de tempo, às vezes, abrangendo alguns séculos, uma série de elementos sociais, econômicos e culturais permanecem, aparentemente, estáveis até que em um determinado momento, que poderá ocupar algumas gerações, ocorre uma “ruptura”, surgindo momentos de instabilidade, incertezas e mudanças bruscas, e após uma nova etapa se estabelece. É possível,

pensam alguns autores, que estejamos vivendo um terremoto – a *condição pós-moderna* –, período de transição entre a *modernidade* e o que a irá suceder...

A pós-modernidade é um conceito multifacetado que chama a nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas que estão acontecendo neste final do século XX em muitas sociedades “avançadas”. Tudo está englobado: uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de movimentos sociais, especialmente os relacionados com aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competição entre os sexos. Mas a questão é ainda mais abrangente: estará a modernidade em si, como uma entidade sociocultural, desintegrando-se e levando consigo todo o suntuoso edifício da cosmovisão iluminista? (LYON, 1998, p. 12).

A era pós-moderna é também reconhecida como sociedade de consumo, era da imagem, sociedade do espetáculo, era do vazio, ou do homem light. Na visão de Lipovetzky (1997), caracteriza-se pelo individualismo hedonista, personalizado e narcisista; pela apatia; pela sedução generalizada – simulação com plena consciência de jogo; pela legitimação de todos os modos de vida, pela coexistência de contrários e pela inversão dos ideais. A verdade é soterrada, a violência social é banalizada, a insignificância avança. Há uma retração do tempo social e individual, um imediatismo do aqui e agora como valor em si próprio.

Tempo que rola numa rapidez inimaginável. Só que não rola mais para frente (como queria a concepção de história vigente até o Modernismo), rola para dentro das memórias informatizadas. E, nessas memórias, os documentos da (pré) história (pós) vão virando dados computadorizados, programados, arborizados, conectados em redes. Dados programados são dados eternamente repetíveis, substituíveis, voláteis. O que chamávamos de realidade ou vida vira rede-teia de conexões. Decifrar a realidade é decifrar suas teias. Ler estruturas e conexões. Aprender interstícios. (SANTAELLA, 1996, p. 93).

O conceito de virtual retoma a questão da atualização do tempo. Não se trata de um tempo eterno sem início e nem fim como pensava Aristóteles e também Einstein. Nem do tempo do eterno retorno. Trata-se do tempo em sua irreversibilidade. É no futuro do tempo real e na dependência da ação que o virtual se atualiza.

Buscamos assim, mediante ações, a atualização (ou não atualização) do virtual em uma tentativa de determinar o tempo futuro. E não é apenas o futuro que, pela virtualidade, se antecipa. O passado também se presentifica. O terapeuta conhece isto muito bem. Sabemos que o tempo cronológico de uma sessão de terapia é a possibilidade de atualização de muitos outros tempos: do pretérito revivido, do futuro que pode se perfilar com novos sentidos criando aberturas para o não vivido, escapando da repetição do passado.



*De tempos em tempos...* Na contemporaneidade vivemos todos os tempos em um só tempo. A pós modernidade tem esta característica; a coexistência de todos os tempos... Estamos imersos no tempo do desamparo, convivemos com o tempo da barbárie – onde é tão possível o pai matar uma filha, como um neto matar uma avó; estamos também no tempo da modernidade – onde o tempo do relógio uniformiza as pessoas, há um tempo para nascer, para crescer, tempo para viver e para morrer... Agora vamos a pós-modernidade, todos podem ser desejanter ao mesmo tempo, e a diferença entre a condição do adolescente e a que se faz presente no adulto e na velhice tendem cada vez mais a se esfumarem e até mesmo se apagar. Vivemos em um tempo sem demarcação de tempos, não existe demarcação entre as estações do ano; já não é tempo da primavera, assim como não existe a demarcação entre o infante, o adolescente e o adulto, cada um invade o tempo interno do desenvolvimento do outro.

O reino encantado chega ao fim. A criança vira paródia dos devaneios adultos na era pós-industrial. A infância talvez tenha sido a mais duradoura das utopias concebidas pela modernidade. Como tantos outros ideais imaginados nos últimos 200 anos, o do mundo maravilhoso das crianças também entra em crise na era pós-industrial e pós-moderna. O aumento da violência contra crianças e o da criminalidade infantil, o abandono e o sacrifício a que estão sujeitas no centro e na periferia do capitalismo, o excesso de produtos tecnológicos destinados ao seu consumo não fazem hoje mais o que explicitar o outro lado deste sonho: uma criatura perversa do próprio mundo adulto. (CALLIGARIS, 1994).

O Ocidente vive hoje não propriamente uma crise, das instituições políticas e culturais, das normas morais e éticas, da sensibilidade e das mentalidades, mas uma grande mutação, fruto de dois fenômenos incontroláveis, a globalização e a revolução tecnocientífica. Uma nova era, que dá nova configuração ao mundo, torna obsoletas as noções de saber, poder e história, e, com isso, a própria idéia do homem e seus valores. Lemos, por exemplo, na epígrafe de *Os Exilados do Diálogo*, um dos últimos textos publicados pelo filósofo francês Jean Baudrillard: Marx sempre disse que os filósofos se contentaram em interpretar o mundo e de que agora se trata de transformá-lo, mas, “hoje, não basta transformar o mundo. Isso já acontece de alguma maneira. O que é preciso, urgentemente, é interpretar essa transformação – para que o mundo não se transforme sem nós, e para que não se tornem finalmente um mundo sem nós” (BAUDRILLARD apud NOVAES, 2007, p. 5).

“O homem se sente estranho no próprio ninho que criou, além de que as línguas parecem estar crescendo muito mais velozmente do que a capacidade humana de adaptação a esse crescimento na readequação de seus valores éticos e estéticos” (SANTAELLA, 1996, p. 92).

“Lar, doce lar...” “estou de volta para casa”... enfim, tantas e outras falas, ditos e frases, que nos recordam a casa paterna, o porto seguro, um lugar onde chegar...condição cada vez mais rara nos dias de hoje e que nos remetem a outro tempo da história do homem.



Comumente, na atualidade, encontramos o homem lidando com a *falta*; a falta do lar, a falta da casa, a falta de uma família – qualquer que seja sua configuração – *falta* ao homem a possibilidade de um abrigo, onde ele possa deixar repousar seus conflitos, pensamentos e sentimentos que são arrastados pelas vivências ao longo de um dia - vida.

Sabemos que a pobreza da construção de interioridade está intimamente ligada à pobreza das relações intersubjetivas, que sem o exercício de convivência tomam a forma de relações de consumo e da posse do outro em lugar de relações interpessoais para a construção de sentido de uma existência. Exemplo disso é a ilusão que se cria de que a subjetividade possa ser construída artificialmente, via consumo de produtos. A ilusão é de que os problemas possam ser resolvidos sem uma participação direta do indivíduo, sem o tecer laborioso de pensamentos que o enfrentamento dos conflitos exige.

Estamos diante do homem pós-moderno, que na contemporaneidade encontra-se sem o abrigo do encontro e do contato emocional, sem possibilidade de integração interna frente às demandas externas do nosso tempo. É um homem *sem –teto-mente*, possui uma subjetividade fragilizada que vai perdendo a capacidade de sonhar seu projeto de identidade; demonstra desamparo e des-enraizamento e não encontra mais seu lugar na cultura atual, que já não oferece acolhimento às suas angústias.

Do homem das cavernas, ao homem da Antiguidade, da Idade Média, do Iluminismo e do Modernismo, encontramos em cada evolução as mudanças paradigmáticas, transformações essas que marcaram a passagem de um tempo para outro. Esse processo de revolução de certa forma, sempre denotou linearidade, uma linha contínua de avanços e saltos, gerando transformações na vida íntima e social; o homem estava no centro e o mundo e a ciência em função dele.

Na pós-modernidade, porém, não falamos mais de inovação e transformação impulsionadas para o bem do homem, falamos já de um processo de mutação do *homem* e do *mundo* em que vivemos.

Esse acontecer “de alguma maneira” é o trabalho da tecnociência. Pela primeira vez na história, entramos em um mundo que, concebido pelo homem, certamente não é regido por ele, mas pela ciência-poder. O grande problema que se põe é que não sabemos propriamente onde estamos e para onde vamos porque o movimento vertiginoso da revolução técnica escapa ao entendimento. É essa peculiaridade dessa mutação: se tomarmos o exemplo das mutações que nos precederam – o Renascimento e o Iluminismo –, veremos que elas foram acompanhadas não só de revolucionárias visões de mundo na política, nas artes, nas ciências, nas mentalidades e costumes, mas também deram origem a outras revoluções. (NOVAES, 2007, p. 6).

Hoje, no *mundo-casa* do homem ele não é mais essencial, o homem vai se tornando obsoleto, já pode ser descartado, os artifícios criados por ele, já são melhores que ele e geridos

por si só. De acordo com Bauman (2005), estamos na época dos refugos humanos, já sobram homens que são rejeitados pelas fábricas, escolas e famílias, homens a margem do avanço tecnológico, homens sem intenção de uso...

A velocidade impressa nas mudanças do mundo pós-moderno não favorecem a construção de tudo aquilo que exige tempo, e a construção do *Ser Humano* exige tempo... Todas experiências humanas que precisam de tempo ficam comprometidas, a amizade, a família, o amor “tudo que exige tempo hoje não tem lugar no mundo” (MATOS, 2007, p. 13); já não há tempo para os pais formarem seus filhos, não há tempo para se brincar na infância, não há tempo para os conflitos da adolescência, resta hoje uma dissociação do tempo onde a maturidade precisa chegar logo sem passar pela dependência – independência, onde a subjetividade interage com a precocidade das estimulações externas, onde o tempo coletivo das festas típicas e do encontro foram substituídos pelo tempo narcísico e digital.

Esse é o *tempo atual*, tempo de caos e transbordamentos, novos tempos de não-lugares e não fronteiras... (GIOVANNETTI, 2006) em momentos de grandes dificuldades uma boa saída é retornar à simplicidade. Em artigo recente, o autor trata da condição de hospitalidade na atualidade, nestes novos tempos de não-lugares e não fronteiras (GIOVANNETTI, 2006) Diz ele com ênfase na perspectiva intra-psíquica que precisamos desenvolver uma condição interna de *hospedar* os conteúdos que vagam sem continência dentro da nossa mente.

Falando sobre a hospitalidade absoluta, incondicional, Derrida escreve o seguinte:

Digamos sim ao que chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, que o que chega seja ou não cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou um morto, masculino ou feminino. (DERRIDA, 2003, p. 18).

Dizer sim ao que chega é uma condição de recepção do outro em si e de si em si mesmo. Dizer sim ao que chega *um ser humano, animal ou divino*. Trata-se de receber o que há de animal, de divino, de vivo, de morto, de masculino e de feminino, partes essas evocadas dentro de nós mesmos que carecem compreensão, partes que buscam integração em nosso íntimo, partes fomentadas violentamente nesta *família-cultura contemporânea*.

*De tempos em tempos...eis a sua, a nossa família.*

Nossa subjetividade é construída nesse tempo, com todas as interferências, riscos e conseqüências que decorrem dele. Que você, leitor possa continuar sua trajetória pela História que se constitui na construção da sua própria história, na construção da sua *família pós-moderna*.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. *Gênero e família na construção de relações democráticas*. In: Féres Carneiro, T (org) CASAL E FAMÍLIA: permanências e rupturas. SP, Casa do Psicólogo, 2005 p.9-23.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARIÈS, P.; CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da Renascença aos séculos das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Originalmente publicado em 1869).

BAUMAN, Z. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Identidade: Entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BION, W. R. *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1966.

\_\_\_\_\_. Ataques ao elo de ligação. In: \_\_\_\_\_. *Estudos psicanalíticos revisados - Second Thoughts*. Rio de Janeiro: Imago. 1994a. p. 109-126. (Originalmente publicado em 1967).

\_\_\_\_\_. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In: \_\_\_\_\_. *Estudos psicanalíticos revisados - Second Thoughts*. Rio de Janeiro: Imago, 1994b. p. 55-77. (Originalmente publicado em 1967).

\_\_\_\_\_. *Transformações: Mudança do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. Subjetividades contemporâneas. In: \_\_\_\_\_. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 171-196.

CALLIGARIS, C. O reino encantado chega ao fim. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1994. Caderno Mais!

D'AMARAL, M. T. O vigor da cultura comunicacional: O paradoxo moderno contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *Contemporaneidade e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996. p. 152-153.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Paris: Gallimard, 1967.

DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREUD, S. (1933). Novas conferências de introdução à psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22. p. 167-192.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21. p. 81-174. (Originalmente publicado em 1930).

GIOVANNETTI, Márcio de Freitas. “Hospitalidade na clínica psicanalítica hoje”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 25-32, 2006.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: A vida Americana numa era de esperanças em declínio*. Tradução de E. Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LYON, D. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.

LYOTARD, J.-F. *La posmodernidad*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996. (Originalmente publicado em 1985).

MATOS, O. Tempo e filosofia - É preciso reconquistar o tempo. *Caros Amigos*, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 11-13, 2007. (Edição Especial - Pós-Humano: O desconcertante mundo novo).

MENDES, C. *Baudrillard e a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2007.

NOVAES, A. Mutações – O mundo em nova configuração. *Caros Amigos*, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 6-7, 2007. (Edição Especial - Pós-Humano: O desconcertante mundo novo).

OUTEIRAL, J. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: \_\_\_\_\_. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. Cap. 14.

\_\_\_\_\_. *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

SANTAELLA, L. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988.

SAPPHO. 2001. Disponível em: <<http://www.starnews2001.com.br/safo.html>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

### 3 O TEMPO

*"Todas as coisas têm o seu tempo e todas elas passam debaixo do céu segundo o tempo a que cada uma foi prescrito. Há tempo de nascer e tempo de morrer. Há tempo de plantar. Há tempo de arrancar o que se plantou..."*  
(Eclesiástes; 3-1)

Desde os mais longínquos *tempos*, faz-se presente na mente humana as indagações a respeito da temporalidade. O *tempo* revela ao sujeito a verdade ameaçadora de que o *tempo* é inexorável e que na sua marcha incessante, destrói todas as coisas por ele produzidas. O *tempo* encerra em si mistérios e questionamentos cruciais ao homem desde a antiguidade.

Necessariamente quando pensamos em questões ligadas ao *tempo* nos remetemos a idéias, tais como, absoluto, finito, infinito, passado, presente, futuro, início, fim, morte, vida, duração, espaço, intervalo, etapa, fase, velocidade, direção, continuidade, regressão, fixação, movimento,...

Enfim o *tempo* inquieta desde sempre a humanidade, é e sempre será assunto de debate entre os filósofos e entre os cientistas. Entretanto, antes de abordar suas divergências, cabe-nos, dizer algo sobre o *tempo*. Trata-se de um problema que não é só da filosofia, da ciência, da história, da psicanálise ou das artes, trata-se de um problema do homem desde que ele começou a fazer perguntas. Assim, vamos falar do *tempo* mesmo sem poder defini-lo...

Começemos com a pergunta clássica: do que é que estamos falando, quando falamos do *tempo*? O que é o *tempo*?

#### 3.1 Os Pensadores e o Tempo

É constante a percepção de que a humanidade vive imersa numa tensão entre o efêmero e o eterno, uma batalha que é travada sutilmente em segredo na mente humana.

Origem e Morte. Este conflito sempre presente nas mais distintas culturas humanas e mesmo em sociedades que não tinham uma idéia sólida a respeito do tempo. Sempre houve uma preocupação intrínseca ao homem em preservar a si próprio e ao seu semelhante frente a morte, o que é sinal evidente do conflito temporal presente em cada Ser Humano.

É na Grécia que o pensamento acerca do tempo começa a ganhar dimensão maior e essa experiência do tempo é modalizada para atender aos mais diversificados ramos da experiência temporal. A tentativa de compreensão entre o passageiro e o eterno, se fazia presente em Zeus, com a ordem lógica, reversível e eterna das coisas; do outro lado, o ponto de vista voltado à Cronos, na sua ordem temporal, irreversível e efêmera. A partir desses dois protótipos mitológicos, o homem grego fundamentou suas ontologias e criou modelos interpretativos de sua circunstância, deles extraindo diretrizes para o entendimento do sentido de sua própria presença no universo.

Platão (427-348 a.C.) afirmou que o *tempo* nasceu quando um ser divino colocou ordem e estruturou o caos primitivo. O *tempo* tem, portanto, de acordo com Platão, uma origem cosmológica.

Platão procura estabelecer a distinção entre o “ser” e o “não ser”, em uma tentativa de estruturar a interferência do mundo no funcionamento subjetivo do homem.

Para Platão, “o mundo do ser” é fundamental e não está sujeito a mutações. Ele é, portanto, eternamente o mesmo. Este mundo, entretanto, é o mundo das idéias, apreensível apenas pela inteligência e pode ser entendido utilizando-se a razão. No mundo do “não ser” encontra-se as sensações, que são irracionais, porque dependem essencialmente de cada pessoa. “Para Platão este mundo é irreal” (CARVALHO, 1997, p. 17). O domínio do *tempo* estaria nesse segundo mundo, assim como tudo o que se observa no universo físico, tendo assim uma importância menor. Talvez possa ser dito que para Platão o *tempo* essencialmente não existe, uma vez que faz parte do mundo das sensações.

Outra resposta considerada à nossa questão a respeito do *tempo*, vem do século III, através de Santo Agostinho. Diz ele: o *tempo* é o tema mais banal de nossas conversas cotidianas, e não fazemos outra coisa senão falar disso. E, no entanto, se alguém nos pergunta sobre o que é isso de que tanto falamos nos vemos diante de um paradoxo:

O que é, por conseguinte, o *tempo*? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se o quiser explicar a quem me faz a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. (AGOSTINHO, 1984, p. 322).

Aristóteles, porém afirma que existe um ciclo em todas as coisas que possuem o movimento “natural de ser e deixar de ser”; argumenta que todas “estas coisas são regidas pelo tempo em começo, fim e recomeço, tudo isso em conformidade com um ciclo; porque o próprio tempo, que rege esse movimento, é pensado como um ciclo” (ARISTÓTELES apud

CARVALHO, 1977, p. 25). Enquanto o modelo agostiniano metafísico do tempo prioriza a ordem absoluta da eternidade fora do tempo, o modelo do tempo aristotélico propõe a eternidade do tempo recorrendo a sua modalidade cíclica.

Já, na mecânica newtoniana, o tempo é absoluto e uniforme. Absoluto por existir independentemente da matéria e do espaço, uniforme, porque ele transcorre da mesma forma, nem “mais depressa” “nem devagar” e independe do limite do espaço, da presença da matéria, do fenômeno físico que ocorra, ou de qualquer outra circunstância. Nas palavras de Newton: “o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e por sua própria natureza flui igualmente sem relação com nada de externo, e com outro nome, é chamado de duração” (NEWTON apud MARTINS; ZANETIC, 2001, p.17).

A problemática do tempo físico ganhou outra dimensão dentro do pensamento científico da modernidade, a revolução copernicana e a física matemática de Galileu trouxeram uma nova concepção de espaço e, com ela, uma nova descrição do tempo. O cientista italiano foi decisivo na superação da física aristotélica, inaugurando a descrição dos movimentos terrestres a partir das idéias de *relatividade dos movimentos*, movimento *compartilhado* e *composição* de movimentos.

Galileu foi o responsável pelo estabelecimento da lei da queda dos corpos, verificou que as atribuições de velocidade de um corpo em queda, próximo a superfície da Terra, são diretamente proporcionais ao tempo transcorrido. “Ao compreender essa dependência temporal – e não espacial – da velocidade de queda, ele introduz de modo definitivo o tempo no estudo dos movimentos” (MARTINS; ZANETIC, 2001, p. 42).

O tempo é, portanto, entendido com uma *quantidade mensurável* no estudo dos movimentos. Galileu preocupou-se com esse aspecto, buscando relatar a maneira pela qual media o tempo em suas experiências. A origem da exata contagem moderna do tempo foi descoberta por Galileu a partir de um processo periódico natural que pode ser repetido infinitamente e contado: a oscilação do pêndulo.

Galileu (1581) observava o candelabro da Catedral de Pisa, e comparou o intervalo de tempo para a repetição do seu movimento, – chamado de período da oscilação do candelabro – com o tempo de sua própria pulsação, percebendo que o período das oscilações permanecia o mesmo, ainda que sua amplitude fosse diminuindo. Esta observação de Galileu foi feita na época em que tinha 17 anos de idade e era estudante de medicina. A partir dela, construiu um pêndulo de comprimento padrão destinado a medir os batimentos dos pacientes em hospitais. (SILVA, 2003, p. 78).

A aplicação consistia em uma tábua com uma cavilha a qual se prendia um cordão com um peso em oscilação. Em certos lugares da tábua estavam registradas várias descrições



diagnósticas, como “febril” e “vagaroso”. O médico controlava o cordão oscilante com o dedo para fazer as oscilações entrarem em sincronia com o pulso do paciente e ler o diagnóstico indicado. Mais tarde, depois de muitos cálculos matemáticos nas experiências com pêndulos oscilantes, Galileu concluiu que cada pêndulo simples tinha seu próprio período de oscilação, dependendo do comprimento; mais tarde, pensou em usar o pêndulo no relógio para registrar mecanicamente o número de oscilações. Esse passo foi dado com sucesso anos depois, em 1656, pelo cientista holandês Christian Huygens, cujo relógio de pêndulo inaugurou a era da medida física do tempo com uma exatidão de segundos por dia.

Essa medição podia ser considerada simplesmente uma repetição numérica, mas foi também um meio de dividir de modo uniforme um dado intervalo de tempo – por exemplo, uma hora em 60 minutos – e, assim, era análoga à divisão de uma linha contínua de duração finita em um número de segmentos iguais. Conseqüentemente, a invenção do relógio mecânico que, se bem regulado, podia bater continuamente por anos a fio, influenciou muito a crença na homogeneidade e continuidade quase geométrica do tempo. (MARTINS; ZANETIC, 2001, p. 70).

Um último ponto que merece destaque dentre as considerações de Galileu é a representação do tempo que o autor define em seus teoremas e proposições utilizando-se de um segmento de reta. Em sintonia com essa representação, ele acreditava que o tempo era contínuo, com infinitos instantes.

A evolução do conhecimento nesse período solidificou as novas noções de espaço, tempo e eternidade na mentalidade moderna. O aparecimento da idéia de que a medida do tempo poderia ser estabelecida sem se referir a um movimento privilegiado existente na natureza foi contemporânea, ao aperfeiçoamento do relógio (séc. XV à XVII), e o seu funcionamento mecânico cada vez mais preciso, trouxe garantia para a contagem do tempo.

O tempo, nesse Momento, torna-se uma questão de medida e precisão técnica, tornando a questão de sua essência assunto relegado a poucos. O mundo atravessa uma grande revolução do pensamento, na medida em que vislumbra a paisagem de ordem e precisão, possibilitada pela grande janela do mecanicismo nascente. (SILVA, 2003, p. 147-148).

Neste dado momento da história onde os interesses estavam voltados para o tempo físico, surge nova compreensão a respeito do tempo levando alguns filósofos e estudiosos a elaborarem outras idéias; para Kant (1724-1804), o tempo, apesar de ser essencial como parte da experiência humana, é destituído de realidade: “tempo não é algo objetivo. Não é uma substância, nem um acidente, nem uma relação, mas uma condição subjetiva, necessariamente devida à natureza da mente humana” (KANT, 1971, p. 426).

Novas possibilidades em 1905, quando Einstein, ao formular a primeira parte da teoria da relatividade, mostram que espaço e *tempo* passam a ser um, dizendo que o espaço e o *tempo* mensuráveis na nossa experiência cotidiana são aparências, puras convenções. A partir da teoria da relatividade, se desvanece a ilusão positivista de que a física, concebida como mera prolongação e elaboração dos dados acumulados na observação direta, pode dar conta do cosmos em sua totalidade. A realidade passa a abarcar uma zona infinitivamente mais ampla que aquela capaz de ser controlada pelos sentidos; além de nossas faculdades perceptivas. A realidade não é captada apenas através da experiência sensorial do homem. Para Einstein as nossas faculdades perceptivas, limitadas em relação à totalidade do real existente, nos confundem e enganam; a imagem da realidade que elas revelam é uma ilusão (PENROSE, 1998).

No campo da psicanálise encontramos poucas referências diretas a respeito do *tempo*, diz Freud, “que em si mesmo, o *tempo* não é representável, assim como não podemos representar a diferença sexual, nem se representa a própria morte” (FREUD, 1915/1980, p. 310). E ainda “do *tempo*, nós podemos ter uma noção, mas jamais um conceito ou uma definição” (FREUD, 1920/1980, p. 13). Apesar do não aprofundamento desse conceito em Freud, a questão do *tempo* permeia toda teoria e técnica psicanalíticas.

Não é intenção nesse momento se estender sobre as questões referentes ao *tempo* na psicanálise, porém torna-se impossível não fazer menção as históricas que permaneceram na esteira do *tempo*, sofrendo com suas reminiscências e comentar ainda a importância do tema do trauma que foi determinante no destino da psicanálise por introduzir de maneira sem volta a sexualidade na etiologia da neurose, mas também por elucidar a subversão do *tempo* que a sexualidade introduz no processo de subjetivação (FREUD, 1909). É sobre a base do tempo que se pode pensar em memória, em repetição, em precocidade, em fixação, em regressão, em posteriormente, em processo, em continuidade, em deslocamento, entre outros temas temporais.

Ainda a respeito da transferência, conceito fundamentado justamente na questão temporal, oferecendo ao paciente uma atualização de suas vivências passadas, na relação atual com o analista; esta regra mestra encontrada e utilizada de forma singular em todos os *tempos* e autores da psicanálise (FREUD, 1905/1980).

A técnica psicanalítica desde sua origem até a atualidade, sempre se reportou em modalidades diversas e múltiplas formas de se lidar com o *tempo*; o *tempo objetivo*, seja no *tempo* regular da sessão, seja pelo enquadre, que define os dias e horários semanais para o encontro psicanalítico; o *tempo lógico* da sessão que não é o *tempo* do inconsciente, mas traz

a garantia que o *tempo* cronológico de uma sessão de terapia é a possibilidade de atualização de muitos outros *tempos*: seja do pretérito revivido, seja do futuro que pode perfilar-se com novos sentidos e criar aberturas para o não vivido, escapando assim da repetição do passado do paciente.

O *tempo* de elaboração de um paciente, sua hesitação diante de uma interpretação ou sua pressa em concluir um pensamento sem mesmo buscar compreensão do mesmo... Enfim precisaríamos de mais *tempo* para discorrer sobre esse assunto

Ainda buscando conhecimento sobre o *tempo*, em outra perspectiva, faz-se importante as idéias de Bergson a respeito desse tema. Para ele o *tempo* é duração, ou não é absolutamente nada. A duração não é pensada como permanência do mesmo, mas como continuidade indivisível e criação permanente do novo. A duração não é o processo contínuo pelo qual uma coisa se diferencia de outra coisa, mas o processo contínuo pelo qual um ser vai se diferenciando de si próprio, não é algo que se possa apreender através da inteligência, segundo Bergson (1990). Só podemos apreender a duração, o fluxo do *tempo*, pela intuição. A nossa inteligência tende a paralisar o devir, e seria um instrumento grosseiro para apreender a continuidade em mudança (BERGSON, 1990).

O autor ainda enfatiza, o que ele chama de processo de diferenciação, ou de atualização, isto é, de passagem do virtual para o atual. Não se trata de um programa prévio, e sim de um movimento criativo, numa dimensão potencial a vir a se realizar no presente. Ainda apresenta sua definição de subjetividade atrelando à indeterminação de um intervalo de *tempo* entre um estímulo e sua resposta. Essa indeterminação, essa perda de *tempo* é para Bergson a “condição da nossa liberdade e da nossa capacidade de criar de maneira toda especial; elas reúnem o passado, o presente e o futuro; elas resgatam o *tempo* e o espaço” (BERGSON, 1990, p. 109).

Os teóricos da imagem de acordo com Santaella e Nöth (1998), especialmente os franceses, fortemente influenciados pelas teorias bergsonianas da duração, tendem a considerar o *tempo* como uma dimensão inseparável da nossa experiência, quer dizer; como uma dimensão inextricavelmente psicológica. Mostram a distinção entre *tempo* objetivo e *tempo* experimentado e não recusam a evidência de que há um *tempo* fora de nós, o *tempo* extrínseco. Esse *tempo* cuja existência tem autonomia própria apresenta, pelo menos, três dimensões.

A dimensão cíclica que aparece nas fases de um ambiente, dentro do qual as espécies vivas se adaptam: dia e a noite, estações do ano, etc. Lévy (1998) considera no “Espaço das Mercadorias” este *tempo* de dimensão cíclica como sendo o *tempo* real, o relógio, o *tempo* do

transporte, o *tempo* do trabalho assalariado, o *tempo* vazio. Este *tempo* do real domestica o nosso *tempo* vivo chamado de *tempo* subjetivo. O *tempo* do real apropria-se do *tempo* subjetivo (LÉVY, 1998).

A dimensão das grandes ou pequenas rupturas que se manifesta nos cataclismos ou rupturas de continuidade que pode aparecer tanto no mundo biológico como no físico-cronológico é a dimensão cumulativa que representa o *tempo* que nos afeta, que deixa marcas na matéria, é por isso que envelhecem o nosso rosto e o nosso corpo.

Por fim, da relação entre *tempo* extrínseco e intrínseco surge a terceira divisão do *tempo* na imagem: o *tempo* intersticial, qualificado com o *tempo* que nasce entre o cruzamento de um sujeito perceptor e um objeto percebido, o *tempo* que é construído na e pela percepção, esta que é, antes de tudo, habitada de *tempo*, funcionando, conseqüentemente, como a grande provedora do *tempo*.

A realidade não é captada apenas através da experiência sensorial do homem. As nossas faculdades perceptivas, infinitamente limitadas em relação à totalidade do real existente, nos confundem e enganam; a imagem da realidade que elas revelam é uma ilusão. No nosso século, o provisório e o contínuo modificam permanentemente o presente. Todas estas realidades ou estas noções de contínuo/descontínuo, preciso/impreciso, limitado/ilimitado são concepções provenientes da expressão científica atual. As ciências, em suas múltiplas descobertas, começam a verificar a energia latente das coisas. O homem percebeu que, se ficasse preso ao mundo dos sentidos, não acompanharia a ciência.

### **3.2 A Ciência e o *Tempo***

Considerando-se que a pesquisa em ciência é um fato que preocupa o homem desde os mais antigos *tempos*, e que as preocupações com esse assunto são tão antigas quanto as da própria ciência, existe, incorporada ao acervo do conhecimento humano uma imensa gama de dados a respeito da pesquisa em ciência.

Kuhn (1989), em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, lança idéias de suma importância sobre a forma como se dá o desenvolvimento das ciências, analisando principalmente o mecanismo de substituição de um conjunto de normas, regras e princípios, por outros, que vem ser a base de todas as revoluções científicas, ou seja, a mudança dos grandes paradigmas. A ciência vive em torno de uma sucessão de paradigmas, ou seja, em

torno de conjuntos de teorias coerentes entre si e que não se contradizem. Mas os paradigmas não se mantêm eternamente. Ao longo do *tempo*, eles vão se esgotando, e, antes de serem substituídos, existe normalmente um período de crise, com dúvidas, desconfianças e contestações ao conjunto de princípios ainda vigentes, que são as pré-condições necessárias para a emergência de novas teorias.

Evidente que um paradigma, por ter sido substituído não perde sua validade científica; ele apenas cai em desuso. São inúmeras as perspectivas metodológicas nascidas neste século que subvertem a leitura clássica do mundo: Bachelard (1979), Feyerabend (2001), entre outros. A modernidade se inaugura sob o signo da descontinuidade, isto é, uma continuidade fundada numa ordem diferente das lógicas tradicionais. Os critérios de convergências e univocidade são subvertidos pela lógica da divergência e pela busca da ordem peculiar a cada evento.

Certamente isto deriva-se sobretudo pela nova forma de lidar-se com o espaço e o tempo, pois o tempo existe, independente e também para o pesquisador. O século XX caracteriza-se por ter uma história de rupturas comprometida com a precipitação do novo ancorado no futuro, e demonstra que seu mecanismo de desdobramento interno consiste em estabelecer (através do corte com o passado) novos percursos. Mas, ao romper, precisa fundar-se a si mesmo, estabelecendo sua própria história; portanto ao fundarem-se novas verdades, fundam-se outras possibilidades de sentido.

A incapacidade em abordar o *tempo* deriva, em parte, do fato de que a experiência temporal foi condicionada por um padrão de entendimento que se manteve inalterado até este século e mesmo tendo seus referentes conceituais completamente modificados, não foram ainda, digeridos pela humanidade.

A subjetividade precisa ser entendida no foco das dimensões de um novo paradigma que está surgindo nesta pós-modernidade, como diz Lyotard (1980) não apenas no sentido do conhecimento, mas no sentido do sujeito que está vivendo neste espaço-tempo. A contemporaneidade nos traz questões para reflexão do compromisso da ciência com o homem já que é essencial repensar a ciência no papel em que a subjetividade adquire outra concepção. Esta nova perspectiva precisaria rever seu objeto de estudo, pois como nos diz

Esta é a visão que temos que ter desta tessitura contemporânea: a busca de novas perspectivas. Precisamos, hoje, por um lado, entender esta sociedade contemporânea, com suas transformações, nuances, englobando mais, especificamente a questão da ciência, do conhecimento e da própria sociedade; por outro, devo permitir que os novos olhares surjam, a partir dessas novas dimensões científicas em favor da melhoria do sujeito que produz aquele conhecimento. (GATTI, 1998).

A emergência da subjetividade ocorre quando as ciências por si só não dão conta de um universo maior do homem no contexto em que ele vive sem fazer oposição do homem x objeto. Lyotard (1980) em seus estudos da pós modernidade vai nos dizer que os saberes em diferentes campos não conseguiram mais legitimar suas regras por filosofias universais da história. Para o autor, perderam legitimidade os discursos totalizantes e universais e que as práticas científicas, políticas modernas devem ser pensadas em termos da subjetividade.

Objetivamente o objeto não existe sem que o sujeito dele fizesse parte. O termo subjetividade veio englobar o que antes era chamado de psiquismo, eu- privado, homem íntimo, indivíduo psíquico e caracterizou esta relação sujeito/objeto não numa dimensão de pólos contrários, mas das relações que os mantém.

O sujeito se constitui numa relação com o outro sujeito e é construído pela integração do sujeito psíquico que possui uma história individual e, portanto desejos, sonhos e fantasias, e o sujeito social, concebido como o sujeito da história social que a produz e dela recebe as transformações necessárias.” (LYOTARD, 2008, p. 38).

Hoje os paradigmas da ciência buscam entender esses espaços da ordem e da desordem, numa complexidade em que o homem é chamado não mais a desvendar os mistérios desta realidade, mas sim a se comprometer com ela na medida em que dela faz parte. Foucault vai nos falar dos discursos, da cultura e de um regime de verdades que estão inseridos nesta nova abordagem da ciência. O sujeito passou a ter um novo lugar como produtor do mundo em que vive, ele pode e deve ter sua visão desse mundo diferenciada da visão do outro. (FOUCAULT, 1995).

Santos (1988) afirma ainda que os princípios da subjetividade- autonomia, liberdade, refletividade, responsabilidade - são amplos e que vão ao encontro da pluralidade, por isso desvelando as diferenças. A ciência que universalizava todos os conhecimentos de forma a dar um sentido de totalidade aos mesmos, convive, hoje, com uma ciência que admite a incerteza, a singularidade, a particularidade, o caos e a desordem.

Não se pode *inventar outros* para convivermos com os *novos tempos*, mas pode-se e deve-se entendê-los à luz da subjetividade construída nos espaços da contextualidade. Esta contextualização não só nos direciona para a compreensão da totalidade, mas para a ação setORIZADA e particularizada. Nenhum sujeito desenvolve suas ações no mundo globalizado; ele as faz num determinado espaço, extremamente localizado e particular. (SANTOS, 1988, p. 5).

Este século conheceu as conquistas tecnológicas e neste contexto, o esgotamento cronológico do século XX soma-se a um fato concreto: vivemos um momento de velozes,

desnorteantes e estupendas conquistas tecnológicas, que nos obrigam a rever nossos instrumentos de trabalho e nossas relações sociais.

Hoje, com efeito, os computadores e as velocidades velocíssimas recriam o mundo de uma maneira assombrosa. A passagem do século XX para o XXI, mais do que o fim das ideologias utópicas no plano social, talvez se faça assinalar pela fusão entre realidade real e realidade virtual. É como se desencantados das utopias revolucionárias prometidas pelo século XIX, agora partíssemos para a realidade virtual nos laboratórios e nas telas de cinema e dos computadores como forma de investimento utópico, artístico e tecnológico. “Enfim, vivemos um momento histórico em que estamos descrentes do caráter revolucionário das ideologias, mas confiantes na função transformadora das tecnologias” (MAKOWIECKY, 1999).

De forma histórica a sociabilidade que emergiu no período moderno e que consagrou o surgimento do conceito de indivíduo livre, bem como sua existência empírica, concretizou também a vigência de uma nova noção de tempo, em que este não é mais acoplado ao espaço, mas aparece de forma independente (GIDDENS, 1991). Não mais o tempo circular, mas o tempo linear, percebido como fluxo mensurável, divisível, homogêneo, uniforme; também, tempo progressivo, de acumulação, de racionalização, de conquista da natureza, vivido como sendo de crescimento ilimitado, de aproximação cada vez maior de um saber exato total (CASTORIADIS, 1982).

Observa-se um surpreendente desenvolvimento tecnológico e científico que atinge, a cada dia, patamares há pouco tempo considerados inalcançáveis e que são, por sua vez, rapidamente superados por novas conquistas.

Como resultado, a ideologia do progresso ininterrupto, que dava uma direção à história quanto aos projetos de futuro, bem como permitia às pessoas a percepção de viverem um “novo tempo”, está sendo hoje questionada ou, para muitos, já perdeu o sentido.

Nessas condições, o exercício da razão perde como objetivo primeiro a melhoria da vida da humanidade e coloca-se em função da busca do progresso pelo progresso ou por maior riqueza. Muitas vezes, o que parece perfeitamente lógico quando observado sob determinado aspecto, revela-se totalmente incoerente e ou irracional quando se analisam suas conseqüências, do ponto de vista do existir humano.

Contudo, a vivência do momento presente, para grande parte dos homens contemporâneos, antes de possibilitar a percepção de si como seres completos, indivíduos na extensão do termo, os faz sentirem-se como seres desconectados, sem raízes e sem perspectivas.

O reconhecimento desse marco contrapõe a idéia de eternidade, que norteava a vivência anterior, para a constatação da fragilidade humana. Da mesma forma, faz ressaltar a



noção do tempo como dimensão irreversível em oposição à sua percepção como repetição cíclica de situações, presente anteriormente. A perspectiva desse limite, aponta para a necessidade de vivência integral do momento presente, visto que ele é irrepitível, tornando urgente o aproveitamento máximo do tempo disponível, no sentido de preenchê-lo com acontecimentos, experiências e obras. Viver, converte-se em utilizar esse tempo disponível de forma a extrair dele resultados e satisfações o quanto possível. No reconhecimento desse processo, Max Weber (1958, p. 140) afirmou que, “no mundo moderno, os seres humanos podem sentir-se fartos, esgotados ou cansados da vida, nunca plenos dela”.

Considerando as mudanças que ocorreram na representação que a sociedade e o ser humano contemporâneos fazem de si, o caráter típico de nossa época vem sendo apresentado por vários autores como sendo a união artificial e passageira de um conjunto disperso de traços que não chegam a constituir um claro perfil humano. Por outro lado, o império do efêmero, a ênfase no instantâneo, que se tornou dominante, a importância de um “agora” despojado de significado, acabam por retirar toda a importância do passado, ao mesmo tempo que esvaziam a possibilidade de futuro. (OLIVA AUGUSTO, 1995, p. 91-105).

A noção de história, individual e social, que informou a emergência dessa sociabilidade, dessa temporalidade e dessa individualidade, a própria possibilidade da constituição de uma identidade esfacelam-se juntamente com a perda de sentido que a vida social apresenta, com a fragmentação cada vez maior do tempo e com a importância que a instantaneidade assume.

Cada época da história elabora, da melhor forma que lhe seja possível, mecanismos para enfrentar a questão do tempo em relação a vida e a morte do homem. A consciência dessa finitude e a necessidade de se manter *eterno* através das obras realizadas durante sua vida, propiciou ao sujeito da modernidade a forma de se colocar a par dessa verdade, o homem é transitório na cadência do tempo.

No momento contemporâneo, como a vida perdeu o sentido – à medida que desapareceu o sentido da própria história ou o próprio sentido da história – também não há significado para a morte. Há vários mecanismos que tentam afugentá-la, como se negá-la de alguma forma fosse garantia de sua não aproximação. Tratam-se dos mesmos mecanismos envolvidos no “fazer passar” a vida: o refúgio no imediato, a separação entre gerações, a perda do senso de continuidade.

Constata-se a revelação de um momento crítico: perda do sentido da vida, perda do sentido da morte, vida social sem significado, individualidade impossibilitada. Como refazer significações, projetar novos sentidos, reconstruir então a promessa de indivíduos livres?



Alguns autores apontam a possibilidade de redimensionar o tempo presente como alternativa de solução para as dificuldades de vida desta época. Tal redimensionamento exige a redescoberta do futuro, uma nova relação com a tradição e um enfrentamento diferente em relação ao tempo, pelo sujeito. Essa reação pode estar presente em nova organização interna, na duração do tempo de trabalho; na vida privada, “através de uma gestão do tempo pessoal, que dê lugar ao imprevisto, impeça o aprisionamento que o compromisso com a agenda ocasiona e que recuse também os mecanismos consumidores de tempo” (CHESNAUX, 1983, p. 52-53).

Acredita-se que a sociedade possa fazer emergir outras significações se for capaz de reconhecer que os homens do presente têm uma dívida em relação aos que os antecederam e aos que os seguirão. As dívidas em relação às gerações futuras são semelhantes às aquelas que se têm com as gerações passadas. Aqui está suposta uma outra maneira de ver o mundo.

Por outro lado, afirma-se ser inconcebível uma nova criação histórica que possa se opor, eficaz e lucidamente, a este informe e caleidoscópico mundo, espécie de bazar no qual vivemos, se não for instaurada uma relação nova e fecunda com a tradição. Esta não significaria a restauração dos valores tradicionais como tais ou porque eles são tradicionais, mas uma atitude crítica capaz de reconhecer valores que foram perdidos. (CASTORIADIS, 1990, p. 13).

Nesta abordagem, o passado é visto como a única referência concreta da qual pode-se dispor “para considerar a possibilidade de outras formas de organização social, ou seja, nele se podem procurar referências para um outro futuro e aqui também se encontra a idéia de que o passado pode ajudar a enfrentar o presente” (CHESNAUX, 1983, p. 53-54).

O pensamento iluminista apresentava como um sinal de progresso o rompimento de quaisquer vínculos com o passado, o que vai ser extremamente criticado pelo pensamento conservador, que encara o passado como fonte de vida e de sabedoria. A exigência da utilização do passado como referencial para novas experiências, é algo que merece análise mais atenta.

Qualquer das duas considerações supõe a vinculação do passado ao futuro, através do presente, e resgata a observação que, já no século XIX, Tocqueville fez a esse respeito: “Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia nas trevas”.

### 3.3 O Tempo e o Caos

“O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é uma brutalidade. O tempo é o tecido de nossas vidas” (informação verbal)<sup>1</sup>. Essa fala do professor Antonio Candido tem tido grande efeito na mídia e tem sido recorrente em discursos e escritos de cientistas sociais e psicanalíticos. O tempo é o tecido de nossas vidas e de fato é só isso que se tem, e o resto? O resto.... é o que fazemos do tempo!

Entre as sociedades tradicionais e as modernas pode-se dizer que uma das diferenças fundamentais entre elas, é a forma pela qual seus membros se relacionam com o tempo, ou ainda, a maneira como tecem suas vidas!

Assim, nas primeiras, o tempo tem uma construção cosmológica, inscrevendo-se nos ritmos da natureza e nos rituais das práticas sociais. No mundo grego e na Idade Média até o Renascimento tem-se a idéia do mundo perfeito. O que é o cosmos grego? É um todo, fechado, onde cada coisa ocupa o lugar que lhe é próprio na ordem da criação, o otimismo grego com a crença que o homem é destinado para a felicidade, e que ele pode escolher os meios para chegar até ela.

O universo não é habitado por nenhum desejo de autoridade, ele é perfeito, e a possibilidade de conhecimento é sempre no sentido de um aprimoramento de si, de um cuidado de si. A sobrevivência nesta época se dava, sobretudo, através do campo, onde os camponeses seguiam as estações do ano, as colheitas, a plantação, o tempo de trabalho qualitativo, o trabalho não acontecia antes do nascer do sol ou depois do pôr-do-sol, pois era considerado imoral, pecado, um desafio a ordem da criação.

Nesta sociedade os conflitos se ocupavam em torno dos conceitos de tempo cíclico e linear. “Os cientistas e eruditos, influenciados pela astronomia e pela astrologia, tendiam a enfatizar o conceito cíclico. A concepção linear era promovida pela classe mercantil e pela ascensão de uma economia monetária” (WHITROW, 2005, p. 25).

Pois enquanto o poder se concentrava na propriedade da terra, o tempo era considerado abundante e associado ao ciclo imutável do solo. Porém, com a circulação da moeda deu-se ênfase à mobilidade. O ritmo de vida aumentou, e o tempo passou a ser considerado algo valioso que parecia escapar continuamente, contrariando o pensamento que até então norteava o homem no mundo.

---

<sup>1</sup> Informação fornecida por Antonio Cândido em palestra na USP em, 1998.

O tempo é marcado pela permanência e circularidade, moldando para sempre o sujeito, que se constitui então pela insistência do mesmo. Nesse sentido, pode se afirmar que as ditas sociedades tradicionais não têm história, como nos disse Lévi-Strauss, pois o sujeito é marcado pela insistência do tempo e não inventa a temporalidade. (BIRMAN, 2000, p. 11-30).

Porém, quando se aproxima o séc. XVI e XVII, termina-se com a idéia de universo finito e entra em cena o universo infinito.

A idéia de limite, que é uma idéia grega, passa a ser entendida como barreira, como privação, e essa idéia de infinito e de deslimite inunda a contemporaneidade e se apresenta hoje, por exemplo, na base dos esportes radicais, das *performances* até a morte, da obesidade mórbida, do uso imoderado de drogas, enfim, todas as formas de excesso, do incontornável. Além do que a modernidade, a partir dos séc. XVII e XVIII, começa a privilegiar a paixão – a paixão em excesso; cultuada em nossa cultura que valoriza o excesso! (MATTOS, 2007, p. 13).

Com o advento da luz elétrica, no séc. XIX, o dia passou a ter 24 horas e o trabalho noturno entrou com a voracidade de consumir todas as forças do homem, até o fim. Antes, o homem da Grécia, da Roma, da Idade Média e das religiões tinha um tempo livre. Um tempo autônomo em relação às necessidades materiais da sobrevivência, um tempo dedicado à contemplação.

A experiência da temporalidade é intimamente ligada ao caráter subjetivo e psicológico do tempo. O tempo psicológico é a impressão do *antes* e *depois* que permanecem registradas na mente após uma vivência. O tempo pode ser acelerado em anos e pode ser extremamente longo em segundos; as experiências sobre o tempo são subjetivas e singulares. No mundo de hoje tem-se a impressão que existe *um não tempo*, uma experiência do tempo que não passa, talvez porque ele não se faz mais com experiências. A experiência supõe uma relação de conhecimento com valores e acontecimentos do passado que são transmitidos das formas mais diversas de geração para geração.

Os antigos tinham a idéia – meados do séc. XIX - de que era necessário resistir aos embates do infortúnio, reagir aos acontecimentos inesperados e catastróficos para continuar vivo. As parábolas e fábulas tinham esse sentido de ensinamento. Hoje não temos mais tempo para esse hábito coletivo das experiências dos sonhos, das expectativas. (MATOS, 1997, p. 18).

Hoje, já não se encontra a idéia do tempo livre, ele é preenchido de coisas, tornou-se um tempo inteiramente espacializado, não é mais qualitativo, ele não diz respeito a propriedades representativas de um acontecimento, de uma pessoa ou de um desejo. A idéia de que não se tem tempo é a forma mais perversa da alienação. Marx já dizia isso, a forma

mais perversa não é a alienação do trabalhador com relação ao produto do seu trabalho e ao sentido do trabalho, é a alienação do tempo (MARX, 1968).

Não ter posse sobre o tempo é, portanto ser determinado pelo tempo das coisas e não ter escolha sobre a própria vida; são mudanças na experiência do tempo e na maneira de vivenciá-lo.

Nesse contexto, institui-se uma separação cerrada entre a temporalidade do sujeito e a temporalidade do social. Em ambas, a quantificação e rentabilização da experiência do tempo se impõem ao sujeito. Este passa a ser regulado por engrenagens, produtivas e burocráticas, que realizam a *extração* sistemática do tempo. Com isso, o sujeito se esvai progressivamente da possibilidade de dominar livremente seu tempo, engolido que é pelas montagens quantificantes do social. Enfim, *time is money*, como nos revela um eloqüente e bem conhecido provérbio americano sobre isso. (BIRMAN, 2000, p. 267).

As formas de mensurar o tempo e de se apropriar do espaço podem converter-se em domínio sobre o dinheiro, do mesmo modo que o dinheiro pode ser usado para o domínio e a apropriação do tempo e do espaço. Desta forma, Harvey (2004, p. 207) esclareceu: “quem define as práticas materiais, as formas e os sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social”.

Verifica-se, assim, um vínculo constitutivo entre os modos de produção de um determinado momento histórico e as formas de apreensão e construção das categorias espaço e tempo. Segundo o autor, o contínuo aumento do lucro, objetivo maior do capitalismo, está diretamente relacionado com o aumento da velocidade dos processos, velocidade conquistada não somente com o aumento dos ritmos de produção, mas também com a reconstrução do espaço, para evitar barreiras e outros empecilhos à circulação de bens e serviços. “Essas transformações não atingem somente a produção, atingem principalmente as práticas de consumo, afetando de maneira direta a vida social: aceleração dupla da produção e do consumo” (HARVEY, 2004, p. 209). Essa aceleração atinge, na contemporaneidade, uma velocidade vertiginosa.

O tempo e o espaço são construtos sociais e também definem uma estrutura que contribui para o desenvolvimento das relações sociais; portanto são categorias básicas para a construção de um mundo social. A partir de experiências espaços temporais, constroem-se esquemas duradouros de percepção, de pensamento e de ação. Portanto as categorias de tempo e espaço formam um modelo comum de percepção da realidade, permitindo a construção de um mundo compartilhado, onde se desenvolvem as relações interpessoais, incluindo a linguagem, a comunicação e a ação conjunta.

Ao tratar desse espaço compartilhado e construído, Bauman (2001) destacou que não é possível compreender o tempo e o espaço independentemente da ação social, da mesma forma que as categorias tempo e espaço são produtos e produtores de ações sociais, pode-se dizer que são efeitos e fontes de poder social. O poder social se articula com o controle do tempo, do espaço e do dinheiro.

Como foi bem descrito por Foucault (1995), nessa forma de sociabilidade em que o produzir tem um tão grande destaque, instituiu-se progressivamente uma divisão cada vez mais esmiuçante do tempo, que tende a possibilitar seu aproveitamento integral. O que ocorre, em consequência, é a aceleração cada vez mais intensa do ritmo do tempo (FOUCAULT, 1995).

Têm-se hoje a percepção de que *o tempo voa*. A celeridade do tempo tornou obsoleto, senão quase impossível, o planejamento do futuro; da mesma maneira, acabou por impedir o aproveitamento bem sucedido da experiência passada. O *agora* se converteu em absoluto, o que exaspera a necessidade de consumí-lo exaustivamente. *Ganhar tempo e não perdê-lo* tornou-se uma obsessão das pessoas; elas são esmagadas pelos ritmos e pelos programas que lhes são impostos através das malhas sociais (OLIVA AUGUSTO, 1995, p.8).

Na medida em que o tempo se acelera e as distâncias encurtam, passado e futuro se dissolvem, ocorrendo o surgimento do reinado do presente, onde todo lugar está ao alcance de um instante, o que Harvey (2004) descreveu com o conceito de compressão espaciotemporal. O autor indicou com essa expressão os processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo, a ponto de forçarem as pessoas a alterar, às vezes radicalmente, a representação que possuem do mundo para elas mesmas. A palavra compressão está relacionada à “aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo que venceu as barreiras espaciais em tal grau que, por vezes, o mundo parece encolher sobre nós” (HARVEY, 2004, p. 219).

O que vemos nas últimas décadas é uma “intensa fase de compressão do tempo-espaço que tem tido um impacto desorientador e destrutivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural” (HARVEY, 2004, p. 257).

Ao tratar da compressão espaciotemporal, Bauman (1999) a relacionou com os processos globalizadores que estão em curso. O autor observou que os usos do tempo e do espaço são, ao mesmo tempo, diferenciados e diferenciadores, uma vez que, juntamente com as dimensões planetárias de negócios, finanças, comércio e fluxos de informações, há um processo localizador. Assim, o que para alguns é vivido como globalização, liberdade e movimento, para outros significa localização, fixação no espaço e “um destino indesejável e cruel” (BAUMAN, 1999, p. 8). São movimentos e mudanças que atingem, de forma

diferenciada e desigual, os diversos extratos da sociedade, gerando, também, distintos efeitos nas relações sociais.

Outra consequência da compressão espaciotemporal apontada pelo sociólogo, é que, uma vez que qualquer parte do espaço pode ser alcançada quase instantaneamente e a qualquer momento, nenhuma parte do espaço precisa ser privilegiada. Desta forma, o ponto de interrogação moveu-se do lado dos meios para o lado dos fins (BAUMAN, 2001). Dá-se, assim, uma desvalorização do espaço. Virilio (1999, p.114) considerou que o caráter sucessivo cronológico dos tempos locais é suplantado pela “instantaneidade de um Tempo mundial e universal”, e que “as tecnologias promovem a superexposição não apenas de toda a atividade, tornando-a interativa, mas igualmente de toda a verdade e de toda a realidade histórica” (VIRILIO, 1999, p.115). Segundo o autor, o Tempo-matéria, que seria o da realidade geofísica, daria lugar ao Tempo-luz, da realidade virtual, que modificaria totalmente a duração, provocando a aceleração de toda a realidade.

O autor ainda anunciou o fim da tripartição da duração – passado-presente-futuro – “o tempo que transcorre torna-se uma espécie de presente contínuo, de presente eterno” (VIRILIO, 1999, p.121). Isto acarretaria a perda do valor mediador da ação, em detrimento do imediatismo da interação. Ainda afirma o autor:

“[...] cada vez que desenvolvemos uma velocidade superior, reduzimos o valor de uma ação, alienando nossa capacidade de agir em proveito da de reagir, que é denominação menos otimista daquilo que atualmente chamam de interação” (VIRILIO 1999, p.120).

Pelbart (2000) ressaltou que o sujeito da contemporaneidade vive uma busca incessante por tempo livre e que, para isso, não pára de comprar aparelhos para que possa ser dispensado das tarefas que lhe ocupam o tempo. Contudo, nessa busca, ele passa a trabalhar mais para poder adquirir os aparelhos. Assim, paradoxalmente, para obter todo o tempo o homem perde todo o tempo.

O capital anteriormente se apresentava como um doador de trabalho, agora se apresenta como um doador de tempo, quando na verdade ele faz apenas o contrário, escravizando o tempo dos trabalhadores. O tempo livre virou tempo escravizado, tempo investido em ganhar tempo. (PELBART, 2000, p. 34).

A nova configuração do trabalho, para Lazzarato e Negri (2001), foi caracterizada como trabalho imaterial, o qual é reconhecido como a base fundamental da produção. Segundo os autores, “este processo não investe somente na produção, mas na forma inteira do ciclo reprodução-consumo: o trabalho imaterial não se reproduz (e não reproduz a sociedade)

na forma de exploração, mas na forma de reprodução de subjetividade” (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 30).

Esses processos de subjetivação desenvolvem-se através dos – acelerados e constantes – fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que as pessoas acessam freqüentemente, por meio dos quais elas absorvem modos de ver, sentir, pensar, explicar, experimentar, trabalhar; enfim, consomem e absorvem modos de viver que também são efeito das categorias tempo e espaço, assim como são reprodutores de efeitos para essas mesmas categorias. (PELBART, 2003).

As conseqüências das formas de conceitualizar o tempo e da compressão do tempo nas formas de trabalhar e viver contemporâneos foram investigados por esses vários pesquisadores. A contemporaneidade é portanto, caracterizada pela incorporação e aceitação do efêmero e do provisório, tornando comuns as imagens de aceleração, instabilidade, precariedade, metamorfose, fragmentação, imaterialidade, mixagem e outras que compõem a condição humana na atualidade.

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelariano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse. (HARVEY, 2004, p. 49).

Deleuze (1992), quando enfatiza a contemporaneidade como a disseminação da sociedade de controle, afirma que nessa sociedade nada se termina, nada se acaba, tudo permanece num constante estado de recomeço que não leva a lugar algum e retorna ao ponto de partida. Um processo de repetição que intensifica o tempo e mantém a vida sempre acelerada. A sensação constante de recomeço impressa nos dias atuais traz uma condição de fragilidade dos vínculos sociais e afetivos, rompendo com as tradicionais situações de estabilidade e segurança típicas das sociedades pré-modernas.

“De fato, pode-se definir a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do dismantelamento da ordem ‘tradicional’, herdada e recebida; em que ser significa um novo começo permanente” (BAUMAN, 2001, p. 20).

Há um outro traço que caracteriza o mundo contemporâneo: nas sociedades mais desenvolvidas, as pessoas pensam a si próprias como seres individuais e independentes, separadas umas das outras. Para elas, em conseqüência, sua vida que é isolada da vida dos



outros, que é hermeticamente separada do mundo, deve ter um sentido em si própria. Quando não são capazes de encontrar esse tipo de sentido, a existência humana lhes parece absurda e se sentem desiludidas.

Disto decorre – uma vez que se perdeu o sentido do pertencimento, sem a participação de um *nós* –, que, hoje, para a maioria das pessoas - a tradução subjetiva da significação da autonomia individual e da realidade que a sustenta é um profundo individualismo em que cada um se volta egoisticamente para seus desejos e expectativas e não reconhece no outro um semelhante. O resultado desse processo não é senão o crescimento desenfreado do consumo e do lazer, tornados fins em si mesmos, a fragmentação da vida em um conjunto de atos sem sentido e a extrema solidão que persegue as pessoas, ainda que vivam em sociedade.

[...] Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (trabalho, família, vizinhança) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono. (BAUMAN, 2005, p. 37).

Como foi dito anteriormente, cada momento histórico, cada sociedade, constitui seu tipo humano específico. Considerando todas as mudanças que ocorreram na representação que a sociedade e o ser humano contemporâneo fazem de si, o caráter típico de nossa época vem sendo apresentado por vários autores como sendo a união artificial e passageira de um conjunto disperso de traços que não chegam a constituir um claro perfil humano.

A precariedade da condição humana nas relações contemporâneas: desrespeito, violência, falta de solidariedade, individualismo extremo, competição desmedida... produzem a idéia de como se o outro estivesse de alguma forma em extinção, dando lugar ao desenvolvimento de uma espécie de eu solitário, carente de hospitalidade, errante, encontrando espaços de trânsito sociais, só de passagem, anônimos, não identitários, por onde o sujeito circula como um passageiro à deriva, que carrega em si toda a sorte das ditas patologias contemporâneas. “O homem se sente estranho no próprio ninho que criou”. (SANTAELLA, 1996, p. 92).

A velocidade das mudanças pode conduzir o sujeito a sensações de inadequação, como o sentir-se estranho ou estrangeiro consigo mesmo, justamente porque se operou o descompasso entre a realidade sensível e sua realidade expressiva. Tudo parece sem sentido. Dá-se uma espécie de estranhamento. A vivência desse estranhamento pode mobilizar a invenção de novas formas de existência, de maneira a reconstruir novas possibilidades de vivências. Mas, quando as pressões sobre a subjetividade tornam-se ameaças de



aniquilamento, de despedaçamento e ultrapassam o limite tolerável, dá-se o caos, a desorganização do mundo de significados humanos.

“O mundo em que vivemos”, capítulo de Herrmann (1997), nos fala em crise de representação: a representação perde sua credibilidade quando relacionada à fragilidade do símbolo no contemporâneo. O que nos interessa é a forma de subjetividade que, ao se constituir em meio à precariedade da ordem simbólica que caracteriza a cultura atual, dispõe de mediações simbólicas frágeis para conter a violência pulsional. Representação e realidade acabam por se superpor.

A mídia noticia a incidência crescente de pais que matam filhos e de filhos que matam pais. São crimes que retomam as tragédias gregas, tragédias que nos emocionam porque nos identificamos com seus personagens, presentes em mitos representados e atuados por protagonistas inseridos nas redes sociais dos dias atuais. Os crimes familiares contemporâneos rapidamente são divulgados pelos meios de comunicação, isso se dá de forma instantânea e em tempo recorde o horror se espalha pelos tele-jornais, com a violência imposta na cena cotidiana como trivialidade.

Dentro desta perspectiva, vivemos na Antiguidade e podemos retornar ao personagem mitológico de Chronos, que nos sobressalta ao devorar seus filhos, porém, vivo e interpretado na atualidade em cada ato paterno de violência à subjetividade de seus filhos, impedindo-os de crescerem, de terem acesso a vida física e simbólica. Encontramos nesse mito a dificuldade pela aceitação do Outro, enquanto alteridade; a negação pelo confronto de gerações, instalado no conflito canibalesco que traz a abolição das diferenças entre pais e filhos; não devemos estranhar que a pedofilia tenha se transformado em uma das obsessões contemporâneas. As crianças deixaram “de ser o signo por excelência do futuro, como eram no início do século XIX, e se transformam no objeto para o gozo imediato dos adultos, no imaginário contemporâneo” (BIRMAN, 2007, p. 99).

Assistimos ainda, o renascer de Zeus que mata seu pai e assegura-se da imortalidade; produção de mais uma ilusão na perversão da subjetividade, onde a crença da onipotência sem limites enclausura hoje o sujeito em uma redoma egocêntrica. O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do espetáculo (DEBORD, 1960) é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não se consegue a descentralização de si mesma. Dessa maneira, o sujeito alimenta-se do engrandecimento grotesco de si mesmo.

E, entre os mitos estruturantes, há um que se destaca por sua força fundamental para a existência humana à medida que traz questões relativas a problematização sobre o *eu*. Narciso

é o protagonista do *eu* para a cultura ocidental. É o dono de um dos conceitos mais evocados durante a vida do sujeito, ao mesmo tempo em que se esvai tão rapidamente.

O individualismo, o narcisismo, é o traço marcante da nossa época. Como mal-estar, não existe outro ponto que possa melhor suscitar polêmicas para nossa época. Da ética à moral, da simbolização ao ato, o que vemos é a grande evocação desse mito. A indiferença, o isolamento, a apatia, essas são as leituras do sintoma narcísico. O saber de nossa época carrega sua potência precisamente nas asas do virtual.

A potência de Narciso anunciava-se através de uma imagem virtual, dessa forma Narciso conhece a si mesmo e, partindo desse conhecimento, queima-se de desejo, de amor, por uma imagem fugidia que lhe serviu como matriz do que ele era: EU.

A construção do EU, na história do homem, não poderia emergir de outro lugar que não fosse a partir da concepção de um mito. Nesse sentido, os mitos perpassam as várias culturas e as várias civilizações, servindo, sobretudo, para a criação de uma referência para a existência do homem, marcando e demarcando os caminhos simbólicos que a humanidade persegue.

Estamos também no *tempo* da Modernidade; onde o *tempo* do relógio uniformiza as pessoas, cria-se uma disciplina e uma igualdade entre todos, sem a possibilidade de identidade e autonomia pessoal. “A pressão por uma programação rígida do tempo penetra o cotidiano da vida, tanto social quanto individual” (CHESNAUX, 1983, p.40).

A lógica dominante e as exigências da ordem social fazem com que o tempo apareça, agora, marcado quase exclusivamente pela linearidade, pela ênfase no quantitativo em detrimento do qualitativo, pelo acento utilitarista. Trata-se, fundamentalmente, de um tempo progressivo, centrado na eficiência, na necessidade do esgotamento exaustivo das virtualidades do presente. A temporalidade pessoal, não acompanha o pulsar célere do tempo exterior.

Dá-se então uma inversão; os seres humanos, dominados pelo ritmo externo, tornam-se suas vítimas, ao invés de regularem seu próprio tempo. Já não se percebem construtores de sua vida e de seu mundo; com isto surge a tendência a se disciplinarem-se de um modo completo e uniforme, em quase todos os aspectos e ocasiões.

Homens e mulheres tornam-se, assim, seu próprio relógio interior e o instrumento de sua própria servidão temporal. A disciplina apresenta-se como característica do modelo de auto-controle da sociedade contemporânea. Seu modelo de civilização é representado pela regulação do tempo que lhe é típica: já não é pontual e particular, mas penetra toda a vida humana, sem permitir oscilações. (CHESNAUX, 1983, p. 40).

Há *o tempo* para nascer, *o tempo* para crescer, para produzir, para ter os filhos, para adoecer...deste modo, estamos fixados no *tempo* linear e progressivo, porque temos ainda, feito da leitura do mundo e do auto-conhecimento um jogo de poder e dominação sem abandonar o hábito da polarização sujeito e objeto.

“A idéia de temporalidade dominante hoje é, ainda, fruto de um imperativo cultural comprometido com aquela ordem autoritária e formal que propõe o *tempo* como fenômeno-em-si, a priori e configurado externamente como seriação linear dos fatores” (PEREIRA, 1990, p. 44).

Ainda o *império do efêmero*, a ênfase no instantâneo, que se tornou dominante, a importância de um *agora* despojado de significado, acabam por retirar toda a importância do passado, ao mesmo tempo em que esvaziam a possibilidade de futuro. O homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, no tempo contado em décimos de segundo, que já não é possível conceder outras formas de estar no mundo que não seja as da velocidade e da pura pressa.

A urgência que a vida social imprime à experiência subjetiva do tempo, faz da temporalidade tecida,

[...] uma sequência de instantes que comandam sucessivos impulsos à ação, não sustentados pelo saber que advém de uma prévia experiência de duração, é uma temporalidade vazia, na qual nada se cria e da qual não se conserva nenhuma lembrança significativa capaz de conferir valor ao vivido. (LOMBARDI, 2008, p. 46)

Walter Benjamin (1934/1985a) aborda a diferença estabelecida entre experiência e vivência de modo a analisar o sentimento bastante empobrecido da vida nas condições superestimulantes e velozes da modernidade. Mais particularmente, o autor reflete sobre uma das dimensões fundamentais da experiência: a relação dos sujeitos com o tempo, que em comunidades pré-modernas podia ser muito diferente daquela que conhecemos. A começar pelo fato de que a passagem do tempo era percebida e marcada coletivamente, e mesmo o tempo mais singular e íntimo de cada um – a duração única do tempo de vida – não dizia respeito ao sujeito, tomado individualmente, pois o legado dos membros de cada geração haveria de sobreviver através das experiências transmitidas às gerações seguintes.

“Viver a vida sem ter de tomar para si o duro encargo de ser o guardião solitário de todo o vivido: tal possibilidade de deixar-se estar no fluxo temporal parece inatingível para os indivíduos desgarrados da temporalidade coletiva, no mundo contemporâneo” (KEHL, 2009, p. 163).

Em Benjamin, a experiência, que preserva sentido à vida e assegura de alguma maneira a sabedoria acumulada, perde sua função “quando as gerações futuras têm de

enfrentar um mundo irreconhecível para seus pais e avós” (BENJAMIN, 1934/1985b, p. 116) Nesses casos, fica dificultada também a avaliação do valor das coisas, das práticas sociais, dos hábitos, da moral. “Tudo parece possível, não porque o horizonte das possibilidades e da liberdade tenha se alargado, mas porque os critérios e os limites que davam sentido à vida foram destruídos” (BENJAMIN, 1934/1985b, p118).

A noção de história, individual e social, que informou a emergência dessa sociabilidade, dessa temporalidade e dessa individualidade, a própria possibilidade da constituição de uma identidade esfacelam-se juntamente com a perda de sentido que a vida social apresenta, com a fragmentação cada vez maior do tempo e com a importância que a instantaneidade assume do tempo empregado.

Constatamos que a subjetividade do homem contemporâneo é construída nesse tempo, nesse tempo e espaço pós-moderno, recebendo múltiplas interferências, riscos e conseqüências que decorrem desta época. Essa multiplicidade não evoca uma linha ou um fluxo de tempo, mas um emaranhado do tempo, um dobrar ou desdobrar de muitas linhas que convergem para a produção da subjetividade. Que o homem atual possa nesta multitemporalidade continuar seu percurso pela História, no tempo que lhe cabe para a construção da sua própria história.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1984.
- ARIÈS, P. *L'enfant et l'avie familiale sous l'ancien regime*. Paris: Seuil, 1973.
- ARIÈS, P.; CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da Renascença aos séculos das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BACHELARD, G. *O Novo Espírito Científico*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução de M. Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. (1934). In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense 1985a. v. 1, p. 114-119.
- \_\_\_\_\_. O Narrador (1934). In: autor. \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense 1985b. v. 1, p. 197-221.
- BERGSON, H. (1896). *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: MartinsFontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. (1907). *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade, tempo e psicanálise. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, III, 4, p. 11-30, 2000.
- CARVALHO, N. *A filosofia Medieval, o Renascimento e a Filosofia Moderna*. 1997. (Texto não publicado).
- CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, C. *La crise du processus identificatoire*. Connexions 55, Malaise dans l'identification. Toulouse: Erès, 1990.

CHESNAUX, J. *De la modernité*. Paris: La Découverte; Maspero, 1983.

DEBORD, G. (1960). *A Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: eBooksBrasil.com, 2003.

DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34, 1992.

FEYERABEND, P. *Diálogos Sobre o Conhecimento*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FOUCAULT, M. (1982). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* Tradução de P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir – nascimento na prisão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FREUD, S. (1905). A dinâmica da Transferência. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XII, p. 133-148.

\_\_\_\_\_. (1909). Cinco lições de psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XI, p. 13-58.

\_\_\_\_\_. (1915). Reflexões para o tempo de guerra e morte. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV, p. 311-339.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVIII, p. 17-90.

GATTI, B. O que é Psicologia da educação? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 21., 1998, Caxambu. *Anais...* Caxambu: GE - Psicologia da educação, 1998. (texto não publicado)

GIDDENS, A. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Tradução de A. U. Sobral e M. Stela. São Paulo: Loyola, 2004.

HERRMANN, F. *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- LASCH, C. (1970). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LAZZARATO, M.; NEGRI, A. (1997). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Tradução de M. Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- LIPOVETSKY, G. *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama, 1988.
- LOMBARDI, G. Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo da psicanálise. In: CONGRESSO DO FÓRUM LACANIANO, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2008. p. 46. Mimeografado.
- LYON, D. *Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- LYOTARD, J.-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- MAKOWIECKY, S. *O tempo e o espaço dos sem espaço e dos sem tempo*. 1999. (Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999).
- MARTINS, F. P.; ZANETIC, J. Acerca de um erro de Galileu (e Descartes): a introdução do conceito de tempo na análise dos movimentos. 2001.
- MARX, K. *O Capital*. Tradução de Reginaldo Sant Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MATOS, O. *Filosofia, a Polifonia da Razão*. São Paulo: Scipione, 1997.
- \_\_\_\_\_. Tempo e filosofia - É preciso reconquistar o tempo. *Caros Amigos*, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 11-13, 2007. (Edição Especial - Pós-Humano: O desconcertante mundo novo).
- MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G. et al. *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 15-24.
- NOVAES, A. O mundo em nova configuração. *Caros Amigos*, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 6-7, 2007. (Edição Especial - Pós-Humano: O desconcertante mundo novo).

OLIVA AUGUSTO, M. H. “O Moderno e o Contemporâneo: Reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte”. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 6, n. 1-12, p. 91-105, 1995.

OUTEIRAL, J. *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PELBART, P. P. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Vida capital*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PENROSE, R. *O grande, o pequeno a e mente humana*. São Paulo: UNESP, 1998.

PEREIRA, M. V. A atitude poética como via de acesso ao próprio tempo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, IV., 1990, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SANTAELLA, L. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem-cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados, São Paulo*, v. 2, n. 2, maio/ago. 1988.

SILVA, N. F. R. da. *Tempo e Experiência: Um estudo filosófico acerca da natureza do instante e da duração*. 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VIRILIO, P. (1999) *A bomba informática* (L. V. Machado, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade. (Obra original publicada em 1998).

WEBER, M. Science as a Vocation. In: GERTH, H. H.; WRIGHT MILLS, C. (Orgs.). *From Max Weber: essays in sociology*. New York: Oxford University Press, 1958.

WHITROW, G. J. *O quê é o Tempo?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZAMBONI, S. O paradigma em arte em ciência. In: PILLAR, A. D. et al. *Pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; ANPAP, 1993.



## 4 O TEMPO E A PSICANÁLISE

*“O tempo, o tempo, esse algoz às vezes suave, às vezes mais terrível, demônio absoluto conferindo qualidade a todas as coisas, é ele ainda hoje e sempre quem decide e por isso a quem me curvo cheio de medo e erguido em suspense me perguntando qual o momento, o momento preciso da transposição? que instante, que instante terrível é esse que marca o salto? que massa de vento, que fundo de espaço concorrem para levar ao limite? o limite em que as coisas já desprovidas de vibração deixam de ser simplesmente vida na correria do dia-a-dia para ser vida nos subterrâneos da memória; ela estava agora diante de mim, de pé ali na entrada, branco rosto branco filtrando as cores antigas de emoções tão diferentes, compondo com a moldura da porta o quadro que ainda não sei onde penduro, se no corre-corre da vida, se na corrente da morte...”*

(NASSAR, 1975, p. 99)

### 4.1 O Tempo do Sujeito

A condição humana há tanto tempo estudada, reconhecida e explorada, seja por questões sociais, políticas, culturais, médicas, éticas, artísticas, enfim um arsenal de conhecimento construído ao longo do tempo, onde a Ciência promete, mas não dá conta de esgotar a compreensão do psiquismo e do seu adoecimento, visto que ambos são produzidos e metamorfoseados constantemente sob as demandas e imposições de cada época vigente.

Esse limite para o entendimento da vida psíquica obriga-nos, portanto, na tentativa de melhor compreender a subjetividade e seus sintomas, buscar no sujeito o que lhe é mais íntimo e inerente quanto á sua especificidade humana. A indagação sobre a construção do psiquismo, sua origem e desenvolvimento sempre esteve presente nos questionamentos e registros sobre a existência humana e também na história da Psicanálise. Contudo, o anseio deste trabalho é retomar o interesse na constituição do psiquismo sobre a vertente do Tempo, a importância e determinação desse conceito no desenvolvimento da vida psíquica do sujeito, assim como sua presença sutil, porém sempre marcante na teoria e técnica psicanalíticas.

Para essa tarefa nada melhor que retornar a Freud para buscar a retidão de suas formulações iniciais, esperando que elas elucidem os caminhos mais próprios da Psicanálise em relação ao significado da concepção do tempo em suas questões e para que isso aconteça , guio-me por Laplanche (1993): Como progride o pensamento analítico? “Por repetição e

ruptura, por banalização e reafirmação, por circularidade e aprofundamento. Os momentos inovadores são também retorno à fonte. O aprofundamento é reafirmação de uma exigência originária” (LAPLANCHE, 1993, p. 52).

Temos interesse, portanto em melhor precisar a concepção de temporalidade implicada nas formulações psicanalíticas de Freud, investigando e propondo em seus escritos um entendimento da temporalização que já lhe são próprias. Apesar de Freud não ter formulado nenhum conceito preciso a respeito da definição do tempo, mesmo assim essas noções atravessam sua obra, havendo sempre uma idéia do tempo subjacente a qualquer modo de se pensar e de se praticar a psicanálise.

Vejamos então alguns aspectos na psicanálise para melhor ilustração e compreensão da presente pesquisa no anseio de conhecer o que se passa na articulação tempo e subjetividade, sem pretensão de esgotá-la.

A evidência do tema do trauma em sua primeira formulação está não somente no fato de introduzir de maneira inédita a sexualidade na etiologia da neurose, mas também no fato de formular a subversão do tempo que a sexualidade introduz no processo de subjetivação (FREUD, 1896/1980) Nestes dois aspectos o tema do trauma jamais foi abandonado, mas foi determinante do destino da psicanálise. Nesta primeira interpretação do trauma, já se anuncia mais que uma concepção da temporalidade; nela é perceptível uma singular compreensão da temporalização do tempo na constituição e estruturação da subjetividade, contida no termo *posterioridade* (*nachträglich*) envolvendo seu duplo sentido – progressivo e regressivo - para manter o vocabulário freudiano.

Anunciada a sexualidade como causa da neurose, está posto, a perversão da temporalidade, que não é simplesmente a experiência sexual precoce, mas sim tal experiência acontecida num momento específico: a infância. É, portanto a interseção desses dois momentos temporais -a precocidade da experiência e a infância- que se constitui causa da neurose (FREUD, 1896/1980).

Recorrendo dos aspectos psicológicos e metapsicológicos, vamos à noção de trauma, como o próprio Freud apontou:

Chamamos assim a uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou a sua elaboração pelos meios normais e habituais fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético. (FREUD, 1915/1969, p. 275).

Laplanche e Pontalis (1967/1983, p. 501) comentam essa perspectiva teorizada por Freud:

O afluxo de excitações é excessivo relativamente à tolerância do aparelho psíquico, quer se trate de um só acontecimento muito violento (emoção forte) ou de uma acumulação de excitações cada uma das quais, tomada isoladamente, seria tolerável; o princípio de constância começa por ser posto em xeque, pois o aparelho não é capaz de descarregar a excitação.

Com efeito, repetindo as expressões de Freud (1915/1969, p. 275) “uma experiência vivida, num curto espaço de tempo, acarretar perturbações duradouras” nos revelam a presença e influencia do tempo, sugerindo que a antecipação e intensidade de certas vivências ao psiquismo, quando ocorrem anteriormente ao seu amadurecimento, trazem uma ruptura ao processo contínuo e progressivo do desenvolvimento emocional, que em condições favoráveis, poderia seguir seu curso pelas etapas sucessivas da construção do psiquismo em favor de sua continuidade temporal, esquivando-se, portanto, daquelas ditas perturbações duradouras.

Freud foi o primeiro a se ocupar das perturbações do pensamento do ponto de vista psicanalítico. Emana, através de toda a sua obra, a importância que concede à fantasia inconsciente e ao desejo na gênese, evolução e conteúdo do pensamento. Em *Formulação dos dois princípios do funcionamento mental* (1911) estabelece a origem evacuatória do pensamento, assinalando, além do mais, que ela provê o meio adequado para restringir a descarga motora e aliviar o incremento de tensão produzido pelo adiamento dessa descarga.

Há certos parágrafos significativos que nos parece útil reproduzir aqui:

A maior importância adquirida pela realidade externa elevou também a dos órgãos sensoriais voltados para o mundo exterior e da consciência, instância ligada a eles; esta última teve de começar a apreender agora as qualidades sensoriais e não apenas as de prazer e desprazer... Constitui-se uma função especial – a atenção – cujo encargo consistia em sondar periodicamente o mundo exterior para que os fatos do mesmo fossem previamente conhecidos no momento de surgir uma necessidade interna inadiável.

[...]

A descarga motora, que durante o regime do princípio do prazer havia servido para descarregar o aparelho psíquico dos incrementos de estímulo e havia cumprido esta missão por meio de inervações transmitidas ao interior do corpo (mímica, expressão de afetos), ficou encarregada agora de uma nova função, sendo empregada para a modificação adequada da realidade e transformando-se assim em ação.

[...]

O processo do pensamento, surgido da mera representação, foi encarregado do adiamento, necessário agora, da descarga motora (da ação). Esta nova instância, ficou adornada com qualidades que permitiram ao aparelho psíquico suportar o aumento da tensão dos estímulos durante o adiamento da descarga. (FREUD, 1911/1987, p. 280-282).

Freud, portanto, foi o primeiro a assinalar que havia a necessidade de se desenvolver um aparelho psíquico para lidar com excesso de estímulos mentais e que, de uma forma ativa, esse aparelho pudesse elaborar esses estímulos que não podiam ser simplesmente descarregados. Ele afirma:

A decepção ante a ausência da satisfação esperada motivou o abandono de sua tentativa de satisfação por meio de alucinações (como é, no bebê, a “gratificação alucionatória do seio”) e para substituí-lo, o aparelho psíquico teve que decidir-se a representar intrapsiquicamente as circunstâncias reais do mundo exterior, e tender à sua modificação real. (FREUD, 1911/1987, p. 285).

Podemos verificar que Freud tocou nos pontos essenciais da formação dos pensamentos: a ausência (ou privação) do objeto necessitado; a frustração; a impossibilidade real de compensar com uma gratificação alucionatória; a internalização do objeto falante através de representações no ego e a busca de modificações no mundo real, através dos pensamentos e a partir desses, por meio das ações.

A contribuição mais importante de Freud para a teoria da formação do pensamento foi a sua descrição totalmente original do *processo primário* e do *processo secundário* (1911). O primeiro está diretamente ligado às experiências de satisfação imediata das necessidades básicas, portanto, inerente ao princípio do prazer. O processo secundário, por sua vez, está ligado ao princípio da realidade, o qual determina a formação do pensamento, portanto, as exigências da realidade promoverão a criação do pensamento verbal, com a finalidade de adiar a descarga pulsional e de melhorar os estados de desamparo que decorrem das frustrações.

Diante das novas exigências reais, o pensamento verbal da criança fica forçado a utilizar suas experiências vivenciais, em busca da condição de poder abstrair, conceituar, levando à expansão de uma nova capacidade: a do pensamento. O eixo central da formação do pensamento se dará através da maior ou menor capacidade da criança, em tolerar as frustrações decorrentes das privações. (COELHO, 2002, p 44).

Revedo *Formulação dos dois princípios do funcionamento mental* (1911), Freud escreve que a substituição instaura no psiquismo a possibilidade de já não “representar (apenas) o prazeroso, mas o real, ainda que desagradável” (FREUD, 1911/1987, p. 278). Tal modificação acarreta para o funcionamento psíquico uma dimensão temporal: em vez de presentificar imediatamente o objeto faltante na forma de uma alucinação, o aparelho psíquico passa a representá-lo como aquilo que não está, mas deverá retornar.

“A dimensão temporal é a primeira manifestação da falta que se apresenta ao recém nascido, e a organização da temporalidade é a primeira forma discursiva que é introduzida ao sujeito em seu contato com a realidade externa” (KEHL, 2009c, p. 274). Podemos dizer então que a simples alternância entre a presença e a ausência do objeto primitivo -a mãe- já introduz o sujeito no tempo, que lhe é apresentado em primeiro momento sob a forma de intervalos de espera e de saciação pelo objeto de satisfação. Faz-se importante observar, porém, que o reconhecimento da dimensão temporal adquirido pelo bebê vai sendo incorporado gradualmente através de sua rotina diária, hora da mamada, do banho, do sono, experiências vitais e sucessivas que vão compondo em sua mente a inicial concepção da temporalidade.

Pela psicanálise, pode-se dizer, que o psiquismo é rigorosamente, uma instância temporal, e que o trabalho psíquico nasce do intervalo de tempo entre tensão e satisfação de necessidades e que a aceleração ou a lentidão do tempo causada pelo outro, atropela ou atrasa o tempo de espera fundamental na constituição da subjetividade.

A inclusão da dimensão temporal, sob a forma subjetiva da espera de satisfação, marca a origem do sujeito psíquico. A primeira manifestação da onipotência do Outro primordial, para o infans, consiste em submeter a urgência da satisfação das necessidades do recém-nascido a uma certa demora. O psiquismo se instaura a partir do trabalho de representação do objeto de satisfação esperado, na tentativa de anular o angustiante intervalo de tempo vazio. Tal representação adquire, em primeiro lugar, a forma de uma substituição alucinatória (designada, em alguns textos freudianos, como identidade de percepção) do seio que tarda a se apresentar para saciar e tranquilizar o infans. Ante o fracasso irremediável da satisfação alucinatória da pulsão, o trabalho psíquico sofre uma mudança de qualidade que consiste em substituir a identidade de percepção por uma identidade mental. (KEHL, 2009b, p. 111).

Para Freud (1911/1987) o primeiro trabalho psíquico é o trabalho de alucinação - *representante coisa*- a criança reproduz essa vivência de forma alucinatória, o psiquismo investe toda energia do desconforto e da fome para reproduzir aquela sensação boa já experimentada. Imagem esta que evidentemente não mata sua fome, já que esta vivência não traz gratificação, mas se a criança continua chorando e a mãe aparece, com a repetição deste processo, permite-se á criança que progressivamente, não alucine mais que está acontecendo a mamada, mas mentalize o que ela deseja, criando uma imagem mental como representante ideativo do que deseja, este é somente um modelo para ilustrar que esta experiência de um intervalo temporal vazio, inaugura um sujeito capaz de criar, de produzir representações para o que lhe falta.

O trabalho de representar objetos faltantes na origem do sujeito é um trabalho sobre um vazio. O recém nascido não tem psiquismo, não tem teia de representações mentais, algo

lhe falta e sobre um nada, sobre um buraco vazio ele começa a trabalhar. Esse tempo de trabalho, Freud chama de *tempo de espera pela satisfação*, ou seja, o recém nascido ainda não é um sujeito em termos psicanalíticos (FREUD, 1911/1987).

A expressão buraco ou lacuna é usada também por Zimerman quando se refere à patologia do vazio ou das representações, alegando que em pacientes graves, os protopensamentos ainda não adquiriram uma significação, uma representação. Existe um estado psíquico provindo de vivências básicas e primitivas onde ainda não existe condições mentais para entendimento das experiências emocionais, portanto “[...] o pensamento permanece vazio a espera de um conteúdo que possa trazer uma realização” (ZIMERMAN, 1995, p. 93).

O pensamento permanece vazio a espera de um conteúdo que possa trazer uma realização; o recém nascido precisa suportar esse intervalo temporal, um intervalo de espera, entre a experiência que lhe possa trazer satisfação, que é a primeira mamada, - protótipo que vai se estender pela vida a fora de diversas maneiras na busca pela gratificação, - a primeira sensação de saciedade; como também a primeira experiência de falta, de desconforto, de tensão, sem ainda um objeto, sem a representação do que pode vir a satisfazer.

Dito de outra maneira: “[...] o sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro” (KEHL, 2009b, p. 112).

Pela construção freudiana, a criança sente extremo desconforto e chora; é o que ela pode e faz para descarregar a tensão, mecanismo de descarga que consegue trazer a mãe e que dá sentido de chamado, primeiro sentido de linguagem da criança que ainda não sabe disso; porém já associa o choro à presença da mãe e essa presença lhe corresponde à satisfação; ela já adquire um primeiro registro que não é a palavra, que não é a fantasia, que não tem nome, mas que é a marca dessa experiência.

O psiquismo sem tempo vazio fica impedido, em sua totalidade, de expandir seu potencial. A mãe que nunca falta, acelera o tempo que suprime esse trabalho psíquico, suprime o intervalo necessário do tempo de espera, não permitindo que esse sujeito se constitua. Então o sujeito psicanalítico em sua origem é tributário desse tempo vazio, que de início é aterrorizante, e gradualmente vai deixando de ser tão angustiante à medida que pode ser preenchido pelas representações mentais, utilizando-se logicamente também de sua memória e experiência em relação aquilo que está faltando.

Essa perspectiva do tempo que transforma as coisas e que o homem através do tempo se torna capaz de transformar as coisas, o ajuda a suportar os momentos de angústia e de

desânimo que a vida traz. O sujeito na diversidade simbólica com que a sua fome se apresenta, conhece o terror, os vazios, temores, angustias, medos, e este recurso mental de imaginar, fantasiar o que se precisa ou se quer, de vislumbrar a possibilidade de um futuro, que pode ser melhor, traz a possibilidade de suportar esse tempo vazio através do desencadeamento de idéias e da representação mental. Isso é que faz do tempo um percurso.

O tempo é sempre um percurso, é sempre uma vivência subjetiva; transcorre de um passado longínquo ou recente, de onde ainda sobram restos, marcas e lembranças em direção a um futuro que vai se tornando representável.

Aqueles que procuram a psicanálise, talvez estejam em busca de tempo e se propõem á esse percurso graças ao que ela lhes oferece “a possibilidade de um reencontro do sujeito psíquico com a temporalidade perdida a começar pela recuperação da experiência atemporal das manifestações do inconsciente” (KEHL, 2009a, p. 17).

Nos tempos inaugurais da psicanálise os analisandos recebidos eram portadores de sintomas específicos, no sentido analítico. Como tal, “o sintoma seria uma formação de compromisso entre os registros da pulsão e da defesa, de origem traumática ou não” (FREUD, 1905/1980, p. 283) e por causa dele a escuta psicanalítica se constituiu legítima, tanto do ponto de vista teórico quanto do clínico.

A idéia, portanto, que prevalece é a de que o mal-estar, ou o sofrimento psíquico no sujeito é que impulsiona a construção da psicanálise; a experiência do homem em busca de gratificação em suas demandas, ritmos e urgências, asseguram a diversidade das modalidades de satisfação que as diferentes culturas permitem ás exigências pulsionais. Exigências essas que encontram manifestações ora na normalidade, ora na patologia, melhor dizendo no sintoma – que em nosso caso tem importância fundamental na articulação com a temporalidade.

Os modos de estruturação e percepção subjetiva do tempo são também conseqüências das formas de regulação social permitidas à pulsão, que busca e demonstra distintas possibilidades de expressão de como vivenciar a experiência da passagem do tempo. Essa experiência revela a dinâmica do sujeito e a relação que consegue estabelecer com o tempo de suas necessidades, sua maior ou menor tolerância para a obtenção da satisfação e tentativa de anular o angustiante intervalo de tempo vazio. Ao desacordo da relação do sujeito com o tempo do seu desejo chamamos de sintoma.

Essa pesquisa traz a proposta de destacar o aprofundamento do estudo sobre a interação do *tempo* na construção e desenvolvimento da *subjetividade*, de forma particular através da revisão dos três modelos fundamentais do movimento psicanalítico, pela teoria de



Freud, Klein e Bion na tentativa de vislumbrar através dos tempos, como cada autor trabalhou a questão frente ao entendimento e origem dos *sintomas* na articulação com a temporalidade, aqui entendida, portanto como as formas de organização e percepção subjetiva do tempo.

Podemos dizer que a história da clínica psicanalítica não só é marcada, mas também norteada pela inquieta busca de compreensão a respeito do sofrimento psíquico. Em 1905, quando Freud faz uma definição do sintoma, já podemos antever a proposta de que a influência do tempo e sua determinação no mundo emocional do sujeito é mais presente do que até então tínhamos conhecimento. Vejamos em os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

A eliminação dos sintomas de pacientes histéricos pela psicanálise funda-se na suposição de que esses sintomas são substitutos – transcrições, por assim dizer – de diversos processos psíquicos, desejos e vontades emocionalmente carregados de energia libidínica que, por obra de um processo psíquico especial (repressão), foram impedidos de obter descarga em atividade psíquica admissível para a consciência. Estes processos psíquicos, portanto, mantidos num estado de inconsciência, lutam por obter uma expressão que seja apropriada à sua importância emocional – para obter descarga; e no caso da histeria eles encontram tal expressão (por meio de processo de ‘conversão’) nos fenômenos somáticos, isto é, nos sintomas histéricos. (FREUD, 1905/1980, p. 129).

Ainda em Inibição, Sintomas e Ansiedade, Freud (1926/1980, p. 114-115) afirma que: “Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primeiras, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos”.

As definições acima descritas estão totalmente alicerçadas na temporalidade, vejamos com atenção; *esses sintomas são substitutos – transcrições*; obviamente, em relação a algo já acontecido no passado, portanto *mantidos num estado de inconsciência*; em latência, sem expressão no estado atual e ainda, os estados afetivos, *como precipitados de experiências traumáticas primeiras* e que são *revividos como símbolos mnêmicos*; revelam idéias subjacentes referentes tanto ao primeiro e segundo acontecimentos, considerando-se um espaço de tempo entre eles, com a possibilidade de serem retomados na memória, devido a uma situação parecida vivenciada. Enfim idéias como precocidade, antecipação, repetição, lembranças, memória, transmissão, acontecimento, latência, manutenção, substituição, conceitos contidos, todos eles na linha do tempo e nos primórdios da Psicanálise. Continua ainda o autor:

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação instintual que permaneceu em estado latente; é uma conseqüência do processo de repressão. A repressão se processa a partir do ego quando este – pode ser por ordem do superego – se recusa a



associar-se com uma catexia instintual que foi provocada no id. O ego é capaz, por meio da repressão, de conservar a idéia que é o veículo do impulso repreensível a partir do tornar-se consciente. A análise revela que a idéia amiúde persiste como uma formação inconsciente. (FREUD, 1926/1980, p. 107).

O sintoma em Freud guarda a idéia de manter-se em uma temporalidade latente, já que a pulsão não conseguiu a tempo sua satisfação e desde então está em seu aguardo, expressando-se pelo retorno das substituições e transcrições dos processos psíquicos no decorrer de um tempo cíclico que vai, mas volta. As manifestações inconscientes comportam fixações ou regressões, consideradas como emperramentos de um processo que, em condições favoráveis, permitiriam ao sujeito seguir seu caminho rumo à maturidade emocional. Contudo a idéia da repressão dos conteúdos mentais nos remete ao tempo estagnado, onde desejos e vontades permanecem conservados, inertes, paralisados em um distante passado, sem força de expressão no tempo subjetivo do sujeito, conteúdos esses que foram bruscamente desligados e permaneceram à deriva no mundo interno sem conexão alguma com seu representante ideativo, restando-lhes somente a presentificação através dos sintomas.

A primeira fonte externa de ansiedade pode ser encontrada na experiência do nascimento. Essa experiência, que, de acordo com Freud, fornece o padrão para todas as situações de ansiedades posteriores, está fadada a influenciar as relações do bebê com o mundo externo:

No homem e nos animais superiores pareceria que o ato do nascimento, como a primeira experiência de ansiedade do indivíduo, imprimiu ao afeto de ansiedade certas formas características de expressão. Mas, embora reconhecendo essa vinculação, não devemos dar-lhe ênfase indevida nem desprezar o fato de que a necessidade biológica exige que uma situação de perigo deva ter um símbolo afetivo, de modo que um símbolo dessa espécie teria em qualquer caso de ser criado. (FREUD, 1926/1980, p. 115).

Na literatura psicanalítica, outros autores fundamentam teoricamente a importância das primeiras experiências do início da vida como requisito essencial à formação do psiquismo, visto que essas vivências em sua temporalidade compatível a estrutura interna do sujeito lhe trará possibilidade de melhor construção do aparelho mental, ou então, a experiência precoce delas afetará o desenvolvimento emocional, acarretando em sintomas. Em 1960, Klein em seu texto *Sobre a saúde mental* – inclusive, último artigo a ser escrito por ela – relata com clareza:

A força de caráter se baseia em alguns processos muito antigos. A primeira e fundamental relação, na qual a criança experimenta sentimentos tanto de amor quanto de ódio, é a relação com a mãe. A mãe não apenas se apresenta como objeto externo, mas também o bebê a toma para dentro de si (introjeta, segundo Freud)

aspectos de sua personalidade. Se os aspectos bons da mãe introjetada são sentidos como predominando sobre os aspectos frustradores, essa mãe internalizada se torna alicerce para a força de caráter, pois o ego pode desenvolver suas potencialidades sobre tal base. (KLEIN, 1960/1991, p. 306-307).

Existe nesta abordagem a idéia da total influência das primeiras experiências emocionais, *processos muito antigos*, que darão prosseguimento e continuidade a um processo bem sucedido em função da capacidade do bebê:

[...] para lidar com a ansiedade que em alguma medida é determinada por seu desenvolvimento anterior isto é, pelo grau em que, durante os primeiros três ou quatro meses de vida, foi capaz de incorporar e estabelecer dentro de si o objeto bom, que constitui o núcleo de seu ego. (KLEIN, 1952, p. 100-101).

Ao introduzir formalmente o conceito de identificação projetiva no artigo *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*, Klein simplesmente acentua sua firme adesão à idéia de que existe um mundo interno, isto é, um mundo de objetos internalizados estabelecido desde o início da vida no interior dos indivíduos, que afetará seu acontecer psíquico. Os indivíduos são concebidos por Klein através das relações de objetos. Vejamos:

Tenho expressado com freqüência minha concepção de que relações de objeto existem desde o início da vida, sendo o primeiro objeto o seio da mãe, o qual, para a criança, fica cindido em um seio bom (gratificador) e um seio mau (frustrador); essa cisão resulta numa separação entre o amor e o ódio. Sugeri ainda que a relação com o primeiro objeto implica sua introjeção e projeção e, por isso, desde o início as relações de objeto são moldadas por uma interação entre introjeção e projeção, e entre objetos e situações internas e externas. (KLEIN, 1946/1991, p. 21).

O bebê e a mãe relacionam-se desde o início da vida. De acordo com a essa linha de raciocínio, o bebê sente, como ansiedade, as forças conflitantes das pulsões de vida e de morte, (grandes tendências que governam a vida psíquica) e, por isso, se relaciona emocionalmente com a mãe, que se torna o objeto psicológico do bebê.

A prevalência de uma das pulsões sobre a outra vai influenciar os caminhos pelos quais esse relacionamento vai se desenvolver. A personalidade da mãe poderá dificultar ou favorecer esse desenvolvimento. Está aí definido o timbre do vínculo que aparecerá na dupla analítica. O paciente revive as primeiras vivências com seus objetos originais na relação com o terapeuta. Todavia, com a experiência única de refazer este caminho, agora acrescido de pensamento e compreensão a respeito de sua vida emocional. É nesse contato, onde se recupera o passado no presente, que se dá, a evolução do psiquismo, rumo à maturidade.

Em 1952, Klein retoma esse assunto do desenvolvimento emocional em artigo dirigido a um público específico. Com riqueza de termos técnicos ela oferece uma descrição da permanente influência do desenvolvimento inicial sobre a vida adulta – individual e social – *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê.*

Para resumir: a posição depressiva desempenha um papel vital no desenvolvimento inicial da criança e, normalmente, quando a neurose infantil chega ao fim, por volta dos cinco anos, as ansiedades persecutória e depressiva já passaram por modificações. Os passos fundamentais na elaboração da posição depressiva são dados, no entanto, quando o bebê está estabelecendo o objeto completo – isto é, durante a segunda metade do primeiro ano -, e poder-se-ia afirmar que, se tais processos são bem sucedidos, está preenchida uma das condições para o desenvolvimento normal. Durante esse período as ansiedades persecutórias e depressiva são reiteradamente ativadas, como por exemplo nas experiências de dentição e desmame. Essa interação de ansiedade e fatores físicos é um dos aspectos dos complexos processos de desenvolvimento ( que envolvem todas as emoções e fantasias do bebê) durante o primeiro ano. Na verdade, em alguma medida, isso se aplica à vida como um todo. (KLEIN, 1952, p. 104-105).

Essas descrições da teoria kleiniana, revelam uma teoria desenvolvimentista, com ênfase nas evoluções dos processos do desenvolvimento emocional e nas relações de objeto que ocorrem no tempo mais remoto da vida do sujeito e que através dessas relações arcaicas, segundo a autora, de forma gradual o sujeito psíquico faz as passagens pelas posições esquizo-paranóide e depressiva em direção à integração da personalidade, logicamente, resultante da boa sucessão de acontecimentos mentais.

Na ênfase de Klein o mundo interno é considerado como o resultado de um processo contínuo de desenvolvimento, o produto da interação constante entre fantasia inconsciente, defesas e experiências com a realidade externa, tanto no passado como no presente; o que torna possível marcar com duas palavras o solo temporal a partir do qual em Klein as noções de tempo são construídas: processo e continuidade.

Em continuidade em nosso percurso, vejamos agora a teoria dos fenômenos mentais proposta por Bion que começa por estabelecer a existência de pensamentos de um “aparelho para pensar” (BION, 1963/1977). A atividade do pensar foi, em sua origem, um procedimento destinado a livrar o psiquismo do excesso de estímulos que o esmagavam. Na conceituação de Bion, os pensamentos são considerados como genética e epistemologicamente anteriores à capacidade de pensar. Nas etapas mais precoces do desenvolvimento os pensamentos não são mais que impressões sensoriais e experiências emocionais muito primitivas, *protopensamentos*, relacionadas com a experiência concreta de uma *coisa-em-si*, tal como Kant(1781) define o incognoscível do objeto.

Os artigos iniciais de Bion lhe proporcionaram a possibilidade de desenvolver, na

experiência clínica com pacientes psicóticos, as idéias de Freud sobre *representações-coisas*, “a confusão ou incapacidade de distinguir entre palavras e seus objetos, e os estados mentais decorrentes” (FREUD, 1926/1980, p. 189).

As observações e o estudo de Bion com pacientes regredidos, levaram-no a indagar sobre as gêneses do pensamento e o trajeto da produção da subjetividade, juntamente com o acesso ao conhecimento, através de um modelo de vínculo mãe-bebê. O bebê, no início da vida, sente sensações intensas, perceptíveis aos órgãos dos sentidos, vindas da realidade externa – e pulsões, igualmente intensas, de Vida e Morte, vindas da realidade interna. Essas vivências básicas causam grande temor, refletem caos, desorganização mental, sensações de desagregação que Bion conceitua de *Terror sem Nome* (BION, 1975).

Em decorrência desse bombardeio de estímulos, o bebê busca um *continente* que possa contê-los. Ele entra em identificação projetiva maciça com a mãe e deposita nela seus impulsos destrutivos. Se ela for capaz de acolher essa intensidade destrutiva e transformar isso em algo mais aceitável para o bebê, ela está na função de *rêverie*.

A mãe funciona como um continente afetivo das sensações do lactente e com sua maturidade consegue transformar exitosamente a fome em satisfação, a dor em prazer, a solidão em companhia, o medo de estar morrendo em tranquilidade. Essa capacidade da mãe em estar aberta às projeções-necessidades do bebê é o que se denomina capacidade de *rêverie*. (BION, 1966, p. 54).

A mãe funciona como um processador mental, que dá continência às angústias do bebê e as devolve de forma mitigada e atenuada.

É importante reconhecer que o *processo de pensar*, tem como ponto de partida a frustração das necessidades básicas impostas ao lactente e que a maior ou menor capacidade de seu ego, para tolerar a frustração, vai determinar uma força em relação ao sofrimento ou a modificação dele.

Se a inata capacidade para tolerar as frustrações for suficiente para aceitá-las, a experiência da falta torna-se um elemento do pensamento, ou melhor, um protopensamento e se desenvolve um aparelho psíquico para pensá-lo. Isso está em sintonia com Freud, quando postula que o princípio da realidade é sincrônico, com o desenvolvimento de uma capacidade de pensar.

No entanto, se a capacidade do lactente para tolerar a frustração for insuficiente, não sendo capaz de acolhê-las, essa experiência de dor psíquica tende a ser evadida, ser eliminada a qualquer custo, ainda que o preço seja o ataque a própria mente, negando a existência da vivência e do sofrimento que ela acarreta.

A capacidade de formar pensamentos dependerá então da capacidade da criança para tolerar a frustração.

Se essa capacidade é suficiente, o “não-seio” torna-se um pensamento e se desenvolve um “aparelho para pensar”. Em troca, sua intolerância à frustração faz que tenda a fugir da frustração em vez de modificá-la, e o que deveria ser um pensamento permanece como um objeto mau, indistinguível de uma “coisa-em-si”, adequado somente para ser evacuado. (BION, 1967, p. 129).

No decorrer da existência humana, as vivências, acrescidas de sofrimento mental, são inerentes e indispensáveis à formação do aparelho mental e seguem a dois modos de desenvolvimentos. Se o ódio resultante da frustração não for excessivo à capacidade do ego suportá-lo, o resultado será uma sadia formação do pensamento, integrando as sensações provindas dos órgãos dos sentidos com as receptivas emoções. Caso contrário, se o ódio for excessivo, os protopensamentos que se formam não se prestam para a função de serem pensados; são tão tenebrosos que precisam ser imediatamente aliviados da mente; portanto, são descarregados pelo indivíduo o que é feito através, por exemplo de uma agitação motora, ou pela via de somatização, mas sempre com um exagerado uso expulsivo de identificações projetivas (BION, 1967).

Numa série notável de artigos, Bion utiliza o conceito de identificação projetiva para desenvolver uma teoria do pensamento que teve um grande efeito no repertório conceitual e técnico psicanalítico. De acordo com ele, o indivíduo tem alguma coisa que pode ser chamada de emoção crua, uma sensação, uma percepção ainda sem sentido, pois o aparelho que lhe daria significado ainda não existe. Este aparelho começa a se desenvolver, quando as coisas dão errado. Aqui ele segue a discriminação freudiana entre o princípio de prazer/desprazer e o princípio de realidade. Quando o desprazer é dominante, a percepção sem sentido é projetada dentro do objeto. Se o objeto é capaz de rêverie, poderá conter a coisa projetada dentro dele, identificá-la, transformá-la e devolvê-la ao indivíduo, numa forma mais suportável.

A partir daí Bion, passou a desenvolver idéias sobre a relação entre continente e contido, sobre uma pré-disposição em relação à aprendizagem ou ao processo de conhecer a verdade. Diz que essa disposição, em querer conhecer a verdade, é tão essencial para a saúde psíquica quanto o alimento é para o físico. Sua teoria ampliou a clínica psicanalítica; diminuiu a separação entre emoção e cognição, descreveu como as emoções adquirem significado, como também descreveu o modelo de como se desenvolve a capacidade de pensar.

O modelo da relação *continente-conteúdo*, tal como foi concebido pelo autor, partiu da noção de que para todo conteúdo – composto por uma massa de necessidades, angústias,

ansiedades e objetos ameaçadores, – que necessita ser projetado, deve haver um continente receptor. Desta forma, assim como a função continente da mãe é indispensável para acolher, conter e processar as identificações projetivas do filho – condição ímpar para o desenvolvimento emocional da criança – é indispensável que na situação analítica, o terapeuta possua essa mesma condição com seu paciente.

Não custa ressaltar que a noção de *continente* não deve ser confundida com a de um mero *recipiente*, que alude a uma situação meramente passiva, cuja função não vai além de um depósito de dejetos. Pelo contrário, o conceito de continente significa um processo ativo, pelo qual a mãe ou analista acolhe as identificações projetivas, colocadas dentro dele, as contém, decodifica, transforma, dá um sentido, um significado, um nome. Só então as devolve para o filho ou paciente, devidamente desintoxicadas, em doses suaves e parceladas. (ZIMERMAN, 1999, p. 68).

Outro aspecto relativo à função de *continente* consiste no fato de que ele não diz respeito unicamente à capacidade de o sujeito conter as projeções de um outro, como geralmente se supõe, mas também designa a capacidade – a ser desenvolvida na análise com uma de suas metas mais importantes – de o indivíduo *conter* as suas próprias angústias e experiências emocionais, de modo a não ter que negar, atuar, somatizar ou repeti-las indefinidamente.

Assim, podemos supor que a essência da produção dos pensamentos úteis depende da capacidade que o sujeito tem para suportar as frustrações, – dentro de uma perspectiva de seu tempo subjetivo –, no sentido que ele seja capaz de conter em si essas frustrações para que possam ser transformadas, sentidas e pensadas, funções essas, que exigem tempo interno do sujeito, porém, única possibilidade capaz na obtenção de aprendizado em suas experiências, para sua melhor integração emocional.

As exigências da realidade promoverão, então, a criação do pensamento, com a finalidade de adiar a descarga pulsional e de melhorar os estados de desamparo que decorrem das frustrações não elaboradas. Diante das novas exigências reais, o pensamento fica forçado a utilizar as experiências vivenciais do sujeito em busca da condição de que ele possa conceituar generalizar, abstrair, levando à expansão do pensar, criando, portanto, uma nova capacidade: a do autoconhecimento.

As interações múltiplas e dinâmicas desse modelo é que darão a formação e utilização dos pensamentos. Se os pensamentos serão utilizados como uma forma integrativa e estruturante ou como forma desintegrativa do ego, vai depender das vivências básicas do sujeito e das suas passagens entre as fases do desenvolvimento mental – o que se processa entre as posições esquizo-paranóide e a depressiva.

O mecanismo da identificação projetiva descrito por M. Klein foi utilizado por Bion em suas hipóteses acerca do desenvolvimento emocional nos primeiros meses de vida. A identificação projetiva consiste na fantasia onipotente de que as partes não desejadas da personalidade e dos objetos internos podem ser dissociadas, projetadas e controladas no objeto em que se projetaram. Esse mecanismo, que forma parte das defesas primitivas nos primeiros meses de vida, adquire outra modalidade de funcionamento na passagem da posição esquizo-paranóide para a depressiva. O funcionamento normal da identificação projetiva constitui um dos fatores principais na formação de símbolos e na comunicação humana; determina a relação de empatia com o objeto, pela possibilidade de colocar-se no lugar do outro e compreender melhor seus sentimentos.

A identificação projetiva torna possível para ele (o bebê) investigar seus próprios sentimentos numa personalidade forte suficiente para contê-los. A recusa do uso desse mecanismo, quer pela negativa da mãe de servir de depósito para os sentimentos do bebê, quer pelo ódio e inveja do paciente que não pode permitir que a mãe exerça essa função, leva à destruição do vínculo entre o bebê e o seio e, conseqüentemente, a uma perturbação severa do impulso de curiosidade do qual depende toda a aprendizagem. (BION, 1959/1967, p. 314).

Nesta perspectiva, Bion descreve a forma como o bebê desenvolve, de modo paradoxal, a capacidade de vivenciar seus próprios pensamentos e sentimentos por meio de uma experiência com a mãe, em que esta experimenta os pensamentos impensáveis e os sentimentos ainda não toleráveis do bebê como seus. A identificação projetiva é considerada um processo em que os pensamentos do bebê que não podem ser pensados e os sentimentos que não podem ser sentidos são evocados na mãe quando esta é capaz de se tornar psicologicamente disponível para ser usada dessa forma.

Com a intervenção desses mecanismos, vai-se formando na mente do bebê o aparelho para pensar os pensamentos. No primeiro termo o bebê internaliza boas e repetidas experiências de sua relação com a mãe. Isto significa que na mente do bebê ficou internalizada uma “parelha feliz” constituída por uma mãe receptiva e metabolizadora.

É bastante significativa a idéia da influência da mãe real, no psiquismo da criança, da mesma maneira que é cada vez maior a crença de que a pessoa real do analista exerce uma marcante influência na evolução da análise e, juntos, paciente e terapeuta, farão um caminho árduo e singular, onde o produto analítico será o conhecimento que, em conjunto, o par poderá alcançar.

Neste modelo, o analista está presente com todo o peso atual da sua vida mental. O que conta é a real operação de transformação das identificações projetivas do paciente que a



mente do analista sabe realizar, levando em conta que ele próprio é parte ativa na determinação dos fatos.

Existe pelo trabalho da dupla a abertura de novos vértices de percepção, constituindo aquilo que Bion denomina *visão multifocal*, ou seja, a possibilidade do paciente e analista observarem o mesmo fato psíquico a partir de outras perspectivas de abordagem, distintas entre elas, de modo que o sujeito venha a perceber e integrar os aspectos diferentes de sua personalidade que, não obstante estarem dissociados, coexistem sincronicamente entre si. Analista e paciente irão construir essa história. Aqui importa mais o par específico.

Na obra de Bion, verifica-se que o tempo no processo analítico não segue uma clara evolução linear e seqüencialmente continuada na compreensão do psiquismo; pelo contrário, ela é cheia de avanços, recuos, superposições, mutações e, principalmente, de profundas mudanças de estilo.

O objetivo básico nesta abordagem está em descobrir onde está o contato emocional imediato vivo que se dá na situação presente da sessão, considera-se que o desenvolvimento emocional do bebê, assim como do paciente acontece em uma relação dinâmica em contínua evolução; onde o processo de comunicação se faz ora de forma recíproca, complementar, inesperada ou cruzada, desvelando o trânsito e a irrupção dos afetos na relação da dupla, “em busca da promoção das sucessivas *transformações* em direção às verdades originais do sujeito, levando-o a ser um questionador de si mesmo, a confrontar uma parte sua com outra oposta ou contraditória e assim por diante” (ZIMERMAN, 1999, p. 62).

Nesta tentativa de melhor conhecer a presença do tempo nas abordagens psicanalíticas aqui descritas, pensamos ser de valia investigar a possibilidade de construir um paralelo dessas teorias com a própria história da evolução do conceito de tempo.

No modelo de Freud é característico o referencial histórico atribuído às comunicações do paciente. É um modelo unipessoal baseado na idéia de uma temporalidade processual, contínua, expressando-se em um desenvolvimento progressivo. É verdade que esse desenvolvimento comporta fixações ou regressões, mas elas são consideradas emperramentos de um processo que, em condições favoráveis, deveria seguir o seu curso. A idéia de uma sucessão de fases do desenvolvimento - oral, anal, fálica e genital - é bastante característica dessa continuidade temporal.

O atributo mais valorizado do psicanalista – nessa fase da psicanálise, centrada na pessoa do paciente – seria a sua capacidade de interpretar os traumas e fantasias reprimidas, caçar os impulsos, principalmente os sexuais, relacionando-os com uma especificidade típica de cada etapa evolutiva do desenvolvimento emocional do paciente e atualizado na dinâmica revivida com o analista.



Portanto, o modelo freudiano do aparato psíquico obedece a três temporalidades diferentes. O tempo da pulsão, regulado pelos modos da satisfação e pela repetição, seria cíclico; tempo do eterno retorno, comandado pela tendência predominante da pulsão de morte. Já as formações do inconsciente são atemporais: os processos inconscientes não tomam em consideração a passagem do tempo.

Vimos que os processos anímicos inconscientes se acham “fora do tempo”. Isso quer dizer, em primeiro lugar, que não podem ser ordenados temporalmente, que o tempo não conduz modificações neles e que não se lhes pode aplicar a idéia de tempo. Tais características negativas aparecem com toda a clareza ao comparar os processos anímicos inconscientes com os conscientes. Nossa idéia abstrata de tempo parece mais bem baseada no funcionamento do sistema P-Cc, e corresponde a uma autopercepção do mesmo. (FREUD, 1920/1980, p. 13-85).

A característica peculiar da psicanálise,- desde que Freud descreveu o seu *procedimento terapêutico* como um suceder, em ordem, direta, inversa ou simultânea, que se apresenta com a possibilidade e a necessidade de recordar, repetir e elaborar,- é a busca da compreensão da dor mental, para que possa ocorrer melhor apreensão do aprofundamento decisivo daquilo que já se conhece, mas não se sabe, por não ser suportado pela realidade psíquica do sujeito.

Poderíamos comparar esse primeiro momento da Psicanálise com as questões relacionadas com o tempo. É bom lembrar que o Tempo nas civilizações antigas foi interpretado de forma mítica, conduzido pela ordem divina ou pela ordem da natureza, sem que os homens pudessem ter qualquer domínio sobre suas modalidades; o tempo era usado para designar a duração do dia, da noite, as estações do ano e o momento correto para realizar uma ação, uma atividade, compondo assim, as idéias de um tempo cíclico e de eterno retorno do qual fala Mircea na sua obra *O Mito do Eterno Retorno* (ELIADE, 1992).

Foram necessárias décadas para que a humanidade atingisse uma maturidade filosófica capaz de formular o problema do tempo em moldes mais precisos; até os deuses foram criados para preencher as lacunas deixadas em aberto pelos limites desse entendimento. Os homens submetidos a essa atmosfera de temporalidade foram levados a formular explicações que dessem conta desta experiência, sem que a questão da experiência do tempo fosse decifrada, de fato ela não era sequer proposta neste momento da história humana.

Não mais o tempo circular, embora seja possível constatar certa continuidade das idéias gregas de tempo cíclico até uma data bastante avançada da Idade Média, a experiência da temporalidade vai ganhar, de vez, um caráter linear e irreversível, percebido como fluxo mensurável, divisível, homogêneo, uniforme; também, “tempo progressivo, de acumulação, de

racionalização, de conquista da natureza, vivido como sendo de crescimento ilimitado, de aproximação cada vez maior de um saber exato total” (CASTORIADIS, 1982, p. 244).

A teoria kleiniana postulou, de forma brilhante, uma teoria do desenvolvimento, identificando na ordem temporal um conjunto de capacidades psíquicas e relacionais em que o desenvolvimento individual pudesse ser delineado. As descrições da teoria kleiniana, revelam a idéia de continuidade, valorizam as posições progressivas e subjetivas – esquizo-paranóide e depressiva – e a idéia das etapas sucessivas do desenvolvimento, em uma temporalidade processual, linear; também podendo ser vista como uma jornada evolutiva, onde o sujeito pode ser ajudado, por meio do tratamento, a empreender.

Bion abala mais do que qualquer outro analista, o ponto de vista dinâmico que atribui uma causalidade psíquica ao dinamismo inconsciente constituído pelas relações objetais primitivas, em favor de um ponto de vista estrutural que privilegia formas de articulação presentes da experiência emocional. Rompe-se, desta forma, a idéia de um determinismo simples e adota-se a idéia de um multideterminismo, cujas estruturas causais se articulam de diversas maneiras em diversos planos, o que amplia o universo da emoção, ao abrir possibilidades de experiências emocionais até então impermeáveis. Tal concepção fundamenta a possibilidade de visualizar um campo bipessoal em contínua evolução.

Rompe-se então, a idéia de temporalidade, seja a do tempo entendido como repetição inalterada do passado, que encontramos em Freud – segundo a compreensão mítica do mundo –; seja nas diversas formas do seu entendimento fundamentado na concepção de temporalização linear e progressiva, que encontramos em Klein – segundo o modelo da compreensão da modernidade filosófica e dentro dela, a compreensão científica do mundo. A partir disso, o tempo passa a se constituir a partir de uma série de rupturas.

A realidade temporal não é dada pela duração, mas pelo instante da construção da relação no par analítico, ou seja, o tempo é fundamentalmente descontínuo. O que distingue um antes e um depois são átimos de subjetivação: o sujeito psíquico emerge em determinado momento privilegiado, daí o reconhecimento da utilidade sobre o modelo de uma relação dinâmica entre algo que é projetado – contido- e um receptáculo que o contém – continente (BION, 1966).

A crescente ênfase, dada ao aspecto relacional como um processo de comunicação que produz impacto emocional mútuo independentemente da vontade do paciente ou analista, traz grandes repercussões na técnica e leva inevitavelmente em Bion, no objetivo básico da psicanálise em descobrir onde está o contato emocional imediato vivo. Podemos incluir nessa concepção clínica do tempo, as palavras momento e evolução.

Considerando as possibilidades das concepções do *tempo*, correlacionadas às abordagens clínicas aqui expostas, podemos desenvolver uma tríade atrelada ao desenvolvimento psicanalítico e suas transformações: em cíclico, linear e em rede.

O tempo cíclico seria assim compreendido em decorrência do modo dado pela Psicanálise em Freud, onde o discurso do paciente é direcionado à comunicação de um saber que através de ciclos de reafirmação de verdades tradicionais, melhor dizendo conscientes, garantem sua persistência em um movimento circular da manutenção desse saber. A eternidade, aqui, é o movimento da repetição como atributo temporal, até se atingir o desvelamento do saber mantido inconsciente.

A atemporalidade do inconsciente para Freud não impede o jogo entre um tempo que funciona ao modo do tempo cíclico dos povos antigos - a partir da sua hipótese sobre a pulsão de morte e a compulsão à repetição - e o tempo visto como uma linha reta que carrega em si as marcas da história - da memória permanentemente registrada pelos traços mnêmicos que preservam um elo irredutível ao registro verbal- enquanto se dirige para o futuro. (MILLER, 2000, p. 48).

Já em Klein, o foco da investigação clínica amplia-se incluindo em seu projeto, além da revelação de significações ocultas, a criação de significações ausentes, cria-se novo recurso em busca do saber do sujeito. A clínica kleiniana inaugura nova via de investigação sobre a natureza do fenômeno mental, fundamental para se compreender as linhas de desenvolvimento da clínica contemporânea. Este conceito rompe com a idéia de que somente os conteúdos mentais podem ser suprimidos da consciência, e introduz a noção de que as funções mentais também podem ser suprimidas. Isto quer dizer que parte da vida emocional do sujeito pode não adquirir *representação*, porque o próprio aparelho psíquico está desfalcado de *funções mentais* que pudessem produzi-las.

Queremos enfatizar que a clínica nesse momento, não abandona o que foi deslocado da consciência pela repressão; demonstra, porém, que o foco da investigação clínica está ancorado sim, mas não fixado somente na revelação dos significados inconscientes. Esta idéia levará a uma reformulação da noção de inconsciente para os analistas, redefinindo também, seu papel na sessão.

O conteúdo mental não precisa mais ciclicamente ser reafirmado, pois se encontra determinado e fixado em posições psíquicas razoavelmente estáticas (esquizo-paranóide e depressiva) e a partir delas o conhecimento e informações sobre o paciente serão elaborados; portanto o objetivo do processo analítico, é o de promover a integração de partes do ego que foram ao longo do tempo perdidas. Esta integração leva a um fortalecimento do ego e,

conseqüentemente, a uma maior capacidade de tolerar emoções e fazer frente a conflitos internos e externos.

Adquire-se nessa fase da Psicanálise a noção mais precisa da continuidade do saber que está para além da mera repetição; firma-se a idéia de uma temporalidade processual, contínua, expressando-se em um desenvolvimento progressivo, que valoriza o conhecimento a respeito da história cronológica e psíquica do paciente, conhecimento este armazenado e considerado em benefício dele; sendo possível comparar esse momento da clínica com a imagem que se faz do conceito do tempo em seu segundo momento na história da humanidade, tempo da sucessão de instantes em um sentido único, em uma só direção, onde se adquire a noção de uma continuidade de saberes que passam a serem inscritos e acumulados para garantia de sua manutenção.

Institui-se o tempo linear, progressivo; tempo da sucessão das fases do desenvolvimento e das seqüências dos fatos e das informações a respeito do paciente, que percorrem uma direção e trajetória em busca da compreensão do saber. A finalidade do tempo pode ser finita ou infinita, desde que seja progressiva, podendo ser marcada em suas extremidades.

Entre os seguidores da escola kleiniana em particular, o inconsciente corresponde às ocorrências peculiares ao período pré-histórico da humanidade porque *inconsciente* e *mundo interno* foram transformados em termos intercambiáveis, ambos constituídos por objetos e imagens organizados em cenários estáticos que desconhecem o efeito de um choque temporal sobre a atemporalidade do inconsciente. (NASSAR, 2003, p. 17).

Com a complexidade caótica dos vínculos e multiplicação de novas perspectivas sobre a compreensão dos fenômenos mentais, nova postura e abordagem surgem para o analista em sua função.

Não se trata de buscar o máximo conhecimento a respeito do sintoma ou do sujeito; o saber sobre o objeto se dá pela multiplicação de olhares novos sobre o mesmo. Trata-se agora de ir além das diversas perspectivas existentes para o objeto, não mais se busca a verdade sobre o mesmo, mas sim a complexificação de suas possibilidades.

Falamos então de uma terceira imagem temporal: o tempo concebido enquanto rede. Rede em suas tramas de múltiplas possibilidades, com inúmeras conexões a respeito de um saber construído no instante, no presente da relação analítica. Não se depende da repetição, nem sequer da continuidade seqüenciada ou acúmulos de informações para a compreensão dos fenômenos mentais, pois o saber permanece existente sempre, em suas diversas e

recorrentes novas atualizações. Tampouco se pode afirmar uma direção em uma linha contínua, pois as possibilidades de sentido e percurso são ilimitadas e criadas no cruzamento do aqui e agora, com a realidade emocional imediata da experiência da dupla para que algo novo tenha chance de ocorrer nesse contato.

Em Bion, o tempo não segue uma progressão linear; mas se dá pelas alterações da rede de vivências ocorridas no par analítico; uma rede de tempo intensa, dinâmica, com possibilidades múltiplas, a qual é percorrida de forma complexa e imprevisível, através do trabalho analítico desenvolvido na forma de criação de significados potenciais do conteúdo mental do sujeito.

Partindo de Freud, com aprofundamento em Klein e depois em Bion, a teoria psicanalítica foi se aprofundando, ganhando novas colaborações de cada autor, com conceitos que se complementam em progressão e desenvolvimento frente à compreensão do psiquismo.

Podemos dizer, contudo, que o tempo psicanalítico para o sujeito, se dá no instante que possa ocorrer seu encontro subjetivo na qualidade temporal de *Kairós* grego, momento oportuno para se tomar decisão, ou psicanaliticamente falando, para se tomar consciência; diferente do tempo linear de *Kronos*, – deus da mitologia romana –, ao conceito de tempo cronológico, extenso e linear, que conduz as coisas a seu amadurecimento e também ao seu fim.

Para a Psicanálise, a posição ativa do sujeito ocorre, quando ele se apresenta “no lugar e no momento oportuno para o encontro com algo que não se sabia estar lá, mas se desejava encontrar” (LOMBARDI, 2008, p. 46). Não se trata de um simples *encontro* ao acaso e sim de um *reencontro* com o objeto capaz de remeter o sujeito à causa de seu *desejo*: daí que a antecipação desse momento seja marcado pelo *sintoma*, pela ansiedade ou angústia, sentimentos que *preparam* o sujeito para o encontro marcado com o desejo!

Em determinado *tempo* dentro das conquistas científicas da humanidade, Freud criou a Psicanálise, – que resultou em um bom encontro, em momento oportuno – e criou-nos também a nós, enquanto pesquisadores, psicoterapeutas e analistas comprometidos nesse ofício e também personagens e autores de sua obra.

Cada membro dentro do movimento psicanalítico, sejam os ortodoxos, clássicos ou contemporâneos fizeram a seu *tempo* germinar partes da obra de Freud, partes estas que estavam ocultas, porém presentes desde o início de sua criação enquanto potencial, à espera da realização de novos significados. Significados que permaneceram em suspensão, aguardando condições favoráveis dentro de uma cronologia temporal sócio-histórica para serem descobertos e desenvolvidos na constante evolução, renovação e perpetuação da Psicanálise.

## 4.2 O Tempo na Clínica

*O que se chama sessão analítica é um lapso de tempo em que se trata de estabelecer uma relação com a dimensão atemporal do inconsciente. Essa dimensão em que, segundo a descrição de Freud, o passado não existe, em que não encontramos nenhum dos três modos do tempo: o passado, o presente, o futuro. Nos termos de Freud, a própria categoria de tempo não se aplica a essa dimensão.*

(MILLER, 2000, p. 48).

A Psicanálise em sua vocação mantém a supremacia em analisar os fenômenos mentais, Freud demarca, a preocupação em possibilitar ao homem o resgate de sua liberdade e autonomia, a partir de um método de tratamento que prioriza a escuta para a compreensão do funcionamento mental e da patologia.

Cada paciente que procura a clínica traz vivências básicas e primitivas de forte impacto emocional que deixaram marcas no psiquismo. Vivências essas, arrastadas com sofrimento, na busca de serem reconhecidas; daí a tentativa de que, junto com alguém, seja possível reconhecer os sentimentos não identificados e tomar posse deles, em benefício do entendimento da dor mental.

Com efeito, o processo analítico retoma para si, as vivências emocionais do paciente que permaneceram não elaboradas no decorrer do trajeto de sua existência, desconectadas no fio de tempo, onde o afeto permaneceu vagando pelo inconsciente sem representação simbólica. Essas vivências revividas na dupla, repetidas, vezes sem conta, revelam os arranjos do paciente com seus objetos internos e retratam no tratamento psíquico, o modo pelo qual evoluíram ou não essas relações.

No decorrer do processo psicanalítico, portanto, algumas histórias vão se conjugando. De início, a singularidade da história de vida do paciente que foi construída em sua linha do tempo através de suas experiências e que está presente em sua memória afetiva; atuante, portanto na determinação de seu desejo; também, a estória que está construída em seu mundo interno através da percepção dessas experiências de vida, que revelam os matizes de seu tempo interno e ainda a história da própria análise que se constrói durante o contato prolongado que o paciente tem com o analista, mas que a rigor é, uma nova edição de sua história emocional podendo ser modificada pelas condições atuais.

A conjugação e simultaneidade dessas histórias que ocorrem no tempo objetivo da sessão, no tempo subjetivo do paciente e na reconstrução do tempo passado em suas

lembranças nos leva a considerar que a presença e importância da influência do tempo na Psicanálise é mais fundante na construção e recuperação do psiquismo do que até então se tinha referência.

Não existe análise, diz Collete Soler (1998, p.69), “sem o tempo diacrônico de historização da verdade do sujeito”. Na duração do tempo diacrônico instaurado por essa *magia lenta* que é a psicanálise, o sujeito se instala aliviado, sem pressa, seguro de que é dessa temporalidade distendida que ele precisa para se libertar da pressão aniquiladora das demandas alheias.

É nessa relação, sustentada pela garantia do vínculo com o analista, que o sujeito pode pela segunda vez refazer os caminhos de seu desenvolvimento emocional, retomando no tempo, aquelas “vivências básicas e primitivas que somente com o auxílio de outra mente, podem ganhar entendimento” (NEVES, 1998, p. 2).

A relação terapêutica é estabelecida em um mundo real e se dá ao vivo. Possui características básicas e essenciais que garantem e constituem um encontro humano, exige a presença física de ambos, paciente e terapeuta, exige também suas disponibilidades internas de mente e desejo para arriscarem-se em um processo que não possui trajeto determinado, nem tempo previsto! Ambos escolhem dia e hora marcados, duração e quantas sessões, para estarem juntos em determinado espaço de tempo e dedicam-se ao entendimento dessa relação e de tudo aquilo que surgirá dela.

Esse encontro real não se utiliza dos recursos de última geração disponíveis pela tecnologia; mas, traz consigo um ingrediente excepcional, a possibilidade do virtual!! Mas o que é o virtual? É no futuro do tempo real e na dependência da ação que o virtual se atualiza.

Mas o que sabemos de um presente que se intromete neste tempo terapêutico, apresentando-se como virtual, rompendo o setting, mudando as regras do jogo psicanalítico, desafiando-nos com o imprevisto? O encontro virtual se atualiza no encontro da dupla analítica.

Diz Herrmann (1991, p. 21-22) em *Uma teoria para a clínica*

O paciente que vem a meu consultório penetra numa sala, com um jardimzinho apenso, para ficar uns quarenta minutos cada vez. Porém, é como se atravessasse umbrais interdimensionais e se encontrasse noutra mundo; mundo que é, rigorosamente dito, o seu mundo e, no entanto, é o desconhecido. Nele o tempo se concentra absurdamente, décadas de vida passam-se em minutos; o espaço retorcese, ele está em muitas partes simultaneamente; sua identidade esfuma-se e depois condensa-se em formas caprichosas e imprevistas. Podemos conceber o consultório psicanalítico como um desses amalucados campos de força de ficção científica, com a diferença que, em nosso caso, existe mesmo e funciona. Funciona graças ao campo transferencial.



O referido autor traz-nos a questão que ali, no campo transferencial o presente é virtual, as histórias passadas e seus enigmas serão retomados e mais que isso, serão vividos novamente, porém com a possibilidade de novas invenções e interpretações, novos trajetos que a dupla analítica será capaz de construir e percorrer.

O lugar do terapeuta é assim, virtual; suportando a intensidade da transferência e utilizando os meios de sua própria pessoa para atualizar o virtual do outro, para que se torne possível a potencialização da subjetividade daquele, no tempo presente e real.

Aqueles que procuram a psicanálise, talvez estejam em busca de tempo e se propõem á esse percurso graças ao que ela lhes oferece “a possibilidade de um reencontro do sujeito psíquico com a temporalidade perdida a começar pela recuperação da experiência atemporal das manifestações do inconsciente” (KEHL, 2009a, p. 17).

O dispositivo psicanalítico oferece a quem o procura, entre outras possibilidades, a de experimentar outra temporalidade, diferente daquela marcada pelo relógio e regulada pela urgência da demanda da vida cotidiana. É uma temporalidade mais coerente aquela temporalidade da pulsação do sujeito do inconsciente.

Assim define Dominique Fingermann (1998), *a estranha temporalidade* que se inaugura desde as entrevistas preliminares para o início da análise, quando o analisando se surpreende, por exemplo, por não saber se falou durante horas ou durante poucos minutos,

Desde as primeiras voltas nos ditos abre-se uma temporalidade atordoante para quem chega desprevenido e fica aturdido. Um tempo “sem pé nem cabeça” se inaugura aí, já que nessa ficção que artificializa a verdade do sujeito, o presente anuncia atropelado por um futuro suposto, formatado por um passado hipotético que nunca foi. Muitas vezes, nessa estranha temporalidade, reminiscências, novela familiar, sintoma, repetição traumática parecem dar notícia de um tempo que não passa. (FINGERMANN, 1998, p. 33).

Para a autora, a função de ato analítico seria a de extrair da repetição, esta outra dimensão do tempo: o Kairós, momento oportuno.

Cada vez mais tem se apresentado como uma das questões relevantes da clínica contemporânea, a relação do sujeito com o tempo, considerando que nos defrontamos durante o percurso analítico, com uma série de perturbações psíquicas que remetem o sujeito ás dificuldades desta ordem.

[...] A idéia de um onisciência e de um tempo criado pelo homem pressupõe que o homem seja diferente da natureza, concepção que considero não científica. [...] O homem provém do tempo; se, pelo contrário, o homem criasse o tempo, este seria, evidentemente, um estorvo entre o homem e a natureza. (PRIGOGINE, 1992, p. 17).



A questão do tempo se refere a uma transformação no contexto cultural contemporâneo que não é sem conseqüências para a própria constituição da subjetividade. Tal configuração implica dizer que a psicanálise concebe a constituição da subjetividade a partir de sua inserção na cultura e caberá reconhecer do ponto de vista da clínica, a incidência cada vez mais freqüente de doenças emocionais que remetem para a permanência do sujeito num tempo presentificado.

Na perspectiva de Knobloch, o trauma é tomado numa radicalidade que retira o sujeito de seu tempo histórico, ou seja, “se o trauma não se inscreveu, o tempo do sujeito pode ser congelado num presente absoluto, sem memória e, conseqüentemente, sem *porvir*.” (KNOBLOCH, 1988, p. 116). A autora se refere a uma patologia da experiência temporal, patologia capaz de anular a experiência do tempo como um horizonte no qual presente, passado e futuro caminham entre si, se entrelaçam, sem que o sujeito possa se representar em sua totalidade temporal e histórica.

Essa configuração nos leva a compreender porque cada vez mais o sujeito se lança na busca desenfreada de vivências que lhe forneçam sensações de permanência no tempo, ou seja, a longevidade voltada às questões estéticas; registros fugazes de imperativos de comunicações superficiais pela internet; flashes, filmagens e fotos inúmeras, digitais e instantâneas, entre outras tentativas de permanência efêmera no tempo e no circuito social.

O mundo atual concebido como o mundo a curto prazo, acaba abalando a própria concepção de sujeito, que já não confere valor à narrativa de sua história, entendendo-se, com isso, que o sujeito não mais se representa para o outro e para si próprio.

Em última instância, consideramos que sujeito e tempo são formas de se falar da mesma coisa, na medida em que entendemos a subjetividade como constituída a partir de uma narrativa; ferramenta essencial para se pensar o processo de subjetivação no referencial psicanalítico.

A narrativa é uma forma linear e ritmada que se desenrola ao longo de um certo tempo e independe do sentido das palavras que contam uma história; este tempo se dá de forma muito diferente das temporalidades simultâneas que caracterizam as técnicas dos meios de comunicação que a vida contemporânea vorazmente instalou para o contato humano.

Liotard (1964/1986), também estabelece uma relação entre a decadência das narrativas em função do avanço das exigências do desenvolvimento técnico dessa época. Para o autor, a desvalorização das narrativas, como meio de legitimação do saber, é uma das características marcantes da pós-modernidade, ele destaca sua incidência sobre o tempo:

“A forma narrativa obedece a um ritmo, é a síntese de um metro que marca o tempo em períodos regulares e com um acento que modifica o comprimento ou a amplitude de algumas dentre elas” (LYOTARD apud KEHL, 2009c, p. 159).

A narrativa não é simplesmente uma forma de memorização do passado, mas é a própria *atualização do passado no presente*.

A narrativa insere aquele que sabe contá-la, juntamente com os que a escutam, como elos de uma grande corrente que liga as gerações passadas às presentes e transmite a experiência de umas às outras. Tal saber não tem nenhuma relação com a competência ou a autoridade individuais, pois o único mérito do narrador é o fato de também ter sido, algum dia, ouvinte de outras narrativas – isso eleva automaticamente todos aqueles que agora a escutam à mesma condição cultural de todos os narradores passados. (KEHL, 2009c, p. 163).

Em Benjamin (1934/1983), a idéia de experiência se refere às vivências *comunicáveis*. Sua tese é que a modernidade, ao transformar as condições do convívio humano que tornavam possível a transmissão das experiências pelas narrativas, destruiu a qualidade delas. O autor se refere à *desmoralização* da experiência. Uma vivência não compartilhada está isenta da produção de sentido, portanto não tem valor algum!

Podemos concluir que as transformações das condições do convívio humano acrescidas da impossibilidade do encontro entre as pessoas para a partilha de suas vivências. O sujeito suporta mal as condições de seu cotidiano, sobretudo porque uma parcela do seu tempo de vida diária lhe é expropriado pelo aumento da *velocidade*...

Gourevitch (1975) traz uma interessante observação entre o indivíduo e a apropriação do uso do tempo, dizendo que o tempo do indivíduo não lhe pertencia, mas dependia de uma força superior que o dominava. O indivíduo hoje, também não é senhor do seu tempo – a diferença é que ele já não sabe disso... O indivíduo contemporâneo dispõe de uma enorme variedade de escolhas quanto a como usufruir de seu tempo livre, não mais regulado pelos ritos e pelas proibições da vida religiosa nem limitado pelas horas de luz do dia ou pelo maior ou menor rigor das estações. Por outro lado, a marcação que caracteriza o tempo da produtividade invade cada vez mais a experiência da temporalidade, mesmo nas horas ditas de lazer.

A experiência, perdida para nós, de viver e trabalhar em um ritmo não ordenado pela produtividade permitia que o abandono dos sujeitos à temporalidade guardasse uma proximidade grande com o tempo do sonho, embalado por outra experiência que também se perdeu: a experiência do ócio, ou do tédio vivido sem angústia, como puro tempo vazio a ser preenchido pela fantasia. (KEHL, 2009c, p. 123-124).

De todas as experiências subjetivas que a história deixou para trás, talvez a mais desastrosa para o sujeito contemporâneo, seja a do abandono da mente à lenta passagem das horas: tempo do devaneio, do ócio prazeroso, dedicado a contar e a relembrar histórias. Nada

causa mais escândalo, nos dias atuais, quanto a vivência do tempo vazio. É preciso aproveitar o tempo sempre, desfrutar compulsivamente da vida, esgotar rapidamente oportunidades de viver as novas experiências que a mídia provoca.

Esse mundo concebido como um mundo a curto prazo, termina por abalar a própria concepção de sujeito, que já não confere valor à narrativa de sua história, entendendo-se, com isso, que o sujeito não mais se representa para o outro e para si próprio. Assim, nada mais pertinente do que recorrer as evidências na clínica, na tentativa de dar conta das indagações acerca do modo como o sujeito lida com os impasses que se colocam na atualidade.

Hoje, no exercício diário da clínica surge uma importante questão: podemos dizer que os pacientes psicanalíticos atuais são diferentes daqueles do início da psicanálise? Mas, em que eles se diferenciaram no decorrer dos anos? Será que ocorreu uma verdadeira mudança nas estruturas clínicas, nos conflitos infantis – comuns há todos os tempos –; ou as diferenças observadas estão relacionadas somente à aparência das manifestações dos sintomas?

A Psicanálise recria pela narrativa e pelo vínculo analítico a leitura desses impasses simbólicos que cada indivíduo transforma em sintoma quando é chamado a prestar contas de uma posição subjetiva, que se traduz na maneira de como ele se relaciona com o objeto. No cotidiano assistimos às novas formas de manifestação do sofrimento psíquico que não correspondem às manifestações típicas da noção de sintoma, visto que poderíamos chamar os objetos de hoje: de alimentos, drogas, remédios, anabolizantes, cirurgias plásticas, filmes, viagens, acessórios de estética, produtos anti-idade, instrumentos tecnológicos e eletro-eletrônicos, equipamento de excitação sexual, entre outros. O que se pretende é a instituição de uma escuta que indique principalmente o sofrimento do sujeito frente aos objetos que são convocados nessa época, por meio do seu desejo!

Condições de grande mutabilidade e turbulência esvaziada de sentido, como as que encontramos no mundo contemporâneo, operam contra a construção de uma vida interior, contra a criação de uma mente, atividade que requer tempo e espaço. Por essa razão, insiste Kristeva, “a psicanálise terá de se confrontar com o problema da organização e da permanência da vida psíquica. Mas, para tanto, deve incluir a história social como um dos elementos constitutivos do psíquico” (KRISTEVA, 2002, p. 38).

Fiéis ao espírito de Freud, para quem sujeito e mundo não podem ser pensados separadamente, posto que nascem um com o outro (ROUDINESCO, 2000) as novas patologias podem ser compreendidas como efeitos das transformações sócio econômicas, da revolução tecnológica, de mudanças de sistemas de crenças e das relações humanas?

Existe concordância entre os psicanalistas que há mudanças no perfil dos pacientes e maior dificuldade deles no engajamento nas condições do processo analítico padrão. Também concordam que na diversidade das manifestações preferenciais do sofrimento psíquico na atualidade, sobressaem os transtornos depressivos, o sentimento de vazio interior, de redução da auto-estima e de falta de identidade, as somatizações graves, o abuso de drogas, os distúrbios alimentares e as modalidades perversas de existência.

No entanto, se na clínica de Freud predominavam os sintomas neuróticos, a clínica psicanalítica contemporânea enfrenta, além destes, outros desafios. O sofrimento subjetivo se manifesta mais e mais sob a forma de sintomas narcísicos e depressivos em sujeitos que mostram dificuldades para articular numa narrativa as próprias histórias, vivências e dores. Empobrecidos em suas atividades fantasmáticas, encontram-se às voltas com o vazio do sentido, o vazio da palavra, o vazio da solidão, o vazio da identidade. Esperam alívio rápido de seus males, de forma imediata; mas relutam em aceitar a perspectiva de longo prazo e a regularidade de encontros que o trabalho analítico exige.

A condição de incapacidade para simbolização e representação das vivências, chega até a clínica através das atuações dos pacientes, demonstradas em seus relatos de experiências de intolerância ao outro e descompromisso com os laços afetivos.

Sem a normatização antes válida da Família, Estado, Igreja (representantes antigos da autoridade); a pulsão e a excitação estão sem contorno; e a *coisa em si*, (SEGAL, 1990) não mais é vivida através da sua representação, mas a coisa e a representação da coisa são vividas indiscriminadamente. O aparelho psíquico, incapaz de domar o excesso pulsional que o acomete, não exerce mais sua função protetora frente aos estímulos emocionais que se apresentam em estado bruto e abre o caminho que lhe resta: a construção dos sintomas mentais ou sua expressão na somatização!

Kristeva (2002) em seu trabalho sobre as novas doenças da alma sinaliza como a carência de representação interfere no funcionamento biológico dos indivíduos, uma vez que leva a um entrave na vida sensorial, sexual e intelectual.

Não se dispõe nem do tempo nem do espaço necessários para constituir uma alma [...] Umbilicado sobre seu *quanto – a – mim*, o homem moderno é um narcisista talvez cruel, mas sem remorso. O sofrimento o prende ao corpo – ele somatiza [...] O homem moderno está perdendo a sua alma. Mas *não sabe disso*, pois é precisamente o aparelho psíquico que registra as representações e seus valores significantes para o sujeito. (KRISTEVA, 2002, p. 9).

Pouco a pouco essa época nos mostra que os sintomas que se formam, retratam as conseqüências da cultura atual; sem dar-se conta, o homem é tragado pelo social e produz sintomas aceitos nesta cultura; visto que em nossa sociedade a *corpolatria* (Costa, p.18, 2004) está em evidência, logo é nesse tempo e no espaço do corpo é que os sintomas também afloram.

Podemos começar pensando na obesidade mórbida, nos estados regressivos e depressivos do pós-operatório na redução do estômago; anorexia, bulimia; compulsão a reparação, cirurgias plásticas e lipoaspirações em busca do corpo idealizado; compulsão à exercícios físicos e freqüência assídua as academias – hoje abertas, uma em cada esquina; uso de cosméticos, produtos anti-envelhecimento, consumo de roupas, comida, remédios, anabolizantes, cápsulas e todas as promessas encontradas em prateleiras. (COELHO, 2010, p. 18).

Nunca, como nos tempos de hoje, recebe-se em consultórios pacientes com queixas de infertilidade, tratamentos os mais diversos em busca da gravidez sonhada, impotência sexual, falta de ereção, frigidez; alergias, doenças e câncer de pele; vitiligo, tatuagens em demasia, mutilações pelo corpo, piercings em excesso, corpos deformados propositadamente em busca de prêmios de originalidade ou então corpos suspensos em espetáculos exibicionistas, assistimos com certa naturalidade atitudes de extração de substâncias do corpo: sangue, urina, saliva, cabelo usadas como matéria-prima para obras de arte e demais aberrações.

Quando o corpo não mais desenha os sintomas da fragilidade emocional, assiste-se com tristeza o ataque que o sujeito faz à própria mente; (BION, 1957/1966, p. 85) falamos agora, de doenças mentais graves, onde os delírios, surtos e alucinações, tentam desesperadamente indicar fatal ruptura do indivíduo com o mundo externo. Enfatizando os efeitos nocivos das atuais condições da subjetividade, a atualidade impõe à psicanálise um compromisso com o sujeito e o mundo.

Verificamos com uma cota de surpresa e atenção, os sintomas mais presentes na clínica contemporânea. São perturbações que se caracterizam por transitar em áreas de fronteiras como se o fio de ligação entre o mundo neurótico e o psicótico ameaçasse se romper constantemente.

Começaremos olhando para as meninas anoréxicas-bulímicas que se mostram sombrias, desvitalizadas e assustadas; chegam à sessão, relatando suas frustrações com os desencontros freqüentes das escolhas erradas, das incertezas e das indefinições. Trazem sensações do que sentem por dentro, ou melhor, sensações de um mundo interno, relações com seus objetos internos, trazem expressões ilustrativas da dinâmica de uma mente

perturbada pela destrutividade, culpa e penitência: “estou tão estufada como um balão prestes a explodir”, “ me sinto vazia e oca”, “tudo é poroso, nada fica dentro,” “estou muito, muito cheia, até á boca,” Sentem-se imersas num mundo sem sentido, sem afeto, sem palavras, sem sustento!

Revelam uma construção psíquica fundada pelo antagonismo, que se apresenta pelo excesso e pela falta; paradoxo e incoerência ocupam o eixo central desse transtorno; anorexia e bulimia são, portanto, o protótipo da não lógica do inconsciente.

Essas pacientes inscrevem suas angustias e conflitos através da forma como lidam com seu corpo e com sua alimentação; suas representações simbólicas se fundem com a concretude que imperam no modo de funcionar anoréxico e bulímico, demonstram sequelas nas falhas do processo identificatório, onde o desenvolvimento mental ficou sem representação, exibem mentes que não toleram pensar a dor: sinais dos nossos tempos, as lacunas da chamada era contemporânea que produzem aparelhos psíquicos que não conseguem abrigar áreas de representabilidade de afeto, nem de elaboração de pensamento.

Mostra-nos a clínica, que o funcionamento desse distúrbio alimentar é basicamente feminino, tendo a alimentação, o corpo, a reprodução, a sexualidade e a relação mãe-filha como elementos nucleares.

A mulher contemporânea, mais do que o homem, é exposta, subjugada e fiscalizada pelos ditames repressores da cultura, da mídia e da publicidade: rendida ao trinômio juventude, beleza e saúde, autores como Del Priore (2000), comentam que a mulher do século XXI não têm permissão para envelhecer, apesar de a longevidade estar sendo alvo da medicina atual. Antigamente, os ditames repressores localizavam suas interdições no comportamento sexual, hoje o foco está no comportamento alimentar. Além disso, as mulheres, mais que os homens não tem permissão para comer; as mulheres aprendem desde pequenas que são nutridoras, mas que a comida não é para elas: o ato de comer, especialmente quando apresenta excesso, é visto como pouco feminino.

Segundo Marilyn Lawrence (2001), a dinâmica do mundo interno que é observada denuncia a presença de um objeto intrusivo instalado na mente dessas pacientes. A intensidade das fantasias de que algo perigoso e ameaçador instalado dentro de seu próprio corpo é diretamente proporcional às fantasias de ataque ao corpo da mãe e quanto mais a menina nega a relação entre os pais, maior será a intrusividade do objeto. A menina usa a mãe como escudo protetor dessas fantasias, em vez de senti-la como continente e capaz de metabolizar seus medos e fantasias agressivas, daí ser uma patologia reveladora da relação simbiótica mãe-filha.

Outras patologias são construídas a partir de uma relação muito particular que se estabelece entre o tempo e a pós-modernidade, encontramos nesse foco, o destaque de outras duas formas de subjetivação no cenário da clínica: a depressão e o tédio.

A depressão e o tédio, embora sintomas distintos, carregam traços comuns e associam-se em algumas manifestações. Ambas caracterizam-se pela negação da vida e também do desejo. Enquanto o tédio revela um sentimento de indiferença, na busca de proteger o sujeito da devastação produzida pela velocidade do tempo, a depressão pode ser entendida como a negação do desejo; e quando o desejo não encontra possibilidade de movimento na realidade, ele se caracteriza pela perda, pela falta, o que a psicanálise chama de castração.

Na origem da depressão, de acordo com Fédida (2005) é possível compreender que se encontra uma questão do sujeito com o tempo. Entende-se que o depressivo foi arrancado de sua temporalidade singular; daí sua lentidão, tão incompreensível e irritante para os que convivem com ele. Ele não consegue entrar em sintonia com o tempo imposto. Fédida enfatiza o valor da lentidão que caracteriza o percurso de uma psicanálise para sujeitos deprimidos. Para ele, a aceleração imposta aos atos mais corriqueiros da vida cotidiana contribui para uma *pauperização da vida psíquica*, na forma de uma *desaparição normalizada do tempo da comunicação humana*.

O depressivo resiste com sua morosidade, a pressa da vida atual, seu recolhimento angustiado e angustiante se dá em um tempo estagnado, desajustado do tempo ruidoso do mundo capitalista! A depressão expressa fundamentalmente o pesar pela perda, ainda que tal perda se refira à castração.

O depressivo, embora pareça conformado com a sua castração, não conhece o valor dela como motor e causa de seu desejo. A castração para ele é uma ferida aberta que, além de *envergonhá-lo*, não pára de doer. Nisso consiste a *dor moral* do depressivo, prova de que ele, embora conheça a castração, não é capaz de simbolizá-la. (KEHL, 2009a, p. 19).

Como já se encontra instalado em um vazio de sentido no que se refere às defesas imaginárias contra a castração, o depressivo revela uma pobreza tanto na produção de fantasias quanto nos recursos defensivos próprios de seu mal. Denuncia, portanto, uma falta que é protótipo das sociedades repressoras, fundadas no princípio da carência e da renúncia. O que abate o depressivo não é propriamente o vazio, é o desconhecimento do que causa seu desejo. O saber sobre o vazio, que por um lado serve de argumento a seu desejo de prostração, por outro abre uma grande perspectiva de mobilidade no campo simbólico; “o depressivo, em sua via de cura, é capaz de inventar objetos que respondam à falta daquele que causou seu desejo, já que: não há causa senão depois da emergência do desejo” (LACAN, 1998, p. 65).



O desejo quer o absoluto, mas não consegue! A realidade, nossa inimiga desde sempre, se contrapõe a onipotência do desejo e nos obriga a fazer substituições por outras satisfações não absolutas que podemos obter pela vida; pois é no jogo derrotado da completude com a falta é que o desejo se transforma em sintoma.

[...] O sujeito triste tem medo de saber de seu desejo, o que o leva, muitas vezes, a ponto de não querer desejar. O desejo outorga cor e brilho à vida, mas deve ser pago com a castração - a libra da carne de que falava Shakespeare-, pagamento este que alguns sujeitos não querem fazer. Mas renunciar ao desejo também tem um preço, ainda mais caro: implica ficar triste, sem apetite e, ainda pior, esta renúncia é a causa última das recriminações, já que aquilo de que o sujeito se sente realmente culpado é de haver cedido em seu desejo. (JIMENEZ, 1997, p. 202).

Encontramos em Birman (2007), que a depressão constitui-se na despossessão de si e se tornou a problemática principal do mal-estar contemporâneo,

[...] Pode-se afirmar como as depressões se transformaram num dos males da atualidade, na medida em que evidenciam as tormentas da despossessão de si no seu limite máximo. Fala-se daquelas hoje como nunca se falou antes, transformadas, ao lado das toxicomanias e do pânico, num dos maiores males da atualidade. Porém, se as depressões de hoje têm algumas das marcas apresentadas no passado, outras são evidentemente novas. (BIRMAN, 2007, p. 187).

Afirma o autor, que no passado a culpa era a marca maior da depressão e que hoje o vazio tomou este lugar; a despossessão subjetiva se tornou o processo fundamental na produção do sentimento de vazio, marca paradigmática das depressões contemporâneas. É preciso convidar o depressivo a ter a ousadia de arriscar em alguma construção de sentido para contrapor ao vazio de sentido que o prostra; ou seja, favorecê-lo a construir um caminho que o represente enquanto sujeito do desejo.

O tédio, por sua vez, pode ser tomado como um dos modos de subjetivação que fez suas aparições já no nascimento da modernidade, sobretudo no século XIX, e continua marcando presença na atualidade. O tédio é temporal, á medida que apresenta-se como um estado de inércia e paralisação diante da aceleração do tempo, constituindo-se como um dos principais modos de subjetivação na contemporaneidade.

[...] e ao tédio, ou seja, ao que poderíamos hoje denominar como falta de sentido, angústia, vazio, insegurança e uma série de outras manifestações que revelam a sensação de insuficiência, às quais o sujeito sucumbe, tal como nas explicações anteriores, onde revela-se a impotência, a passividade e a dependência do outro para enfrentar ou superar tais estados. (ESTEVES, 2006, p. 30).



O tédio mostra-se como uma subjetividade potencializada na atualidade! Ele ganha expressão por duas questões decorrentes da época atual.

Primeiro por sua íntima conexão com o tempo, enquanto expressão da tentativa de desaceleração do tempo e de protesto contra o excesso de um ritmo de vida vertiginoso retrata o sentimento de recusa do sujeito a girar na *roda viva* da vida cada dia mais rápida.

O tédio está caracterizado nos dias atuais pelo cansaço de viver, despotencialização da vida, recusa da possibilidade de usufruir das experiências cotidianas, visto que a velocidade impressa nessas vivências as torna impedidas de serem desfrutadas; é como se o sujeito entediado se entregasse á demissão da vida!

A segunda razão para a instalação do tédio é sua correlação com a vivência contemporânea, onde a cultura do consumo providencia rapidamente alternativas que forçam o desvio para que o sujeito não se defronte com a dor mental, contudo, que ele esteja inundado pelo excesso de objetos que se colocam ao alcance da mão! Porém, como *bem material* nunca vai substituir a lacuna do *bem afetivo*, o sujeito permanece em um ciclo vicioso sem satisfação, sem vitalidade, sem vontade, sem saída, ou melhor dizendo, com saída para o vazio de sentido de sua existência!

O sofrimento já não é para ser questionado em sua significação, e sim eliminado em virtude de sua disfuncionalidade. O sujeito não se vê instado a produzir sentido para sua existência como indivíduo e como membro de uma cultura, mas a reproduzir uma imagem imantada pelos itens que a cultura de mercado impõe como necessários ao reconhecimento pelos pares. Na atualidade, é a noção forte de história como criação (quer no plano individual, quer no plano coletivo) que parece estar em declínio. (BEZERRA, 1998, p. 38-39).

Na Grécia Antiga o objeto de desejo ou o sentido da existência do sujeito seria alcançar fama e glória. Caso vivesse na sociedade medieval, seu desejo possivelmente seria cumprir a doutrina cristã para salvar sua alma. Mas, na sociedade de consumo o sujeito vive para ser feliz através daquilo que consome e adquire. Curiosamente, por meio daquilo que descarta. Acredita-se que a aquisição de mercadorias satisfaz o desejo e providência a felicidade. Com um objeto adquirido, a sensação do *ter* suplanta a indagação da construção do *ser*! É a proposta narcisista para a qual somos hoje seduzidos impedindo o contato com a falta!

Mas como os desejos são inesgotáveis e nascem de todo e qualquer contato que se tem com o mundo, satisfazê-los é tarefa impossível!

Já que as mercadorias são produzidas com a finalidade de serem compradas, a sociedade de consumo permanentemente provoca a insatisfação com tudo aquilo que já se

possui e aguça o desejo por aquilo que não se possui. Enredados, todos nós, pelo movimento contínuo de insatisfação/consumo/descarte compreende-se a instantaneidade de se sentir satisfeito e feliz! Confirma-se que a suposta felicidade antecipa uma infelicidade. A felicidade substituída pela satisfação de desejos nunca aplacáveis, jamais é experimentada. O que resta para essa escolha é somente a ansiedade pela felicidade!

Rolnik (1996) adverte que a velocidade das mudanças pode conduzir á sensações de inadequação, como o sentir-se estranho ou estrangeiro consigo mesmo, justamente porque operou-se o descompasso entre a realidade sensível e a realidade expressiva do sujeito. Tudo parece sem sentido. Dá-se uma espécie de estranhamento.

A vivência do estranhamento pode mobilizar a invenção de outras formas de existência, de maneira que o sujeito possa criar engendramentos para as novas demandas da realidade. Mas, quando as pressões sobre a subjetividade tornam-se ameaças de aniquilamento, de despedaçamento e ultrapassam o limite tolerável, dá-se o caos, a desorganização do mundo de significados humanos, a loucura.

A sociedade atual por estar caracterizada por sua complexidade, desterritorialização, poliformismo e incertização (BAUMAN, 2005), acaba produzindo extremo desconforto e insegurança ao homem contemporâneo que tem sido assolado por mais uma das pragas de época: a síndrome do pânico.

A crise de pânico se observada, traduz características temporais, visto que ela se manifesta durante um certo espaço de tempo, por um período de intenso medo ou desconforto, que ocorre sempre de forma repentina, interrompendo o tempo subjetivo do sujeito. As manifestações somáticas da mesma maneira, de súbito, trazem alteração no fluxo sanguíneo do sujeito, aceleração cardíaca, redução do ritmo respiratório, sensação de desespero, entre outros sintomas... Essa desordem inesperada, surpreende o paciente colocando-o no auge da ansiedade, por não conseguir reconhecer a causa da irrupção abrupta desse mecanismo. Muitos pacientes relatam medo da morte, medo da falta de controle emocional, medo da desintegração, medo enfim, de um estado de loucura temporário, infinito... em sua curta duração. Essas vivências provocam urgência em fugir, necessidade de se ver distante do local onde o terror teve início.

A expansividade do homem quanto às suas possibilidades de conquista e de poder são tão grandes hoje em dia que geram proporcionalmente um clima maior de insegurança, tensão e também descompromisso com o futuro. Corre-se o risco de se cair em um estado de indiferença e passividade, ou o inverso, em atuações impulsivas e impensadas cuja função é a descarga do nível de tensão, na busca de equilíbrio interno. (LEVISKY, 1998, p. 22).

As descargas de tensão, assim como os ajustes adaptativos do sujeito contemporâneo, produzem frustrações e mecanismos defensivos do aparelho psíquico, entre eles, de forma presente e ativa encontramos hoje os comportamentos compulsivos.

Podemos pensar a questão da compulsão na contemporaneidade como uma conduta de caráter automatizada, fixada no tempo da repetição, justamente pela incapacidade do indivíduo em simbolizar e representar suas vivências emocionais. Ele permanece escravizado em atuações, compelido em um movimento sem fim a perseguir seu desalento, sem qualquer uso do pensamento ou reflexão, por estar desprovido de uma rede mental que possa dar sustentação à sua excitação pulsional. As compulsões que ilustram a clínica hoje se escancaram na obsessão por compras, no engolir desesperadamente qualquer coisa, na condição maníaca por drogas e bebidas, nas repetições de comportamentos não lógicos, no uso social do sexo indiscriminado.

Abdica da sua condição de sujeito desejante, para deixar-se tomar como mero indivíduo robotizado, peça indispensável à sustentação do processo de alienação e inconsciência estimuladas no cenário atual. Entrelaçam-se as relações de objetos, *compulsivas*, cuja relevância esgota-se na experiência da fruição imediata, movida por uma obsolescência psicológica que rapidamente exige a sempre mesma e igual *novidade* ilusória na busca de aplacar a ansiedade ou a angústia. As próprias idéias de inquietação, conflito e enigma, elementos primordiais da experiência humana, são sorrateiramente transformadas em problemas de disfunção emocional.

Diante de uma progressiva, e a princípio, angustiante perda de referências, como prefere Birman (1993), o indivíduo contemporâneo responde, com apatia e entorpecimento a falta de compromisso consigo próprio e o descaso com a própria vida, mostra como o apelo à sedação promove um domínio ilusório sobre o desamparo e as formas de silenciar a dor ao se descobrir sem referências. É notório também, que a sociedade atual acaba por favorecer a captura dos indivíduos em imagens ilusórias de plenitude, perfeição e onipotência, ao mesmo tempo em que promove estados de superexcitação muito além das possibilidades individuais de satisfação e de elaboração.

Daí a presença da anorexia e bulimia, assim como da depressão ou tédio, da síndrome do pânico, das adições de qualquer natureza, das compulsões, serem consideradas perturbações pertinentes à era contemporânea, pela concretude de suas expressões, pelo vazio de significações, pelos sucessivos *actngs*, pelos constantes *splittings* e pela impulsividade das ações violentas em detrimento da ponderação da elaboração do pensamento.

Assim manifesta-se o sujeito. Na clínica, ele queixa-se de seu sofrimento por não absorver de forma definitiva seus investimentos, seus amores, seus projetos, seus desejos. Sua relação com o tempo – efêmero – provoca a mais ampla fonte de angústia, seu limite de não poder apreendê-lo, e ao poder compreendê-lo, faz dele passado! Na relação entre o ser e o tempo, tudo passa, tudo se transforma e o que é, deixa de ser!

As certezas de cada analista são abandonadas em favor da opção pela não antecipação das intervenções, para que seja possível captar o ponto de emergência da angústia e o tempo necessário para que as interpretações possam ser dadas, em contínua formação de um novo sentido para os sintomas e da consciência das transformações necessárias.

Freud, enquanto primeiro analista, teve o mérito único de inaugurar a *escuta psicanalítica*, desenvolvendo seu método e técnica através desta *não antecipação das intervenções...* de forma exemplar foi criando procedimentos técnicos, na tentativa de dar conta do sofrimento mental manifesto em sua época, graças, logicamente, aos casos clínicos assumidos. Ser analista, é essencialmente poder recuperar a *escuta* de Freud, para recuperar o *modo de pensar* freudiano. Um pensar que provoca descobertas!

Descobertas surgidas na escuta clínica; pois a cada dificuldade encontrada na relação analítica, Freud a transformava em novo instrumento de trabalho, fazendo do aprendizado com suas pacientes a construção da Psicanálise.

Em breve retorno á essa construção da técnica psicanalítica, reconhecemos que incrédulo em relação aos métodos pretensamente científicos empregados pelos neuropsiquiatras de seu tempo, Freud resolveu empregar o método do hipnotismo com suas pacientes e em seguida, ainda com Breuer, aprendeu sobre a catarse (FREUD; BREUER, 1885).

Por esse procedimento experimental, Freud foi constatando a cura pela fala. Ele mostrava-se catártico na medida em que despertavam lembranças importantes guardadas na memória e dava vazão a emoções poderosas que a paciente tinha sido incapaz de evocar quando estava em seu estado normal.

“Verificou-se logo, como por acaso, que, limpando-se a mente por esse modo, era possível conseguir alguma coisa mais que o afastamento passageiro das repetidas perturbações psíquicas” (FREUD, 1910/1980, p. 17).

Na busca da estimulação pela recordação de acontecimentos esquecidos, Freud emprega novo método,

Considerarei que meus pacientes realmente deviam saber todas as coisas que até então só lhes foram acessíveis na hipnose; e o asseguramento e o encorajamento de minha parte... haveriam de conforme pensei, conseguir trazer à consciência os fatos

esquecidos e suas inter-relações. Sem dúvida isso parecia um processo mais laborioso do que colocar o paciente em hipnose, mas podia mostrar-se altamente esclarecedor. Assim, abandonei a hipnose, mantendo apenas minha prática de solicitar ao paciente que se deitasse no divã enquanto eu ficava sentado atrás dele, vendo-o mas não sendo visto por ele (FREUD, 1896/1969, p. 157).

Essas técnicas iniciais possuem uma característica em comum: sua relação com o *tempo*; são procedimentos que ignoram a lógica temporal, a hipnose retira o sujeito de sua ordem cronológica e o arrebatava para uma viagem no tempo, retorno em busca de experiências passadas e suas revelações na tentativa da compreensão dos sintomas. Anna O. paciente histórica e histérica, durante seu estado de transe, ou seja, estado de exclusão do tempo presente, fora da relação temporal, recordava uma série de ocorrências traumáticas ocorridas num passado remoto, obtendo com isto alívio sintomático e favorecendo o desenvolvimento da técnica psicanalítica, com descobertas importantes a respeito dos efeitos terapêuticos e da relação médico-paciente.

Na associação livre (FREUD, 1913/1980), a orientação dada ao paciente é de total irreverência ao tempo, mesmo nos dias de hoje, lhe pedimos que permita total liberdade de expressão aos pensamentos, sentimentos, lembranças ou sensações que lhe ocorrerem a mente, durante a sessão analítica; tudo deve ser comunicado com a isenção da censura, com a total garantia da condição extrema da ética e do sigilo que o processo sustenta. Aí está posta a condição para o acontecer psicanalítico, onde o tempo não lógico do mundo interno irrompe sem conexão alguma com a lógica do tempo real. A temporalidade distendida dessa regra permite ao sujeito desligar-se das urgências da vida cotidiana para entregar-se de forma desinteressada ao fluxo narrativo ou associativo. Existe uma desconexão com a temporalidade, seja pela descontinuidade de um relato, pela não sequência de idéias, não continuidade de fases cronológicas, onde o atributo atemporal do inconsciente vem à tona e a fala do paciente pode livremente transitar pelos caminhos das recordações inicialmente inalcançáveis. O tempo subjetivo despreza-se do tempo objetivo, indo muito além da limitação digital dos cinquenta minutos...

O convite à associação livre constitui o modo específico de *fazer falar*, mais uma estratégia inventada por Freud em sua ânsia de vencer as resistências à recordação (FREUD, 1896/1980); a resistência entendida como um movimento inconsciente que interrompe o percurso da associação livre na mente do paciente e que evidentemente, dificulta o trabalho do tratamento psicanalítico.

Dentro da concepção do tempo, podemos também entender a resistência, como uma parada abrupta, processo de estancamento ou lentidão, que atrasa o movimento que busca

modificar a própria inércia e também a repetição do modo patológico de satisfação do sujeito pelos sintomas. A psicanálise, em como vencer resistências, se constitui no trabalho em direção à associação livre, utilizando-a como sua regra fundamental!

A Interpretação dos sonhos (FREUD, 1900), nova técnica utilizada por Freud no caminho certo para o conhecimento do inconsciente e na compreensão da realização do desejo. Podemos dizer que o sonho se constitui em um espaço totalmente alheio às normas e regras impostas pela realidade, seu conteúdo seja por deslocamento ou condensação, lhe garante irrestrita liberdade de criação e magnitude no tempo subjetivo, ali as construções mentais funcionam ao bel prazer do analisando, com total subversão ao tempo lógico e racional, todas as fantasias e desejos estão provisoriamente ao alcance de suas mãos. O sonho é um tempo à parte do mundo dos viventes, é um tempo fora da realidade, é um tempo de outra natureza, é um tempo secreto e fugaz, é simplesmente *o tempo dos sonhos!*

Enfim, *a técnica por excelência!* Freud notou que todos os seus pacientes, sem exceção, apresentavam um fenômeno; em determinado momento do processo analítico transferiam para a pessoa dele, sentimentos, idéias, emoções..., que um dia sentiram – realisticamente ou não – em relação a figuras significativas de sua infância. Nesse momento, fez sua grande descoberta, a Transferência (FREUD, 1905/1980).

As transferências são “novas edições ou fac-símiles das tendências e fantasias despertadas e tornadas conscientes no decorrer do tratamento psicanalítico; mas tem uma particularidade, característica de sua espécie, que consiste na substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico”. (FREUD, 1905/1980, p. 113).

Freud fala ainda de experiências psicológicas passadas e revividas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas agora, à pessoa do médico e no presente. Portanto, a regra-mestra da Psicanálise está integralmente ancorada na questão do tempo. A possibilidade de fazer o tempo voltar, de se viver novamente uma situação em específico, poder concretamente entrar no passado e ali modificar uma situação, mexendo e alterando “o que se poderia descrever como um clichê estereotípico (ou diverso dele), constantemente repetido - constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa” (FREUD, 1912/1980, p.133); provocando mudanças, aí está a potência da relação transferencial, nova chance dada ao indivíduo de tomar posse de sua mente e de sua vida!

O vínculo transferencial recria as situações afetivas não entendidas e a emoção até então aprisionada na mente do paciente ganha vida! O tempo retorna ao passado em meses, anos ou décadas em questão de segundos, na memória ou no relato do paciente que atualiza

seus fantasmas. O tempo salta em sonhos, buscando um futuro promissor nas expectativas explícitas do paciente, que transita com irreverência pela relação da dupla. Uma relação que foge da previsibilidade do analista, em busca de novos sentidos para a história do paciente.

Freud em sua escuta privilegiada pode reconhecer o fenômeno da transferência; que não foi inventado por ele; mas ganhou visibilidade e importância enquanto técnica quando ele pode apreendê-lo e formulá-lo verbalmente e assim, analistas e psicoterapeutas do mundo inteiro, ano após ano, até hoje, percebem e fazem uso desse fenômeno, que se dá em sua prática clínica.

Há sempre uma idéia sobre o tempo quando se produz a clínica analítica, sendo possível por isso, focar a diversidade entre seus autores a partir das perspectivas sobre a temporalidade, constatando-se evidentemente que diferentes maneiras de abordar o tempo produzem estratégias clínicas diferenciadas.

Para Klein, por exemplo, a questão do tempo envolvida na transferência não é mais representada apenas pela relação passado-presente, porém ampliou-se o foco, considerando a natureza dos processos envolvidos na transferência, aquela existente entre mundo interno e mundo externo. Toda a vida psíquica é dominada pela atividade das fantasias inconscientes e pelas defesas a elas conectadas. O significado das comunicações visto pelo vértice transferencial, no tocante à restauração do tempo psíquico é privilegiado.

Em minha experiência, a situação transferencial permeia toda a vida real do paciente, durante a análise. Quando se estabelece a situação analítica, o analista toma lugar dos objetos originais e o paciente, como sabemos, lida novamente com os sentimentos e conflitos, que estão sendo revividos, com as mesmas defesas que usou na situação original. Assim, ao repetir, em relação ao analista, alguns de seus primeiros sentimentos, fantasias e desejos sexuais, ele desloca outros tantos do analista para diferentes pessoas ou situações. O resultado disto é que os fenômenos transferenciais estão sendo em parte desviados da análise. Em outras palavras, o paciente está “atuando” parte de seus sentimentos transferenciais numa situação diferente, externa à análise. (KLEIN, 1952 p.70).

Portanto, o analista deixa de ser encarado como um espelho sobre o qual o paciente projeta suas figuras internas, com as quais passa a interagir, para ser visto como um indivíduo que possui uma mente para dentro da qual são projetados sentimentos e ou funções mentais. Ao projetar para dentro, o paciente está ativamente durante a sessão, fazendo algo com a mente do analista e, ao fazê-lo, está comunicando algo a respeito do funcionamento de sua própria mente.



O analista se torna local de projeção das mais antigas fantasias inconscientes do paciente e as respostas que este fornecerá às interpretações serão, por sua vez, interpretadas como novas fantasias e como testemunhos das distorções resultantes da recepção da interpretação. (JOSEPH, 1990, p.76-88).

Ao se fixar o número de sessões em quatro ou cinco, ou seja, o mais freqüente possível, tendo em vista as limitações objetivas da vida do paciente e do analista, está sugerido ao paciente que para conhecê-lo precisa-se ter um contato constante com ele, quebrando a idéia do objeto idealizado - no caso, o analista - que saberia tudo e que poderia de forma mágica produzir mudanças, o que, por sinal, é o desejo das partes infantis do paciente. Também está posto ao paciente que precisa ser ativo em seu processo de mudança e que a análise exige dele grande participação em termos de presença às sessões e do *tempo* que a análise vai ocupar em sua vida.

Na técnica kleiniana, sessões espaçadas são vistas como não potentes para se evitar o *status quo* estabelecido como fruto da organização defensiva do analisando; sessões freqüentes atuam mais diretamente sobre esta estrutura, dificultando sua reorganização e, por outro lado, permitem o acesso a uma sucessão de processos defensivos que de outra maneira não seriam mobilizados e passariam despercebidos.

Ainda entre os kleinianos há um emprego especial do tempo, dos seus intervalos e lacunas, quando se avalia a intensidade das frustrações do analisando, associadas aos sentimentos de abandono ou rejeição que ele experimenta, quando provocadas pela separação da dupla analítica durante os fins de semana ou nas férias. Muitos elementos da compreensão e da teorização kleinianas tomam como referência este tempo cronológico para teorizar sobre as conseqüências das primitivas frustrações e angústias do bebê na vida mental do adulto.

Reconhecemos que teoria e técnica se entrelaçam constantemente na questão do tempo e a forma como o analista se propõe á essas questões, se tornam o método de seu trabalho acrescido de um timbre bastante pessoal, ou seja, a utilização de seu talento na abordagem da mente do analisando. Nesse aspecto Bion trouxe contribuições singulares; entre elas, a recomendação técnica do Sem memória, sem desejo e sem compreensão (BION, 1959/1967) tenha sido a mais discutida no meio psicanalítico.

Essa consideração deve ser entendida além de uma proposta de modificação na técnica, um incentivo na mudança de atitude interna do analista, com uma certa privação dos órgãos dos sentidos, visando possibilitar sua intuição ao máximo. Recomenda, então, o autor; obedeça as seguintes regras:



1-Memória: não se recorde das sessões passadas. Quanto maior o impulso de “recordar” o que foi dito ou feito, maior a necessidade de resistir a ele. Este impulso pode se apresentar como um desejo de recordar algo que aconteceu, porque este acontecimento parece ter precipitado uma crise emocional: a nenhuma crise deve ser permitido quebrar esta regra. Não se deve permitir que os supostos acontecimentos ocupem a mente. De outro modo, a evolução da sessão não será observada na única ocasião em que pode ser observada – enquanto está ocorrendo.

2-Desejos: o psicanalista pode começar por evitar quaisquer desejos de aproximação do final da sessão (ou da semana, ou do semestre). Não se deve permitir que desejos de resultados, de “cura” ou mesmo de compreensão proliferem. (SPILLIUS, 1990, p. 31).

Assim, ele afirma que o desejo é uma intrusão no estado mental do analista, que esconde, disfarça e obscurece a verdade. Este é o *ponto escuro*, que precisa ser iluminado pela *cegueira*. “Memória e desejo são iluminações que destroem o valor da capacidade do analista para observação, como a penetração da luz na câmera destrói o valor do filme exposto” (BION, 1970, p. 76).

A memória é sempre enganosa enquanto registro de fatos, uma vez que é distorcida pela influência de forças inconscientes. Os desejos interferem, pela ausência de mente quando a observação é essencial, na operação de julgamento. Os desejos distorcem o julgamento através da seleção e supressão de material a ser julgado. (SPILLIUS, 1990, p. 30).

A *observação* psicanalítica não concerne nem ao que ocorreu nem ao que vai ocorrer, mas ao que *está* ocorrendo, assim afirma Bion; e porque não dizer que neste procedimento existe completa adesão a situação presente, *onde o tempo que conta* é aquele que se dá na sessão. Além disso, ele não diz respeito a impressões dos sentidos ou aos objetos dos sentidos, prossegue o autor.

Toda sessão na qual o psicanalista toma parte não deve ter nem história nem futuro. O que já se conhece sobre o paciente não tem a maior importância: é falso ou irrelevante. Se é conhecido pelo paciente e pelo analista, é obsoleto. O único elemento de importância em qualquer sessão é o desconhecido. (SPILLIUS, 1990 p. 31).

O psicanalista de acordo com Bion deve esforçar-se por alcançar um estado mental tal que a cada sessão ele sinta que nunca viu o paciente antes. Se ele sente que viu, está tratando o paciente errado. Este procedimento é extremamente penetrante.

Ele se familiarizará com isto, e terá o consolo de construir sua técnica psicanalítica sobre a base firme do intuir a evolução e não sobre a areia movediça de uma frágil experiência imperfeitamente recordada que rapidamente dá lugar à experiência mas que neurologicamente determina um declínio da faculdade mental. A sessão em evolução é inequívoca e o processo de intuí-la não se deteriora. Se lhe é dada oportunidade, este processo inicia-se cedo e deteriora tarde. (SPILLIUS, 1990, p. 32).

A ênfase e detalhamento da situação transferencial, que Bion extraiu da experiência com pacientes psicóticos, trouxe a esse conceito alguns desdobramentos, como os que transparecem nas transcrições que seguem:

A transferência é uma experiência transitória, é um pensamento, sentimento ou idéia que o paciente tem, em seu caminho para outro lugar. Depende de se permitir que aquilo que o paciente diz entre dentro do analista, de se permitir que pule para fora, como se fosse o seu interior refletindo-se para fora. (BION, 1992, p. 82).

Como se observa nessa citação, além do autor considerar que a transferência pode ser um veículo de comunicação primitiva, ele também emprestou muito valor ao aspecto de transitoriedade, como acena a própria palavra *transferência*, em sua etimologia composta de *trans* – que significa um ponto de chegada em um nível mais elevado- e de *feros* – que significa conduzir.

Também é bom considerar que uma palavra como ‘transferência’ tem sombras de significado que, como ‘transiente’, é apenas temporária; aplicável ao momento no qual os dois caminhos cruzam por um curto espaço de tempo durante o qual o paciente emprega um modo de comunicação que sou capaz de receber mas não sei como é feito. (BION, 1992, p. 124).

Bion ressalta a posição de que a transferência é inter-relacional e que ela estabelece papéis entre analista e paciente, já não importa o significado de cada um deles separadamente, mas sim a relação que os une ou desune; enfatiza ainda que as comunicações e sensações ocorridas na dupla analítica durante o encontro analítico é que podem e devem ser consideradas. Também considera a condição do analista como uma pessoa real, e não unicamente como um objeto ou uma tela transferencial; “penso que o paciente faz algo para o analista e o analista faz algo para o paciente; não é apenas uma fantasia onipotente” (BION, 1992, p. 79).

Outro aspecto destacado, mais que uma mera repetição do passado, a transferência é uma forma de retorno compulsivo, como uma tentativa de preenchimento dos *vazios evolutivos*, especialmente das partes psicóticas da personalidade que estão cheias de vazios. Esse último aspecto justifica uma pergunta que a psicanálise se faz: A transferência representa uma necessidade de repetição, ou ela se constitui como a repetição de uma necessidade?

Considerando em especial, os métodos clínicos de Bion, Klein, Freud e de forma particular o uso técnico da transferência, constatamos que a psicanálise é capaz mesmo, graças as técnicas desenvolvidas, de interferir em um tempo já vivido, torná-lo vivo e

presente, rompendo com o tempo estagnado, trazendo outras significações para a experiência do sujeito.

Mas a respeito da especificidade do trabalho analítico, podemos nos perguntar; “contudo, o que faz o tempo na análise?”.

“os” tempos acionados pela análise não se regulam pelo relógio, mas pela transferência, situando aí os “tempos de transposição e de transformação”, ou seja, tempos nos quais a repetição dá lugar à elaboração, tempos nos quais se torna possível redesenhar e reconstruir o passado. (KNOBLOCH, 1998, p. 116).

Amor, memória, tempo, luto e morte são experiências humanas que, ao longo dos tempos ganham formas múltiplas e contrastantes de expressão que sempre retratam e modelam o sujeito; com efeito na abordagem da temporalidade, tal como aqui discutida, reconhecemos na Psicanálise uma relação íntima entre o tempo e a subjetividade. Na dinâmica psíquica, entram em jogo, com forças quase imponderáveis, o desejo, o imaginário, o recalque, o trauma, o sintoma... e seria ingênuo afirmar que algumas dessas instâncias remetem apenas ao futuro, – como o desejo, por exemplo –, enquanto outras são devedoras apenas do passado, - como o recalque.

“Nenhuma dessas instâncias remete apenas a um momento do tempo, uma vez que cada uma delas penetra, a seu modo, no passado, no presente e no futuro, subvertendo assim, a linearidade temporal da vida psíquica do sujeito” (GARCIA DE ARAÚJO, 2004, p. 240).

É tal subversão, aliás, que provoca algo extraordinário, a experiência analítica como experiência do inconsciente é a experiência pura dessa reversão temporal.

Na experiência analítica, contudo, essa experiência da reversão temporal é vivida de uma maneira absolutamente inédita, particular, especial, uma vez que cada momento presente na sessão é duplicado por sua própria inscrição no passado, vivido no presente e com a significação do inconsciente.

A reversão temporal é constitutiva da experiência humana como experiência do tempo. O tempo vai simultaneamente em direção ao futuro e em direção ao passado, e o que caracteriza a experiência analítica é que nela o modo passado do tempo é atualizado pela presença do analista, que torna presente a inscrição do presente no modo passado. (MILLER, 2000, p. 38).

O tempo psíquico é uma trama na qual os conflitos se desenrolam numa dinâmica que confirma justamente o entrelaçamento dos três momentos temporais. Se assim não fosse, não poderíamos falar de uma triplicidade unitária, na qual cada dimensão do tempo remete, sem cessar, a cada outra.

A hipótese da primazia de uma ou outra dimensão “ek-stática” remeteria, antes, a uma patologia da experiência temporal, ora quando o passado nos paraliza, anulando toda possibilidade de um projeto, ora quando o futuro é por demais fantasioso, denegando aquilo que “somos sido”, ora quando o presente se torna um eterno agora ou pura circularidade, anulando os horizontes passado e futuro. (GARCIA DE ARAÚJO, 2004, p. 240).

Pensar é atemporal; para Arendt, especialista na *condição humana* a atemporalidade decorre do pensamento, “o homem, na plena realidade de seu ser concreto vive nessa lacuna temporal entre o passado e o futuro, entre a recordação e a antecipação” (ARENDRT, 2000, p. 72).

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à sua “luta” constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro. Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro. (ARENDRT, 2000, p. 74).

A psicanálise assegura nesse início de milênio uma potente constatação: o homem contemporâneo precisa ainda mais do contato e da relação a dois para dar conta de sua existência; uma experiência passageira e fugaz, uma experiência que o angustia e necessita ser pensada; o psicanalista trabalha com o tempo e no tempo, e depende de sua habilidade para reduzir o processo analítico ao mero registro documentário e histórico de um saber que privilegia a linearidade dos fatos, ou então para nele deixar surgir o reconhecimento de uma verdade insistente e fugidia, mas determinante nos destinos do analisando.

### 4.3 O Tempo do Sujeito na Clínica

#### A ESCURIDÃO E O TEMPO

*Chove demais, muitas goteiras, o teto todo está furado e a chuva é pesada! Estou inerte, não me levanto da cama, sei que vou morrer ali, sufocada, inundada pela quantidade de água, sem ajuda de ninguém, nem mesmo a minha. O desespero vai subindo junto com a água, o quarto ainda está escuro, não sei se é dia ou se é de noite... (Marina)*

Tempos diversos: o medo da infância, a angústia da vida adulta; etapas em dois tempos em uma só existência! Duas mulheres; uma menina e uma moça se alternam na sala

de análise em dois momentos, onde vivem e revivem suas histórias, suas fantasias, seus temores que ganham vida através dos sonhos relatados.

No cenário psicanalítico, dois enredos em um só: Marina menina, tímida, acanhada, sempre escondida em seu olhar cabisbaixo e Marina mulher, melancólica, sem expressão no mundo dos adultos. A linha do tempo se alterna entre as falas e os receios dessas protagonistas... A narrativa nos remete a uma situação incerta: a possibilidade de se voltar no tempo e desfazer ou refazer escolhas. As opções feitas na vida, os caminhos trilhados são repensados por Marina na maturidade, num constante contraponto com os ideais ingênuos e sonhadores da Marina da infância. Cada opção tem uma conseqüência e uma dúvida “e se eu tivesse contado...”, “por que comigo?” “...e então?” “... o que me resta fazer?”

Transformar escolhas, mudar direções, ajudar o paciente a abandonar modelos repetitivos e estéreis, encontrar possibilidades mais criativas para encarar os sofrimentos que a existência impõe; acredita-se que a análise, em qualquer tempo, tem a possibilidade de interferir neste tempo das incertezas do *se*, *porque*, e *então*. Para o analisante, existe uma implicação neste compromisso, auxiliar o paciente a romper o tempo morto da repetição.

É poderosa a impregnação dos acontecimentos que se desenrolam no tempo analítico e que permanecem na mente do analista. O acompanhamento clínico de Marina está nessa condição. Em função do empenho de pesquisar a concepção do *tempo* na prática clínica é que pude reconhecer que há algum tempo, esse tema já estava presente em meu interesse, aguçando minha curiosidade e simplesmente aguardando uma oportunidade de compreensão mais aprofundada. Graças ao registro psíquico que no desdobrar do tempo permaneceu em minha mente e que chamo de memória, posso ousar reconstruir e descrever esse caso clínico dentro da perspectiva do *tempo*. É simplesmente espetacular poder usar desse procedimento - a memória - que conserva no tempo a inscrição das lembranças e memórias; e melhor ainda, mantêm a permanência abstrata, porém viva das informações e sensações recolhidas naquele presente que hoje se rendem ao passado.

A memória obedece às leis que regem o imaginário. É ela que nos dá alguma medida, tanto individual quanto coletiva, do fio do tempo, e estabelece uma consciente impressão de continuidade entre os infinitos instantes que compõem uma vida. Arrisco propor que o passado, cuja inscrição psíquica se dá através da memória, conserva o tempo em sua versão imaginária. (KHEL, 2009b, p. 127).

## **A história de Marina**

Marina começou a análise há oito anos em função de forte depressão e delírios. Vinha sendo acompanhada por psiquiatras e fazendo uso contínuo de medicamentos necessários para a manutenção de sua condição emocional frágil, devido a alucinação onde via e conversava com pessoas pela janela de seu quarto, o que lhe trazia grande temor e dúvidas em relação à sua saúde mental.

Em nosso primeiro contato comenta que o marido a frustra profundamente, é grosseiro com ela e se excede na bebida. O relacionamento entre os dois foi se complicando, principalmente com a chegada dos filhos que são bastante ligados a ela. O mais velho sempre teve problemas de saúde, e o mais novo, transtornos de déficit de atenção, ambos solicitando muita atenção dela. Marina trabalha fora, mas temporariamente está afastada de sua ocupação profissional, diz sentir-se muito cansada, sem possibilidades de exercer a profissão e não quer sair de casa, tem muito sono e prefere ficar em seu quarto, que é mais seguro, não precisando relacionar-se com pessoas.

Na infância Marina vivia grande amargura e temor em relação ao pai que se mostrava dominador e autoritário, sentia-se totalmente submissa, sem liberdade para sair ou brincar fora de casa, enquanto sua mãe jamais tomou partido a seu favor, impedida de reconhecê-la em suas necessidades.

Vive ou viveu desde sempre, imersa em uma sensação de enorme abandono. Seus temores infantis não puderam ser respeitados, nem por ela nem por seus pais. Desde pequena teve que ser grande, cruzar sozinha e em pânico os corredores escuros da casa da infância. Como expressar seus temores diante de pais tão ausentes e exigentes? Como reivindicar cuidados para si agora já adulta? Na fantasia e na realidade, cobra-se de sucesso, realização e perfeição enquanto mãe, esposa, filha e profissional. Na sala de análise parece encontrar um lugar onde mostrar a ela e a mim, o quanto se sente sem direito algum, em desamparo e quanto não está bem.

Duas personagens, sendo uma só, em duas etapas de sua vida; Marina- menina e Marina- mulher. A menina munida de sentimentos, temores, ameaças, desenvolve cenas dramáticas, fazendo da sala um palco infantil. A mulher, deitada no divã narra sua história e relata seus sonhos. Na sala de análise um movimento de ir e vir constante, uma sucessão de relatos que se intercalam e se alternam ora no tempo atual, nos breves silêncios e na fala que transmite o tempo passado. Duas pacientes, duas formas de apresentação de material; no que diferem, no que se assemelham, nos sonhos que trazem, no funcionamento mental que evidenciam?

Marina entra na sala de análise, muito compenetrada, ela levanta o olhar e me diz bem baixinho, do jeitinho de uma criança: “Tenho medo de sair da sala de espera e chegar até aqui, sei que o corredor não é escuro, mas é a minha visão que escurece, tenho medo durante o trajeto, parece que é muito comprido e nunca chega. Só paro de me apavorar, quando entro aqui e vejo você na sala!”

Disse ainda, que quando sua dor estava insuportável, muitas vezes pensou em procurar tratamento, mas sempre adiava, achando que o *tempo* iria minimizar seus sintomas, tinha a esperança que quanto mais longe ficasse a infância, melhor estaria. “Mas infelizmente, o *tempo* foi passando e nada melhorou, não agüentava mais conviver com culpa, vergonha, medo e tristeza, tudo isso me adoecendo,” disse ela.

A relação de Marina com o processo analítico e comigo demonstrava nas primeiras semanas de tratamento uma não perspectiva de atravessar o percurso da análise que lhe parecia assustadora, longa e inatingível.

Marina demonstra uma dinâmica emocional de extrema fragilidade que provavelmente tenha se instalado precocemente, por não ter vivido relações de atenção e afeto o que não lhe permitiram a introjeção de pais cuidadores. Tudo ao seu redor demonstrava ameaças e perigo. Em sua realidade a mãe foi negligente, alheia aos seus sinais e pedidos de socorro, em sua alucinação identificada pela fantasia infantil, existia uma mãe mortífera e rejeitadora, tornando-se uma mãe persecutória em si mesma.

A noite negra tudo invade, a menina Marina é envolta na escuridão e, aos poucos se abre diante dela o cenário de um sonho,

*...estava em um campo bem grande, muitas pessoas em fila, com aspecto de sofrimento. Esse campo era cercado por arame, ninguém nunca mais podia sair dali e bem perto se avistava um vilarejo. Eu e mais duas crianças podíamos ficar andando por lá, é como se fosse minha casa, eu já conhecia tudo ali, elas não; elas queriam sair, fugir e eu me comportava de forma resignada, não era bom pra mim também,mas parece que ali era meu lugar. De repente encontramos perto da cerca, um buraco e uma mulher que passava indo com certeza para o vilarejo, pedimos ajuda, íamos ao seu lado, nós pelo lado de dentro e ela pelo lado externo, em liberdade; ela desprezava nossa súplica, era indiferente, e continuava andando, ela podia fazer algo em nosso favor, mas não dava importância...*

Ali, no íntimo da experiência emocional revivida, possíveis significados são gerados e novos sentidos podem aflorar. Marina oferece a descrição de seu processo psíquico pelo sonho que dá forma à indiferença do outro, ao seu desamparo, sente-se recolhida no abandono das profundezas de seu ser e às barreiras que se interpõe à possibilidade de uma vida com autonomia.



Sua vida se dá no campo de concentração, onde aguarda resignada o sofrimento de cada dia, está tão acostumada a isso, como se não pudesse experimentar outras vivências além da cerca. Conversamos longamente sobre sua postura impotente, há buracos na cerca e um vilarejo próximo, mas não se percebe com iniciativa ou capacidade para fazer passagens necessárias á vida adulta. Prefere aguardar uma mulher – mãe ou analista - para essa tarefa. Marina diz que nunca foi reconhecida em suas necessidades, que o outro sempre foi insensível ás suas dores, quando não o próprio agressor.

Seu corpo dolorido sinaliza o tormento das agressões, muitas noites e dias no escuro. Nas marcas de seu corpo sua dor se revela. Marina expressa pela somatização idéias fortemente carregadas de afeto, já que não é capaz ainda de utilizar a função simbólica para representá-las, utiliza-se de dores de cabeça fortes e freqüentes, paralisia temporária em partes do rosto e braço, formigamento da boca, chegando a ficar bem inchada, como se fosse uma alergia.

Noites e dias de sono intenso. Não consegue descansar, nem acordar. Como ampará-la no descanso psiquicamente? Como oferecer-lhe uma noite tranqüila? A paciente diz não conseguir ficar desperta, entrega-se a estagnação do tempo morto da depressão e prefere dormir, mesmo tendo pesadelos; ela encontrou no tempo particular do sono e dos sonhos, uma saída possível para o entendimento de sua dor mental.

Os sonhos são uma obra estética, talvez a expressão estética mais antiga e podem assumir formas estranhamente dramáticas, já que somos o teatro, o espectador, os atores e o enredo. Em nossa vigília existem momentos terríveis, em que a realidade nos massacra e, no entanto, nada disso se parece com o pesadelo, que tem um horror peculiar. (BORGES, 1980, p. 65).

No tempo da transferência a cena se dá no aqui e agora da sessão. A analista, agora em cena, se alterna na interpretação de um material que tem laços com o passado e a história, ao mesmo tempo em que concede atualidade aquilo que se passa durante a sessão.

Freud já havia demonstrado que todo material, qualquer que seja, comporta por meio da tela de reminiscências, elementos pertencentes a momentos diferentes do passado que se intercalam e são reformulados por uma elaboração no momento que emergem à superfície, no transcorrer da sessão.

O ponto de vista de Freud sobre a temporalidade se formou por uma acumulação de mecanismos de tipos diferentes, levando em conta inúmeros elementos: desenvolvimento da libido, modelos bidirecionais, recalçamento, *après-coup*, atemporalidade do inconsciente, verdade histórica, fantasias originárias, entre outros determinantes biológicos e psíquicos.



Os temas dos sonhos oferecem imagens às palavras e se constituem pelo “conjunto de esforços econômicos empreendidos pelo psiquismo para representar a experiência emocional através de um estranhamento estético” (JUNQUEIRA FILHO, 2009, p. 1). O sonhar de Marina ilustra a habilidade que a mente humana tem, de se valer de estórias para expressar suas realidades psíquicas, na incrível capacidade de elaboração. Considero os sonhos da paciente como estratégias, no sentido dado por Susan Isaacs (1982), para tudo aquilo que é precipitado de experiências vividas e tornando-se a base para interpretar o presente e esperar o futuro. “A imagem construída a partir de traços de memória de todos os tipos de experiências sensoriais, cinestésicas e viscerais, assim como visuais e auditivas” (MILNER, 1991, p. 52). Utilizo esses sonhos como meio pelo qual a paciente encontra, para apresentar a si mesma e a mim, os processos psíquicos que se passam dentro dela.

Em seu sonhar estão escondidas as maneiras de elaboração e um meio de comunicação de suas fantasias inconscientes, subjacentes aos sintomas, à percepção, ao pensamento e à criatividade. Nelas encontramos a transposição do material psíquico de uma forma de expressão a outra. Os sonhos obedecem não ao princípio apenas do conteúdo latente, mas às diversas formas de expressão, das transformações, das formações, das deformações, do que se condensa, do que se desloca, enfim, a mobilidade dos pensamentos e dos sentimentos.

[...] a transformação dos pensamentos oníricos latentes no conteúdo manifesto do sonho merece toda nossa atenção, visto ser este o primeiro exemplo que nos é conhecido de transposição do material psíquico de um modo de expressão para outro, de um modo de expressão que nos é imediatamente inelegível para outro que só podemos chegar a entender com ajuda de orientação e esforço. (FREUD, 1901/1987, p. 578).

Com ajuda de orientação e esforço, sim, desde o início deste trabalho, minha identidade e força vital como analista sempre foram colocados à prova, seja por sua condição pré - psicótica, pela desvitalidade apresentada, assim como pelo sofrimento expresso. Marina deita-se no divã e relata um sonho:

*Eu estava sozinha no restaurante e desci uma escada, cheguei lá em baixo e por um túnel escuro deveria conseguir sair pra fora. Lá fora tinha um carro que poderia me levar para onde eu quisesse, mas o túnel nunca acabava, passava por hospitais com muitas pessoas doentes, passava por um aeroporto vazio, e quando, estou no final dele, vejo um homem. Me desperta muito medo, eu corro, tentando fugir, mas ele está em todos os cantos escuros do corredor me perseguindo;... acordo muito sobressaltada, me sinto petrificada, sem energia e vontade de viver.*

Suas fantasias primitivas e aterrorizantes ganham expressão nas imagens vivas e intensas do sonho, já que não pode exprimi-las por palavras, nem conscientemente. Considero como base a premissa de que as fantasias inconscientes e os sonhos utilizam-se da mesma linguagem, tendo o mesmo conteúdo e mecanismo de formação. Para Klein(1930/1996) elas são subjacentes aos sonhos, para Hanna Segal (1993) o sonhar é apenas uma das expressões da fantasia do inconsciente. Fundamento-me na equação pulsão-fantasia tomando a fantasia inconsciente como expressão mental dos impulsos.

Marina começa a chorar e soluçar, relatando seus temores pelo escuro, corredores sem fim em sua vida, sem possibilidade de direção enquanto não se tornar mulher. Pelo sonho relatado na sessão, Marina penetra no túnel do tempo na busca de reencontrar seu lugar na infância, deparando-se com seus temores infantis de ser atacada em cada momento que se sentia sozinha. No sonho a cena da fantasia infantil é revisitada através do túnel do tempo que o sonho lhe oferece. O trauma revisitado? A cena mais antiga em sua fatalidade originária é lembrada pela paciente, hoje com corpo sexualmente amadurecido, vendo-se habitada por uma sexualidade ainda em seu corpo de criança.

As vozes da infância não são jamais esquecidas ou abandonadas. Cada um traz em si, à sua maneira, a totalidade de sua história. A história mais profunda, a menos esquecida, a menos superada, é aquela de nossos desejos, ancorados em nossas pulsões, impregnantes de nosso pensamento... O sonho nos mostra isto a cada noite. (GREEN, 1995, p. 305).

Entramos em processo bastante doloroso em sua análise, é hora de Marina se defrontar com seus temores e desejos, discriminar o que lhe cabe enquanto fantasia e o que lhe cabe enquanto realidade. Diria que delicadamente e gradativamente, a lentidão necessária do percurso psicanalítico, fez com que Marina começasse a passagem fundamental do tempo paralisado de sua depressão e sintomas, anteriormente sem nenhuma representação esperançosa de futuro, á um tempo de elaboração de suas vivências. Da insuportável sensação de prostração e temor contra a qual ela se refugiou em seu quarto em uma temporalidade suspensa, atingiu possibilidade enfim, para estabelecer uma relação particular com a verdade de seus conflitos e de sua condição.

Sempre ficou evidente que os sonhos dessa paciente davam origem aos relatos dos acontecimentos que ilustravam o enredo de sua vida, que se desenrolavam nas reflexões em busca de compreensão a respeito do escuro sempre mantido como pano de fundo de sua história. E durante a noite Marina mergulhava em uma escuridão sem tempo, revelada no aqui e agora da sessão.

*Tinha um homem com uma menininha, ele queria mostrar-lhe uma casa de brinquedos, um lugar muito bonito. Mas quando a garota chegou lá, o sorriso do homem mudou, mas o que dava desespero mesmo, era o seu olhar, um olhar do mal, ele não era o que parecia ser. Não sei o que aconteceu depois, não apareceu mais nada no sonho, mas eu sabia que tinha acontecido uma tragédia, porque no outro dia falavam na TV que encontraram uma menininha desfalçada, sem vida.*

Esse sonho lhe trouxe muita tristeza, imediatamente reconheceu nele sua história, houve em sua infância um grande engano, acreditou em um carinho que mostrou-se revestido de exploração, sofreu uma decepção tão forte que lhe tirou a vontade de viver, lhe restando uma única função, proteger-se por si só e manter em segredo a aproximação sempre fortuita de seu pai em relação a ela. Suas alucinações nada mais eram que uma estratégia desesperadora de não olhar para essa realidade tão cruel, já que não podia dividir sua angústia, visto que sua mãe mantinha-se tão distante e indiferente aos seus sintomas desde sempre.

Ferenczi (1933) postula a existência de uma situação originária para tornar-se humano que seria o confronto inevitável entre a criança e o mundo adulto, que se caracterizaria por questões que interrogam a criança antes que ela tenha condições de dar-lhes sentido ou respondê-las. Define esse estado de coisas com *confusão de línguas* que ocorre quando, no estágio da ternura, há um “enxerto prematuro de formas de amor passional recheado de sentimentos de culpa, em um ser imaturo e inocente” (FERENCZI, 1933, p. 353), o que causa um efeito traumatizante. É nesta relação inicial que Ferenczi (1934, p. 329) identifica a grande importância da “tendência incestuosa dos adultos, recalcada sob a máscara da ternura”.

Aulagnier (1979) define a fatalidade do sujeito como decorrente deste efeito de antecipação, ou seja, o confronto com uma experiência, um discurso, uma realidade que se antecipa às possibilidades de resposta ao que ele pode saber e prever. Essa antecipação é vivida como um excesso de sentido, excesso de excitação, excesso de frustração, assim como excesso de gratificação e proteção (AULAGNIER, 1979). Nesse sentido, o *infans* seria continuamente solicitado além de sua possibilidade de resposta.

É nesse contexto de antecipação e excesso que podemos entender o trauma como “algo que acontece, algo que vem de uma ação do entorno, algo que alguém faz ao sujeito” (MENEZES, 2005, p. 131). Nessa definição está a essência do conceito do trauma, ou seja, este algo que vem de fora e acarreta um efeito no sujeito. E que este *algo* para ser traumático deve necessariamente vir de *alguém*. “Sua consequência imediata é a angústia que consiste num sentimento de incapacidade para adaptar-se à situação de desprazer” (FERENCZI, 1934, p. 110).

E ali, na sala de análise, no silêncio estabelecido, um desdobrar de sofrimento, revolta, desespero, muito choro irrompeu em um turbilhão de lembranças, sensações até então

negadas ou não reconhecidas, recordações que passaram a ganhar sentido para sua ingenuidade de menina. Trabalhamos longamente as inúmeras situações que borbulhavam em sua memória, vindas como relâmpagos do passado que traziam um clarão, iluminando sua mente e vida atual. Um período produtivo e nuclear da análise, onde um membro da dupla podia se entregar aos devaneios do sonho, e o outro membro observava, como em um sonho acordado, em um momento de rêverie (BION, 1963/1977).

*Eu estava dentro de uma casa de vidro, que ficava no topo de uma montanha bem alta, eu olhava pela janela, quando percebi que o tempo estava fechando. Mas, de repente apareceram três furações, de tamanhos diferentes, que arrastavam o que estava pela frente e vinham destruindo tudo, só tive tempo de me abaixar, eles passaram e reduziram a pó a parte debaixo da casa, alicerces, parede, entrada...,mas estranhamente a parte de cima não, estava intacta mesmo sendo de vidro. Saí dali com segurança e comecei a andar, eu só olhava pra frente, não queria ver a destruição ao meu redor; o declive da montanha alta, foi aplainando sob meus olhos e se tornou ameno, as pedrinhas da estrada começaram a ficar redondinhas, já não machucavam meus pés, vi também umas plantinhas, acho que eram amarelas...*

Já estávamos em seu terceiro ano de análise e em início de seu processo de alta, o mecanismo de elaboração se mantinha ativo, demonstrando que sua casa interna estava mais fortalecida, sensível como o vidro, mas não frágil; não mais se deixava quebrar ou destruir-se pelas tormentas e furacões do trio edipiano, eles podiam e deviam destruir a parte debaixo da casa, - ela não mais precisava dos alicerces da dupla parental – que até então, representavam tudo aquilo que viveu precocemente, antes da maturidade do seu tempo psíquico; mas a parte *de cima da casa* estava preservada.

Marina estava mais confiante em seus recursos, mais fortalecida, podendo sair da montanha e caminhar, as pedras de sua fantasia (alucinações) eram bem maiores do que aquelas da estrada (realidade). Começou para ela um período de resgate a sua mente e também a seu corpo, redução dos sintomas e auto-estima presente, vinha mais arrumada às sessões, emagreceu, passou a sair, quase sem medo e a fazer programas com sua família, organizou-se para trabalhar meio período, conseguindo ficar em uma sala que não era muito clara, mas que entrava raios de sol pela manhã. De fato estava aprendendo a transformar *as pedras do caminho*, elas já eram redondas e não mais feriam seus pés que podiam se arriscar em novos percursos,... retornando á sua estrada, podendo acreditar nos privilégios e na capacidade da vida adulta, encontrando até plantinhas amarelas...

Nos sonhos os vários registros de tempo se dão simultaneamente. Não se dá o antigo, o atual, o arcaico e o mais desenvolvido numa progressão. “Os sonhos aparecem como uma

*digressão recorrente*, se produzindo de forma marginal em relação ao tempo ordinário” (GREEN, 2008, p. 214). A atemporalidade do inconsciente e sua indiferença em relação à passagem do tempo é bem demonstrada pelo trabalho do sonho. No falar de Marina estão condensados seus sonhos, que são tomados, como expressões genuínas de seus estados de sua mente.

*Estava em um lugar amplo, parecia a escola onde estudei, um pátio, com quadras e muitas crianças, fui percorrendo cada espaço ali, existiam muitas salas e também corredores, também muitas portas, engraçado, percebi que elas estavam encostadas somente e se abriam com facilidade, eu podia abrir as portas e comecei a abrir uma a uma, até que encontrei uma moça em uma delas, que parecia estar feliz, acho que ela trabalhava ali e me chamou para perto dela, enquanto ia em sua direção, fui aumentando de tamanho, como se estivesse crescendo e quando cheguei bem pertinho dela, já estava do mesmo tamanho e aí senti um perfume bom, conhecido, e então lembrei-me que é o mesmo daqui ,esse cheirinho que fica aqui na sala...*

O cheirinho da sala, sala essa que serviu como berço de sua condição emocional, abrigando sua infância mental até atingir maturidade psíquica, Marina já era capaz de abrir portas, seus corredores não estavam mais escuros, agora eram transitáveis, e levava a descobertas, ela podia crescer e encontrar bem estar no mundo dos adultos, reconhecendo que existem inúmeras portas com possibilidades de realização. O vínculo transferencial construído deu-nos a chance de juntas adquirirmos tolerância ao desconhecido e a e a dor mental; experimentamos escuridão e sabedoria; pudemos cruzar a linha de chegada e atingir “um conhecimento que só em conjunto o par poderá alcançar” (OGDEN, 1996, p. 133).

A estação da alta, como todas as estações, chega devagar mas é inequívoca. Não há muito que dizer sobre isso. Como descrever a tristeza alegre de um trabalho bem feito que se termina, de um trabalho em que uma vida humana se tornou inteira em consideração reestruturando identidade e realidade, desejo e mundo subjetivo (HERRMANN, 1991, p. 211).

## O TEMPO DE COZIMENTO E A FOME

*Veneno é comida que faz adoecer*

S. Freud, 1933

Um menino de quatorze anos, franzino, pálido, olhos grandes e suplicantes, entra em meu consultório. Chama-se Valdomiro. Traz consigo um ar assustado, porém receptivo, semblante cinza, palavras retraídas e difusas, as quais ele pouco consegue definir. Percebe-se frágil, diz que sofre, que se sente muito triste, sem projetos de vida, sem energia, sem vontade, sem sonhos; com dor de estômago, medo de vomitar e muita fome.

Um psiquismo vazio de recursos e de pensamentos, mas cheio de ansiedade. Pequena disponibilidade para pensar, grande abertura para o sentir. Uma boca que pouco come, uma mente que pouco elabora.

Assim apresenta-se Valdomiro. Espaços internos todos ocupados, nada mais entra em seu estômago, nem em sua mente. Mas na minha crença, acredito haver um lugarzinho para nossos encontros, de forma bem leve e com cuidado comunico isso a ele, – já que percebo que nada pode lhe pesar, senão ele põe para fora!

Com uma avalanche de coisas que precisa falar - ou vomitar -, diz que gostaria que eu já soubesse tudo aquilo que sente, porque não possui palavras para transmitir, nem a mim, nem a quem quer que seja, tudo aquilo que o angustia. Reconhece-se carente, mas não sabe do que. Corpo esquelético de carne e de idéias, boca fechada para a comida, mente fechada á reflexões. Corpo que mostra os ossos, que desnuda o sofrimento, que expõe o que não é para ser visto: o trágico.

“Não consigo comer... não posso comer... tenho medo de vomitar e se eu não comer, não sei o que será de mim... passo fome, tenho uma fome de boi... mas não posso comer...já vomitei na sala de aula e também quando saí com alguns amigos, dá muito desespero, tenho vergonha.”

Angústia de morte, incertezas, medos, frustrações pelas incapacidades. Um mundo sem sustento, sem sentido, sem colorido. Observo suas mãos extremamente secas, a brancura dos lábios ressecados, que revelam desamparo e descuido; instintivamente ou talvez intuitivamente lhe ofereço um copo de água – tenho uma jarra de água na mesa ao lado da minha poltrona e pela primeira e até então, única vez, ofereço água á um paciente; ele tomou o copo com pressa e sofreguidão e em seguida, receoso, disse não tomar água já por três dias pelo temor ao vômito.

Digo-lhe que se beber em pequenas doses, a água poderá ficar dentro dele sem voltar e que ele pode ingeri-la lentamente, sem pressa, no ritmo e no *tempo* dele. Ele dá o primeiro gole com muita vontade, *lambendo os beiços*, diria eu; e a partir disso, aos poucos foi contando-me sua história, que foi ficando *umedecida* durante a sessão...

Valdomiro relata a relação horrível que assiste diariamente entre seus pais; provocações, falta de respeito, agressividade e certa submissão inaceitável de seu pai diante das *chatices e intolerância* da mãe. Conta-me que perdeu sua avó e também seu cachorrinho, duas figuras da infância que o acompanharam com total afeto e que desde então, nunca mais foi amado por alguém, sobraram-lhe somente obrigações, cobranças, exigências e nada mais de carinho e compreensão. Foi narrando suas desventuras, temores, tristezas, em um desfiar de lembranças e emoções e criando de forma rápida um clima de intensa intimidade comigo. Ao término da sessão pergunta-me se pode tomar mais um copo de água, pois acha que lá fora não irá conseguir...

No final do dia, em retorno a uma ligação sou informada pelo médico de Valdomiro que ele está em adiantado estado de desnutrição e desidratação, mas que tem *algum tempo* antes de uma provável internação.

Em decorrência de seu estado frágil e delicado, proponho a ele e a seus pais um acompanhamento inicial com três sessões semanais, mamadas psíquicas constantes, pouco intervalo entre elas, para que ele possa alimentar-se com regularidade, impedindo a intrusiva sensação de fome, a voracidade e o vômito.

Assim começamos nossos encontros. As sessões com Valdomiro trazem alto grau de abandono e ameaça no conteúdo de suas histórias, pouca confiança e otimismo em relação aos outros, censuras severas e rigorosas vindas do contato parental.

“Sou um fracasso, sou pura decepção para meus pais, nunca consigo agradá-los, da minha mãe então,... só ouço críticas, detesta tudo o que faço, diz que sou um folgado e ainda por cima só dou preocupação e despesa”. Sente-se atormentado, desvalorizado, acusado por ser um fraco e incapaz de lutar na vida.

“Minha mãe diz o dia todo: coma, coma, vê se engorda, assim não dá! Todos dizem pra eu comer, mas não percebem que estou para entrar em *estado de coma*! Eu tenho fome, mas não posso escolher o que comer, não posso comprar o que tenho vontade, tenho que *engolir* aquilo que está em casa, o que minha mãe compra e pronto, é sempre barato e muito ruim, me dá nojo, não entra, mas sou obrigado a comer e depois passo mal. Tenho fome, muita fome, vontade de cachorro- quente, pizza, iogurte, bolacha com Toddy, mas isso tudo é muito caro, só se eu juntar dinheiro!”



Coma, uma palavra que expressa pré-morte...e quem sabe, o desejo de que percebam seu estado de desafetos e mal-entendidos. Na verdade fui avisada transferencialmente que vamos trabalhar em clima de U.T.I, uma luta travada entre a vontade de viver e a vontade de abandonar a vida.

A tênue e emaranhada relação entre mãe e filho, com toda sua peculiaridade, foi tomando estampa e precisava ser profundamente compreendida por mim, visto que me deparei com seus transtornos alimentares e depressivos. Para tornar-se aceito, capaz e admirado, Valdomiro, assim como todo adolescente, buscava o reconhecimento das figuras parentais, necessitado em particular da aprovação daquela mãe, que não pode alcançar em seu mundo mental integração em seus aspectos acolhedores e rigorosos.

O vômito em sua mente e em seu corpo é o vilão responsável por toda essa tragédia, pois ocupava o lugar da loucura ou daquilo que se tornou incontrolável para ele. Mantinha-se ainda, como um bebê conectado a mãe, dependente e temeroso; permanecendo como depósito das emoções brutas e desorganizadas, vindas dessa relação; mostrava-se bastante refratário as introjeções pelo excesso das projeções parentais. De fato os pacientes bulímicos precisam encontrar uma mente que possa aproximar-se da porosidade de sua mente, num ritmo cauteloso, porém, persistente; delicado, porém firme, capaz de tocá-los como se fosse um cristal frágil que, na casualidade de qualquer movimento brusco, corre o risco de sofrer rupturas.

Valdomiro afastado de sua própria subjetividade, não reconhecia que os movimentos de vida cediam aos mecanismos destrutivos que impediam seu desenvolvimento, pouco saía de casa, sentia-se feio e muito magro; tinha um ritual tão *longo* à mesa, que ficava impedido de alimentar-se e não partilhava mais das refeições familiares, já que o alimento *não descia*; estava sempre com fome, sem encontrar o que comer, nada o alimentava, dizendo que sentia-se tomado por uma carga emocional venenosa, que espalhou pelo seu ser e que deslocou o lugar da mente para o estômago.

A realidade subjetiva deixa-se apreender pela via sensorial, permitindo a compreensão da conexão entre a realidade psíquica e espaço somático. Sensação de fome, sensação de repulsa e demais sucessivas sensações e representações do corpo, tendo a boca como orifício para entradas e saídas entre seu mundo interior e exterior, levaram Valdomiro a uma definição de sua vida somática. A função da sensorialidade é o de criar a vida subjetiva em seu aparato psíquico, pois a emoção modifica o estado somático e põe o corpo em movimento. Este é o pressuposto que dá prosseguimento ao processo de identificação.



Aulagnier (1986) mostra que o afeto é a parte visível do *iceberg*, mas a fonte, o que está por baixo é a emoção que se refere a uma vivência que modifica o estado somático; será por meio destes sinais corporais que se efetuam as comunicações e os sintomas.

A partir do momento em que o corpo sensorial se conecta a um corpo relacional, as manifestações somáticas ganham a função de mensageiras entre o corpo e a psique, tornando mais visível os registros da emoção e do sofrimento psíquico.

Klein (1946) associa as dificuldades de alimentação em crianças pequenas com o medo do perigo dos objetos internos, à semelhança do que se apresenta no inconsciente anoréxico-bulímico.

A ansiedade paranóide de que os objetos destruídos pelo sadismo se tornem fonte de veneno e perigo dentro do corpo do próprio indivíduo faz com que, apesar da força de seus ataques sádico-orais, ele tenha uma profunda desconfiança dos objetos, ao mesmo tempo em que os incorpora.

Isso leva o enfraquecimento dos desejos orais. Uma manifestação desse fato pode ser observada na dificuldade que crianças muito pequenas apresentam em aceitar o alimento; em minha opinião essa dificuldade é de origem paranóide. Quando a criança ou o adulto se identifica de forma mais completa com um objeto bom, os anseios libidinais aumentam: ela desenvolve amor e desejo vorazes de devorar esse objeto, e o mecanismo de introjeção é reforçado. (KLEIN, 1946, p. 17-43).

Estamos frente a perturbações, visto que Valdomiro em sua comunicação sensorial evoca confusão entre comida que alimenta e comida tóxica, como se a ligação entre o mundo neurótico e o psicótico ameaçasse ser rompida constantemente. Com doses suaves de alimento analítico, alcançamos graças ao vínculo terapêutico, e ao apoio médico, que Valdomiro não fosse internado. Para além das necessidades básicas de sobrevivência e do fio que o separava de um abismo emocional, percebia-se que ele precisava ser *nutrido* e acalentado por um acolhimento pensante, para que pudesse enfrentar suas duplicidades e necessidades afetivas, sem ser perseguido pelas cruéis *golfdadas* que tanto o assustavam, e resgatar o direito a uma vida *alimentada* de sentidos e significados.

Marilyn Lawrence (2002) compreende os desvios alimentares como expressão de defesas maníacas contra a dor depressiva da situação edípica. Afirma que os pacientes empregam este comportamento para manter controle inconsciente sobre os objetos internalizados, em especial sobre o par sexual representado pelas imagos parentais. No caso da situação fusional, em que o paciente mantém a ilusão de constituir com a mãe desobjetalizada um casal real e central, o pai passa a ser um intruso. Impedida a relação entre si dos pais internos, torna-se impossível a configuração de um espaço interno triangular, levando a uma falha da simbolização. “A falha de simbolização levaria a dificuldades de

expressão verbal. Isto lhe tornaria difícil pensar de forma compartilhada sobre suas dificuldades emocionais” (LAWRENCE, 2002, p. 182)

As conseqüências psíquicas da falha desse paciente em internalizar o casal parental conduziram a uma fusão sua com a mãe. Identificado com as partes faltantes da *mãe-general*, (palavras dele), Valdomiro desenvolveu um vazio que tentou a todo custo preencher na busca da perfeição e completude, ou seja, aprisionado por um superego voraz que *engolia* qualquer possibilidade de desenvolvimento simbólico adequado, *alimentando* sua mente de ansiedade e angústia que acabavam por impedir a *digestão* das vivências emocionais que permaneciam em estado bruto, indigesto á sua condição emocional.

O funcionamento mental encontrado nas perturbações alimentares, as dissociações e os medos persecutórios intensos, assim como o uso excessivo de mecanismos de cisão desequilibram as defesas do ego, enfraquecem os desejos orais e afetam as relações de objeto a ponto do ego também ficar vulnerável a cisões em seu interior.

A dinâmica mental deste paciente despertou em mim o interesse em pesquisar a questão dos transtornos alimentares; trata-se de um tema mobiliza-dor e impactante por se tratar da alimentação, combustível essencial para a manutenção da vida, remetendo á cenários de fragilidade, necessidade de cuidados de terceiros para a sustentação física e psíquica.

Leslie Sohn (2004) psicanalista inglês de inspiração bion-kleiniana, esclarece-nos que o paciente com anorexia esconde demandas bulímicas na falta de apetite e na falta de interesse, pois no interior de seus objetos reside uma impossibilidade de satisfação dos desejos. A mente bulímica, por sua vez, apresenta as mesmas qualidades da mente anoréxica, uma falta de apetite dirigida às possibilidades e buscas específicas, não encontrando uma real satisfação em coisa alguma. Refere-se a anorexia do paciente bulímico e à bulimia do paciente anoréxico, desta maneira reproduzindo espontaneamente o cruzamento e o revezamento das características paradoxais de ambas as perturbações.

Anorexia: palavra que vem do grego *orexis*, que significa desejo em geral e não apenas desejo de comer, precedida do prefixo *a* de negação, anorexia quer dizer negação do desejo. Podemos constatar desde aqui que esta perturbação está originalmente implicada com conflitos na área do desejo e com suas mais bizarras formas de expressão. Vontade e contra-vontade, os pares de opostos, as duplas antagonistas ou as ideias antitéticas de que nos falava Freud já em 1892, localizam-se na base destas perturbações.

A investigação de Freud, no início da construção da teoria psicanalítica, já destacava as questões psicopatológicas envolvidas na anorexia e na bulimia, sendo por ele percebidas e pesquisadas em 1893, em pacientes do sexo feminino (FREUD, 1893).

Bulimia: termo que também deriva do grego, significando *fome de boi*, bulimia refere-se a uma vontade incontrolável de comer, de forma indiscriminada, gulosamente, em pouco espaço de tempo com comprometimento do senso crítico em relação à quantidade, qualidade ou combinação dos alimentos. *Fome de boi* sugere apetite animalesco, que ultrapassa o humano, onde o pensamento simbólico não tem lugar. Segue-se a esses episódios um intenso sentimento de culpa que leva à indução de vômitos, ou uso de laxantes e diuréticos como meios de evitar o ganho de peso.

A expressão *binge eating* é frequentemente encontrada na literatura sobre o tema para fazer referência ao rápido e indiscriminado consumo de grande quantidade de comida num tempo curto, típico dos episódios bulímicos anteriormente referidos, levando a pessoa a um desconforto físico e psíquico, sono e vontade de vomitar, gerando, na sequência, um humor depressivo.

No caso de Valdomiro, a fome era de boi, mas o terror ao vômito, mantinha-o privado do alimento, visto por ele, como algo que lhe faria mal; não comia, mesmo tendo vontade, já que necessariamente em sua fantasia, tudo aquilo que fosse colocado dentro de seu estômago, sairia como vômito.

Alguém vazio, e ao mesmo tempo, alguém tão cheio, assim Valdomiro se coloca em suas descrições; quer muito aproveitar tudo o que a vida lhe permite, mas tem medo de não conseguir, de ser incapaz, de tudo dar errado. Ele relata viagens, acampamentos estudantis, encontros esportivos, aniversários de amigos, excursões que lhe trazem tanto querer e ansiedade que o impedem de poder participar. Um movimento tão intenso interno e tão inerte lá fora! Querer viver tudo e não viver nada, acumular a mente de expectativas e vontades, sem oferecer-lhe condições, “é como se sentir vivo em uma sepultura,” diz ele, demonstrando extrema amargura. Deixava de se alimentar muito tempo (dois dias em média), antes da situação esperada, por imaginar que passaria mal caso comesse e também por não acreditar que seria possível participar dessas oportunidades, já que em sua convicção a mãe iria impedi-lo e, além disso, não queria contrariá-la, além de ter receio em deixá-la.

Essa forma de pensar tão resignada e sofrida diante de seu desejo nos levou a conversar sobre os mártires religiosos, a ideia da mortificação, da punição, do jejum, da não ingestão de alimentos, onde se procura um estado puro de espírito e no caso dele também de pagamento de uma dívida que sempre está se renovando, diz sentir-se sempre em débito, só não sabe do que, nem a quem.

No decorrer dos encontros, passamos a rastrear seus sentimentos em relação aos processos de perda que eram *ruminados* com forte dose de ressentimento; acusava seus pais

de terem-lhe roubado *o tempo da infância*, desde muito *cedo* foi pressionado a trabalhar como empregado em uma empresa ligada à família, para poder adquirir responsabilidades e aprender que na vida nada é fácil, precisa-se lutar muito para ser alguém e quanto antes melhor, pois o mercado de trabalho é extremamente competitivo. Com lágrimas nos olhos disse não ter aprendido a andar de bicicleta, nem a jogar basquete (sua paixão) e que *agora o tempo* já havia *passado* e que nunca mais teria chance de viver essas situações com os amigos, *eternamente* estaria em desvantagem e *atrasado* em seu desenvolvimento emocional comparado aos meninos da sua idade. Continua o relato com lamentação, demonstrando lampejos de raiva, dizendo que em sua vida tudo foi *antecipado*; antes mesmo de ser capaz, foram-lhe incumbidas tarefas totalmente desconhecidas, até mesmo cuidar de recursos financeiros sem entender o procedimento adequado, por isso deu prejuízo à empresa e teve que pagar esse erro com seu pequeno salário *durante um tempão*. Sentia-se em uma escravidão branca, *suas horas de vida passavam* e ele lá aprisionado em um discurso que *no futuro* ele seria um grande homem de negócios, um executivo em formação; isso visceralmente lhe trazia angústia, desespero e dor no estômago. Por outro lado, também se esforçava para agradar e surpreender seus pais, mas era em vão, sempre queriam mais dele, tinha que dar bons exemplos aos funcionários por pertencer a família de proprietários: chegar *cedo*, ser educado, disponível a todos, *por ser o mais novinho em idade*, não devia demonstrar *pressa* em ir embora e muito mais... Progressivamente passou a perder a vontade para tudo, *tudo foi se tornando branco e preto e em câmara lenta*, passou a ser expectador de um filme produzido por diretores exigentes que não eram sensíveis ao talento do protagonista, precisava cumprir um script e pronto; abriu mão de sua vida e de seus sonhos.

Entramos em um período de seu processo de análise, onde ele vomitava lembranças tétricas de sua infância, rotinas de família, situações vividas, todas elas com finais infelizes, desfechos terríveis e temor pela morte sempre presente. Seus fantasmas estavam todos evocados, Valdomiro penetrou em um estado de mente inerte, - diria em uma sombra depressiva -, totalmente desprovido de objetos, palavras e representações, um mundo árido de aspirações, que tentava estagnar suas possibilidades de esperança e atitudes de superação diante de seus sintomas. Todas suas falas e sonhos nesta fase traziam temas de desamparo: frio e fome; neve e sangue; miséria e abandono; com raras notícias de vida, de movimento, de ação.

Lembrei-me de um artigo de Maud Mannoni, quando ela assim interpreta os transtornos alimentares: “A anorexia, nesse contexto, não é uma doença, mas a única maneira de o sujeito chegar a nascer como um sujeito desejoso, fora do desejo da mãe” (MANNONI,

1971). A tentativa de morrer no corpo, a fim de que o seu ser escape à morte. É como se Valdomiro se perguntasse: Para que viver, se viver representa obedecer sua mãe e condenar seus desejos à morte?

As sessões repletas de emoções impactantes, o transbordamento do sofrimento, a certeza das dificuldades, a descrença em suas vontades, pouco enfrentamento à sua simbiose com a mãe, estávamos transitando em áreas de vida e de morte; porém, Valdomiro estava mais ciente da natureza de seus conflitos, vasculhando e conhecendo tudo aquilo que até então era intolerável de ser percebido, pensado e principalmente *digerido* em seu aparelho mental.

Era comum Valdomiro dizer, “Eu não tenho problema algum com a comida e sim com o medo de comer”, devagar foi percebendo pela análise de suas histórias, que havia uma proibição na realização de seus desejos e que eles eram negados, ignorados, colocados para fora dele, justamente por não ter ainda alcance a sua individuação. Até então suas defesas fracassaram contra a fusão materna; ainda não se percebia com vontades e direitos próprios, não se sentia capaz de aceitar e administrar a intensidade de seu querer, e em sua fantasia caso considerasse os desejos como seus, certamente teria *congestão*.

Em determinada sessão comentou a respeito de uma aula de História sobre os bárbaros, demonstrando bastante interesse em suas práticas alimentares; contou-me que eles comiam *cru* tudo o que encontravam pela frente, não tinham discriminação e claro, nem informações, sobre o que e como comer, ficavam em bandos e deixavam marcas de destruição por onde passavam, como se fossem animais. Através dessa citação, Valdomiro se reconheceu; sua mente usa dos mesmos recursos, comporta-se exatamente assim, de uma forma bárbara vai *engolindo* as emoções cruas, uma a uma: a raiva, a frustração, a tristeza, a decepção, o terror e outras mais; ele vai *comendo* de forma indiferenciada todos os sentimentos que decorrem de suas vivências, sem uso algum da reflexão e da comunicação, até se sentir cheio e intoxicado da carga emocional que o conduz aos sintomas, precisando por fora tudo o que está dentro dele.

Surge nesse momento a denúncia de um estado de paixão à comida que fica escondida atrás do visível temor. Porque na verdade o psiquismo de Valdomiro disfarça com o medo o conseqüente veneno inserido no contexto de sua alimentação, nada mais, nada menos que sua voracidade e ansiedade diante dos acontecimentos e sentimentos.

Essa constatação de sua dinâmica interna trouxe-nos uma fresta para melhor compreensão de sua bulimia mental, na verdade, uma porta de entrada, por onde iríamos, nós dois, tentar passar e viver o que parecia se apresentar como tentativa para a dissolução deste temor que se apresentava ali descoberto na sala de análise.

Esse poder destrutivo de seus ataques ao *self*, assim como a impossibilidade da introjeção dos elementos nutritivos em seu psiquismo, enfraquecia seu ego pela violência de seus ataques orais. A repulsa dessas sensações, assim como a bulimia de pensamento, produzia uma mente impedida de desenvolvimento emocional que investia no ato de comer um afeto não reconhecido por ele.

As vivências transferenciais se davam nesse momento, através do cuidado com as palavras que Valdomiro utilizava, falava agora mais pausadamente, com intervalos; mostrava-se também receptivo e participativo as minhas falas; disse-lhe que já não estava tão repleto de ansiedade e que já era capaz de usar espaços em sua mente para acomodar suas experiências e emoções, e quem sabe um espacinho também para as minhas palavras; ele sorri e diz simpaticamente: Já tenho esse espaço, já está entrando e ficando em mim não só as palavras, mas os sentimentos que elas me causam. Depois de um *longo suceder* de tentativas e enganos, enfim era o início de nova fase de sua maturidade, onde ele começou a dar nome ao vazio quando a fome se apresentava com o desalento da angústia e também ao cheio quando a ansiedade vorazmente o assombrava.

Na verdade ele já estava apostando em novas construções de sentido aos seus propósitos de vida, construindo novos arranjos para escoar seu desejo, como sujeito capaz de reencontrar o caminho de volta para a vida. Valdomiro estava se alimentando em pequenas porções, com constância e frequência; o fantasma do vômito mais distante, lhe dava permissão para frequentar as aulas, assim como para alguns breves passeios fora de casa, que lhe trouxeram a esperança de se tornar um adolescente normal de acordo com sua fala.

Essa liberdade de ir e vir lhe deu um pouco mais de autonomia, favorecendo sua presença em reuniões de adolescentes, onde de acordo com ele, sempre *rolava comida*; de forma excepcional e curiosa passou a desenvolver interesse pela culinária e foi ganhando destaque no grupo por suas habilidades na cozinha, talento até então desconhecido por ele, observava o *tempo* de cozimento dos alimentos, suas variedades e composições, o sabor acentuado, o *tempo de preparo e de digestão* deles e tantas outras particularidades que foram amplamente trazidas para o contexto analítico e relacionadas com a dinâmica de seu psiquismo. Percebemos que também nós - enquanto dupla analítica - tínhamos construído um manejo culinário, aprimorando nossas técnicas para incrementar o seu possível desenvolvimento emocional. Valdomiro aos poucos, foi estabelecendo novos modelos de funcionamento psíquico e transformando seu material emocional antes confuso e indiferenciado, - ou seja, seus elementos beta em elementos alfa (BION, 1957), ou melhor,

suas representações *cruas em cozidas*, em simbolizações que puderam gerar pensamentos potentes para sustentar sua vida mental.

No divã, analista e analisando examinam a comida possível de ser ali produzida e dedicam-se para que ela seja nutritiva e não tóxica para ambos. Uma cozinha especial, com total assepsia para que as panelas estejam sempre limpas, pois segundo Antonino Ferro, “no dia em que o analista cozinha com suas próprias panelas sujas, freqüentemente o paciente tem dor de barriga” (FERRO, 1998).

No processo de cozimento, desde os primórdios da humanidade existia uma intencionalidade em tornar os alimentos digeríveis, não nocivos, além de aprimorar seu sabor. O aprimoramento das condutas alimentares, portanto, está associado á possibilidade de se cozinhar no fogo, ou seja, ao transformar o alimento cru em cozido, o homem avançou muito em seu desenvolvimento e começou a criar hábitos alimentares diretamente ligados as preferências e hábitos de cada cultura. Os alimentos pós-cozidos apresentavam-se como elementos característicos de definição a respeito do desenvolvimento de uma civilização.

O comer está comprometido com modelos alimentares e identidades culturais que nos levarão a um aumento da compreensão do mundo interno daqueles que usam a comida e o ato de comer – ou de não comer – como uma expressão de sentimentos, desejos, sonhos, pesadelos, medos, terrores...

Historicamente como uma forma de resposta às necessidades individuais, diz Flandrim (1998) que a alimentação tornou-se progressivamente elemento essencial na estruturação dos grupos, de expressão de uma identidade própria e origem de um pensamento simbólico.

Progredir então em seu desenvolvimento significava para Valdomiro, buscar novo padrão de vida, transformando o que estava *cru em cozido* como uma forma de evolução, pois o processo de cozimento, utilizando-se de preparar, cortar, separar, coar, cozer e temperar conduz a uma prática culinária que podemos chamar de cozinha, assim como lidar com os ingredientes emocionais em um movimento metaboliza-dor e integra-dor chamamos de análise. O ato de cozinhar assim como o de analisar psiquicamente é um ato criativo, que transforma e restaura!

O processo psicanalítico não teria grandes semelhanças com essas questões da prática culinária? A possibilidade de expansão do aparelho mental ao incluir a dinâmica de tolerar, conter para poder pensar as emoções não estaria transformando os aspectos *cruas*, até então pouco diferenciados de certa vivência, em elementos *cozidos*, mais facilmente *digeríveis* ao psiquismo, assim como os precursores do uso do fogo alcançaram os benefícios ao cozinhar suas presas?



Cada dupla na sala de análise encontra tantas coisas a conversar... enquanto se produz uma nova *refeição*... e os encontros tornam-se *nutritivos* e fecundos, trazendo novas aberturas, indicando caminhos mais tênues para a vida, em contraste com o sofrimento sombrio da ignorância inicial sobre si mesmo. Tantas são as passagens que se alargam a cada nova descoberta, a cada nova sessão... tantas são as colheradas analíticas em fogo brando para se chegar *ao ponto de cozimento* da tolerância a frustração e da renúncia a fusão para se conquistar a maturidade emocional, bem sabe Valdomiro sobre isso. E ainda, por que não reconhecer que em alguns momentos, a culinária analítica também se presta a resgatar o cru que se encontra perdido, desperdiçado em meio a um *cozimento exagerado, que passou do tempo e estragou o ponto?*

Quem diria, Valdomiro pode encontrar as palavras, os sentimentos... as comidas e... *o seu próprio tempo de cozimento!*

As sessões de Valdomiro, mais que uma doce lembrança, - assim como uma iguaria degustada em boa companhia-, se constituiu para mim, como fonte de reflexão que reverteu na definição da proposta desse trabalho. A fragilidade da construção de sua subjetividade foi submetida *á antecipação* de situações emocionais entrelaçadas ao contexto social e familiar que o fizeram sucumbir ao sofrimento psíquico, não teve tempo hábil para a digestão das vivências infantis e adolescentes que foram atropeladas em nome de uma projeção futura de sucesso. Sua história veio acentuar ainda mais meu interesse nas questões relacionadas á mediação da temporalidade na determinação da formação e deformação subjetiva que tão frequentemente estão brotando na clínica. Esse atendimento clínico, assim como outros tantos nos últimos anos, vem disparando em mim um olhar que procura sinais das manifestações da vivência do tempo e de seus vestígios na apresentação dos sintomas psíquicos.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- AULAGNEIR, P. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- \_\_\_\_\_. Nascimento de um cuerpo origen de una história. In: HORSTEIN, L. et al. *Cuerpo, historia, interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 1991. p. 121-138.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIN, W. (1934). Experiência e Pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense 1985a. v. 1, p. 114-119.
- \_\_\_\_\_. (1934). O Narrador. In: \_\_\_\_\_. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1983b. v. 1, p. 197-221.
- BEZERRA, B. J. Narratividade e construção da experiência subjetiva. In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise e Universidade*. Rio de Janeiro: Passos, 1998.
- BION, W. R. (1957). *Aprendendo com a experiência*. Tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- \_\_\_\_\_. (1959). *Os Elementos em psicanálise*. Tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- \_\_\_\_\_. (1963). *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- \_\_\_\_\_. (1967). *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_. Ataques à Ligação. In: \_\_\_\_\_. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Tradução de Wellington M. de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Conferências Brasileiras I*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre memória e desejo. In: SPILLIUS, E. B. (Org.). *Melaine Klein Hoje: desenvolvimento da teoria e técnica*. Tradução de Belinda Piltchen Haber. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 30-34.

BIRMAN, J. Deprimidos, Panicados e Toxicômanos. In: \_\_\_\_\_. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 244-251.

\_\_\_\_\_. Dionísios desencantado. *Boletim de novidades da pulsional Centro de psicanálise*, São Paulo, n. 53, set. 1993.

BORGES, J. L. *Sete Noites*. São Paulo: Max Limonad, 1980.

CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COELHO, H. M. B. As faces da violência na construção da subjetividade. In: MATIOLLI, O. C.; ARAÚJO, M. de F.; RESENDE, V. da R. (Orgs.). *A produção da violência na família e nas relações de gênero*. Curitiba: CRV, 2010. p. 11-20.

\_\_\_\_\_. *O Vínculo no Tratamento Psíquico – Descoberta, Construção e Desenvolvimento*. 2002. 334 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

COELHO, H. M. B.; OLIVEIRA, M. L. O vínculo analítico e sua evolução. *DOXA - Revista Paulista de Psicologia e Educação*, Araraquara: v. 8, n. 1, p. 31-52, 2002.

COSTA, J. F. *O Vestígio e a Aura – corpo e alma na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção A lei do Desejo).

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo coma mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000.

ELIADE, M. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ESTEVES, F. C. Depressão numa contextualização contemporânea. *Revista Aletheia*, Canoas, n. 24, p. 127-135, 2006. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/psicologia/aletheia24.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2009.

FÉDIDA, P. *Os benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2002.

FERRO, A. *Na sala de análise*. Rio de Janeiro: Imago, 1998

FINGERMANN, D. “O tempo de uma análise”. In: CONGRESSO DO FÓRUM LACANIANO, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2008. p. 33. Mimeografado.

FIRENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e as crianças. In: BIRMAN, J. (Org.). *Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Taurus, 1933.

FIRENCZI, S. Reflexões sobre o trauma. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1934.

FLANDRIM, J. L.; MONTANARI, M. (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREUD, S. (1893). Estudos sobre a histeria. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. II, p. 43-62.

\_\_\_\_\_. (1896). A Psicoterapia da Histeria. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. II, p. 311-363.

\_\_\_\_\_. (1901). Sobre os Sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. V, p. 559-561.

\_\_\_\_\_. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VII, p. 129-134.

\_\_\_\_\_. (1910) Sobre a psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, 1980. v. XII, p. 265-276.

\_\_\_\_\_. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XII, p. 227-290.

\_\_\_\_\_. (1912) A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. v. XII p. 133-148.

\_\_\_\_\_. (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. v. XII, p. 149-164.

\_\_\_\_\_. (1913). Sobre o início do tratamento: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XII, p. 164-192.

\_\_\_\_\_. (1915). Observações sobre o amor transferencial. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII, p. 208-211.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVIII, p. 17-90.

\_\_\_\_\_. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XX, p. 107-198.

- FREUD, S. (1933). Conferência XXXIII- Feminilidade. In: \_\_\_\_\_. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXII p. 15.
- FREUD, S.; BREUR, J; (1895). Estudos sobre a Histeria. In: FREUD, S. *Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. II, p. 43-369.
- GARCIA DE ARAÚJO, J. N. Tempo do sujeito, tempo do mundo, tempo da clínica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. IV, n. 2, p. 235-250, set. 2004.
- GOUREVITCH, A. Y. O tempo como problema de história cultural. In: RICOUER, P. et al. *As culturas e o tempo*. São Paulo: Edusp, 1975.
- GREEN, A. *La causalité psychique*. Paris: Odile Jacob, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis. Vozes. 1996.
- HERRMANN, F. *A Clínica Psicanalítica – A arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ISAACS, S. A. A natureza e a função da fantasia. In: RIVIÈRIE, J. (Org.). *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 79-135.
- JIMENEZ, S. Depressão e Melancolia. In: ALMEIDA, C. P.; MOURA, J. M. (Orgs.). *A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.
- JOSEPH, B. Transferência: a situação total. In: SPILLIUS, E B. (Org.). *Melanie Klein hoje: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. 2, p. 76-88.
- JUNQUEIRA FILHO, I. C. Metapsicologia: uma visão contemporânea. In: REUNIÃO CIENTÍFICA, SBPSP, 2009, São Paulo. Anais... SBPSP. (não publicado)
- KEHL, M. R. Depressão, temporalidade, sintoma social. In: \_\_\_\_\_. *O Tempo e o Cão – a Atualidade das Depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009a. p. 13-36.
- \_\_\_\_\_. Os tempos do outro. In: \_\_\_\_\_. *O Tempo e o Cão – a Atualidade das Depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009b. p. 111-136.
- \_\_\_\_\_. Temporalidade e experiência. In: \_\_\_\_\_. *O Tempo e o Cão – a Atualidade das Depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009c. p. 153-168.
- \_\_\_\_\_. (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: \_\_\_\_\_. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 249-264.

KLEIN, M. (1931). Uma contribuição à teoria da inibição intelectual. In: \_\_\_\_\_. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 269-283.

\_\_\_\_\_. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Tradução de Elias Mallet Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.

\_\_\_\_\_. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Tradução de Elias Mallet Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1952. p. 89-118.

\_\_\_\_\_. (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Tradução de Elias Mallet Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991b. p. 268-279.

KLEIN, M. (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Tradução de Elias Mallet Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991a. p. 280-297.

\_\_\_\_\_. (1960). Sobre a saúde mental. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Tradução de Elias Mallet Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 305-312.

KNOBLOCH, F. *O tempo do traumático*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998.

KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LACAN, J. (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – Um novo sofisma”. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LAWRENCE, M. *A experiência anoréxica*. São Paulo: Summus, 2001.

\_\_\_\_\_. Body, mother, mind- anorexia, femininity and the intrusive object. *International Journal of Psychoanalysis*, London, n. 83, p. 837, 2002.

LEVISKY, D. L. Adolescência e violência: a psicanálise na prática social. In: \_\_\_\_\_. *Adolescência pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1998. cap. 1, p. 21-44.

LOMBARDI, G. La cita y el encuentro. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL, V., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2008. p. 46-50.

LYOTARD, J.-F. Pós-Moderno. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MANNONI, M. Instituição psiquiátrica e psicanálise II – Um caso de anorexia mental. In: \_\_\_\_\_. *O psiquiatra, seu louco e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

MENEZES, L. C. A clínica psicanalítica do trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 131-138, 2005.

MILLER, J.-A. *A Erótica do Tempo*. Rio de Janeiro: Latusa. Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

MILNER, M. *A loucura suprimida do homem são: quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*. Rio de Janeiro. Imago, 1991.

NASSAR, R. (1935). *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Cia das Letras, 1975.

NEVES, M. R. H. Oscilações da dupla analítica. 1998. Texto para Grupos de Estudos em Psicanálise. Núcleo de Psicanálise de Marília e região.

OGDEN, T. *Os sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PRIGOGINE, Y. *O nascimento do tempo*. Lisboa: 70, 1992.

ROUDINESCO, E. *El psicoanálisis a fine del siglo XX*. La situación em Francia: perspectivas clínicas e institucionales. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEGAL, H. Alguns aspectos da análise de um esquizofrênico. In: SPILLIUS, E. B. *Melanie Klein Hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 112-131

\_\_\_\_\_. *Introdução a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SOHN, L. Anorexic and bulimic states of mind in the psycho-analytic treatment of anorexic / bulimic patients. *Psychoanalytic Psychotherapy*, v. I, n. 2. p. 49-56, 2004.

SOLLER, C. O Tempo Não Lógico. In: CONGRESSO DO FÓRUM LACANIANO, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2008. Mimeografado.

SPILLIUS, E. B. *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento da teoria e da técnica*. Tradução de Belinda Piltchen Haber. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 2.



ZIMERMAN, D. E. *Atributos do Psicanalista em Relação a Evolução da Psicanálise*. São Paulo: IDE, 1991.

\_\_\_\_\_. *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos Psicanalíticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos, nós enlouqueceríamos. A solução para este absurdo que se chama ‘eu existo’, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista” (LISPECTOR, 1969, p. 177).*

Tempo de existir. Vida. Amor. Morte. Grandes paixões com as quais o homem se defronta durante seu percurso de existência, um experimento que imprime marcas que embora sejam singulares, nunca deixam de ser plurais e variáveis. A denúncia dessa vivência é a constatação de que o homem sempre está no mundo como um estranho passageiro, ou melhor, sempre vive como estranho (FREUD, 1919) e sempre vive com pressa e é dessa estranheza e velocidade que falamos aqui. É indiscutivelmente reconhecido que o homem se constitui no campo da carência, da busca, da incerteza, da dúvida, da incompletude: e é nesse desamparo que ele constrói sua subjetividade.

Em cada época, portanto, esse desamparo é tratado de modo diverso, porém sempre próximo ao trágico, que não deixa de ser a experiência peculiar da constituição do humano. Podemos ainda dar destaque a possíveis articulações entre algumas especificidades psíquicas que se evidenciam na subjetividade contemporânea, em função das mudanças desenhadas pelas linhas de força da temporalidade que se esboçam pelas volumosas transformações da época presente. Esta transformação se inscreve no registro eminentemente clínico, onde está situada a demanda que nos é cabida.

Inicialmente partimos de uma hipótese geral; vivemos hoje não só o colapso das instituições quaisquer que sejam elas, das normas morais e éticas, da sensibilidade e das mentalidades, mas sim, uma assustadora alteração, resultado da irrefreável globalização e da ruidosa configuração tecnocientífica. Nesses tempos que correm as noções de ciência, poder e história são atropeladas pelo novo formato que o mundo adquire de forma trôpega, alterando sem-cerimônia alguma, a própria concepção de homem e de seus valores.

É certo que a idéia de progresso é determinante. Aquilo que hoje assistimos surpresos em nosso mundo, não se dá a despeito das tantas invenções do dia a dia, mas graças a elas. Podemos dizer também que a autoridade da técnica não é simplesmente um acidente da civilização atual, mas é a sua própria essência. A aceleração tecnoprodutiva vigente na

contemporaneidade superpôs um novo modo temporal para a conexão dos compassos sociais e psíquicos: o prestíssimo ritmo das inéditas produções da cultura.

A questão crítica aqui é a condensação dos ritmos naturais do desenvolvimento da subjetividade em *ritmos apressados* pela tecnologia, pelo capitalismo, pelas novas relações familiares, transformação que corresponde à instalação de um novo patamar de ordenação do sistema complexo das relações humanas, e que justamente por esse motivo instaura uma radical imprevisibilidade na *vivência do tempo*: ou seja, o passado deixa de servir de direção e guia, deixa de ser lastro e sustentação da história – quer da *natureza* humana, quer da *cultura* humana - não podendo mais ser rebatido sobre o futuro. Birman (1997) acentua o quanto é imprescindível para a experiência humana os rituais de morte e de festa, já que dramatizam, no social, os dramas próprios à finitude humana. Também ressalta que “a fragilidade humana, que permite dar a vida a um outro e que possibilita a transmissão das pulsações, revela ao sujeito o seu estatuto de mortalidade e de finitude” (BIRMAN, 1997, p. 225).

A perpetuação do ensinamento e das vivências comunitárias entre os grupos, que de forma amena partilhavam a difícil aventura *do vir a se tornar humano* foi roubada pela competência da técnica que hoje atrapalha os encontros humanos e empobrece a tradição que foi vagarosamente acumulada pelos antepassados, que ora resistem cabisbaixos e sem brilho pelos cantos desse mundo.

Com a banalização da experiência humana, com o descontrole do tempo histórico, com a presteza das atividades cotidianas e com as transformações nos sentidos do amor e da amizade, o que se espera do homem de agora?

Apesar das mudanças postas e diferindo o homem da maneira tal qual ele fora concebido, forçado hoje a se adaptar às novas demandas de um tempo acelerado em um mundo acelerado, onde encontram-se diluídas as fronteiras entre natureza e cultura, sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, o sujeito sucumbe a mutação mais aterradora que pode ser assistida: a construção perversa de seus processos subjetivos apontados neste momento pelas formações do inconsciente, das patologias e do mal-estar.

A demanda imposta agora em relação a dor mental não mais se refere aos mistérios sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, nem as questões da rotina consumista tomada pelas preocupações sobre o ter; o que está em questão é a noção sobre o querer e o poder: o que quer e o que pode o homem nesse tempo e espaço contemporâneo? Até onde ele pode ampliar o mundo, ampliando-se a si mesmo? Nesse sentido, a pergunta a respeito da vida e sua origem; seu tempo de duração, manutenção e seu término, assustam a todos nós -

criaturas constantemente amedrontadas e ainda acomodadas aos esquemas tradicionais de experiência e de reconhecimento próprio.

Embora a época atual esteja marcada pela exacerbação do individualismo, da violência em todas suas tinturas e das perversões expostas, mesmo assim, parece que *neste tempo*, a indignação e o cansaço por essas imagens já começam a se delinear; outros pensamentos acenam para algumas estratégias no imaginário do homem. Pode ele desobrigar-se de seu destino caótico? Pode ele, pela necessidade de auto-preservação, ou quem sabe pela crença em seu *objeto bom*, (KLEIN, 1946) lançar-se a redesenhar sua condição humana e outras formas de vida? Pode ele enfim, ousar por extraordinárias possibilidades de criar bem-estar, construir mundos possíveis, até então insonháveis?

Por que não buscarmos na atualidade a revisão dos conceitos de normalidade, de patologia e de sofrimento, para melhor pensar e estar com esse tipo de homem que vive no mundo em uma situação duvidosa? A forma de conduzir sua existência é bastante curiosa, ingenuamente ele evita reconhecer os fatos básicos que a vida lhe propõe, ou seja: o reconhecimento de sua fragilidade, o reconhecimento que necessita da presença do outro de todas as formas possíveis para conseguir manter-se sobrevivente e o reconhecimento que sua vida breve ruma em direção ao fim!

Para melhor compreensão dessas considerações a respeito do homem e sua finitude, pensei em recorrer a um pequeno texto de Freud “*Sobre a transitoriedade*”. (FREUD, 1915), na certeza de sorver a simplicidade e grandiosidade de seu pensamento.

Em um belo dia de verão, Freud e um poeta, amigo seu, conversavam e caminhavam ao pé das montanhas próximas a Viena, quando seu acompanhante comenta sobre a beleza admirável das flores ao redor deles, porém, em seguida lamenta tristemente a constatação que toda e qualquer beleza é efêmera e fadada à extinção. Freud diante disso se contrapõe, alegando justamente que é pela efemeridade do objeto, que lhe é inferido importância. Diz ele: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor desta fruição” (FREUD, 1915, p. 345).

Eis aí uma fala esplêndida; que obriga-nos a refletir sobre a fugacidade do instante vivido e a impossibilidade do eterno para tudo aquilo que nos é caro, pois tudo passa e nada permanece; diante do tempo tudo fenece: a beleza, a infância, a vitalidade, e de acordo com o autor a transitoriedade ao invés de diminuir o valor das coisas, acrescenta-lhes valor; enfatiza que a existência e a beleza de toda criação é tão valiosa por carregar em si a finitude, e é essa a marca da castração (FREUD, 1915). Talvez possamos concluir que quando não se é permitido perder algo, também não se é permitido amar tudo o que é fugaz, frágil e finito.

Também o processo de análise é uma pequena viagem que se dá no transcorrer de uma existência; quando o paciente nos procura em desalento e traz suas lamentações damos início a uma conversa e a uma empenhada caminhada. Começamos juntos a observar a paisagem e o colorido da narrativa trazida por nosso companheiro, demonstra que ele não quer deparar-se com a castração, portanto renuncia a frustração, desejando contudo que a *beleza* seja eterna!

Estamos ao pé de uma montanha, convidados em um primeiro momento a reconhecer sua grandeza e soberania, seguidamente, temos a possibilidade de usufruir da sensação de estar em harmonia a esse cenário que apazigua a mente e o espírito e por fim resta ainda adquirirmos capacidade para atingir seu cume ou pelo menos parte dessa escalada; porém diante dessa incumbência, preferimos acreditar que esse desafio é privilégio para poucos, quem sabe, somente para aqueles que possuam asas!

O processo analítico começa assim: o paciente nos traz suas asas quebradas, ilusoriamente ou alucinadamente acha que as possui, mas por não conseguir atingir os picos da satisfação de seus desejos, exige do analista que elas sejam consertadas *imediatamente*, já que não suporta mais o fracasso de suas defesas poderosas que até então estavam organizadas contra o reconhecimento de sua impotência, ou da sua fragilidade, ou da realidade de sua mortalidade.

Mas enquanto analista, sabemos que sua condição humana é melhor que a divina, mesmo porque é a única condição que ele enquanto paciente apresenta, pois não possui asas e nem tem como os anjos, a condição imortal, apesar de relutar insistentemente contra isso, almeja as alturas a qualquer custo e a qualquer sintoma!

O paciente persiste em nos mostrar a beleza das flores – discorre sobre seus sonhos, suas paixões, seus anseios, não abre mão de seu querer, nem das flores; transita pela vida com ansiedade e sofreguidão na tentativa de possuí-las, acredita que pode garantir a permanência delas a seu dispor. No entanto, quando imagina que já é capaz de colhê-las, depara-se de maneira assustada com a questão da efemeridade de tudo aquilo que deseja e tristemente reconhece que é ilusório conseguir sua posse, ou quem sabe, poderia ao menos permanecer deslumbrado diante delas; porém após o ápice de seu esplendor, começam as flores gradativamente a perder sua vitalidade, suas folhas caem aos poucos, a haste curva-se, seu colorido perde o viço, anunciando seu fim. Essa é a percepção que remete o paciente à castração, ao reconhecimento da existência da perda, da passagem do tempo, fonte de sua mais terrível angústia, pois é a confirmação que enquanto ser humano ele é destinado a perdas! Mas como aceitar esta realidade cruel?

Com outros arranjos e novas aventuras, o paciente busca manter-se na ilusão onipotente de que sua vontade pode ainda ser cumprida e realizada, pois ele não agüentaria ser contrariado, injustiçado, ou melhor, castrado. Diante da dor da perda ele então, recorre às flores de plástico, “as flores de plástico não morrem” (TITÃS, 1989), se contentado *provisoriamente* com a artificialidade e superficialidade daquilo que não pode ser original, enganando-se com algo que aparenta ser, mas não é, essas são as defesas que o sujeito encontra hoje na contemporaneidade; os disfarces aos sentimentos e pensamentos que deixaram de ser autênticos. Integrar essa natureza predatória da impossibilidade da verdade com a extrema vulnerabilidade da perda coloca o homem frente a um impasse radical, para o qual as distorções da realidade e do pensamento são desfechos prováveis.

Há uma condição que se estabelece como produto sofisticado da distorção, conceito desenvolvido por Green (1993) chamado de “o trabalho do negativo”. Esse conceito refere-se ao pensamento que utiliza ciladas primorosas, com suas distorções imaginárias e especulativas para evitar e descartar qualquer reconhecimento da frustração frente à situação de falta, dedicando-se o paciente para considerá-la inexistente.

Neste sentido, o sujeito está continuamente submetido a pressões e seduções do mundo a sua volta substituindo seus genuínos valores humanos por objetos perversos. Em nossa sociedade presente, a mídia e a velocidade da realidade virtual, entre outros meios, cumprem este papel.

O impacto dos meios de massa no contexto atual em sua capacidade de onipresença no tempo e no espaço, torna possível ao sujeito habitar neo-realidades substitutas e assimilar-se a elas. Desta forma, estas realidades reduzem quase até a inexistência, a dependência emocional genuína das ansiedades e dores que teriam a função de produzir crescimento emocional.

As indagações que me motivaram a esse trabalho, a busca dos dados pesquisados e registrados e as reflexões aqui descritas nasceram de um único anseio, o de melhor compreender o que hoje se produz na constituição da subjetividade, visto que a interferência *da vivência do tempo* cada vez mais inquieta, acarreta para o psiquismo maior sobrecarga emocional; também se colocou como prioridade a possibilidade de compreender e identificar *nesse tempo atual* que tão rapidamente altera valores e referências de vida, como se compõe a alquimia da produção do caos emocional que tanto faz sofrer a quem procura a clínica psicanalítica. Venho do atendimento clínico da instituição e do consultório particular e constato diariamente o sofrimento mental que transborda nas diversas manifestações do inconsciente atingindo o sujeito em sua mente e corpo.

Nas patologias apresentadas atualmente, a compulsão repetitiva não estaria como no modelo freudiano no viés econômico, buscando a descarga e sim a carga. O terror mental é vivido, mas não tem registro, portanto não podendo ser recordado, ele é repetido. A repetição busca no *além* um renascimento, a criação e a construção de uma nova história que possa dar voz às marcas mnemônicas que até então não conseguiram ganhar simbolização pelo trabalho de elaboração psíquica.

No modelo da neurose que inspirou Freud, a análise das resistências permitia levantar a repressão e alcançar assim os conteúdos reprimidos de suas pacientes. Atualmente reconhecemos que é tarefa analítica representar psiquicamente o conteúdo sem representação inconsciente (FREUD, 1915). Desafio contemporâneo, a clínica exige, com estes pacientes, criar a mente ao invés de analisar seus conteúdos. A tarefa analítica cada vez mais se dá pela restauração e criação das funções mentais.

“A mente e a pessoa do analista na atualidade, são conclamadas em extremo, o lugar do analista hoje é mais complexo” (COELHO, 2002, p. 330). Além da atenção interessada, da disponibilidade e da observação cuidadosa, o analista não só interpreta e constrói uma história através das hipóteses imaginativas, mas ele precisa também “interromper as repetições austísticas, criar metáforas, nomear a linguagem pré-verbal, oferecer suas funções mentais, sonhar para que o paciente possa acordar para a vida psíquica, figurar o quase indizível” (LIZONDO, 2006, p. 340).

Em cada novo contato analítico, mais comprovada se coloca a tarefa labiríntica da construção *do vir a ser humano*, visto que pseudo necessidades e falsas satisfações encobrem as necessidades básicas e os fatos básicos do seu viver. È como se o destino do homem se convertesse em enganar a si mesmo sobre a natureza de suas prioridades na tentativa de atenuar a dor dos desenganos que a vida traz, traz a todos nós, seres indignados pela fragilidade e sempre despreparados para a difícil aceitação da perda; perdas essas quaisquer que sejam, desde a capacidade de simplesmente perder uma idéia, um bem material, ou uma vontade própria, até a grandiosa aceitação de perder a própria vida, ou a vida de quem amamos. Somos perdedores, essa é a realidade e nossa existência se dá por um sucessivo desfiar de perdas, minuto a minuto!

Essa triste comprovação leva o sujeito a reconhecer-se na transitoriedade da sua existência e pela dificuldade de tolerar essa condição geralmente sucumbe ao sofrimento mental, e depois de tentativas e alguns enganos, ele consegue por vezes, recorrer ao processo analítico.



Tenho observado ainda a necessidade da alteração da técnica com esses novos pacientes ditos contemporâneos que não conseguem verbalizar suas emoções, não sabem começar a sessão e demonstram dificuldades de intimidade para o acontecer analítico. Cada vez mais o analisante é convidado a criação de uma técnica que não se ajusta à análise padrão; penso ser essa uma conquista do também dito analista contemporâneo, ser capaz de reconhecer a *especificidade* de cada processo analítico em uma relação única, inédita, que atende *especificamente* aquele paciente em sua *específica* necessidade emocional e assim poder construir na dupla um processo analítico original.

Em minha experiência confirmo que a relação analítica é um espaço privilegiado no qual são ampliadas as chances de um profundo encontro emocional entre dois seres humanos. O fato é que quando um paciente se propõe a tarefa analítica o que lhe falta não são informações sobre seu funcionamento psíquico, mas vivências que resgatem estados mentais que retomem suas boas experiências passadas, ou então que possam ser promovidas *boas vivências* na dupla analítica no momento presente. A relação analítica é uma relação de amor; amor à verdade, é o amor sustentado pela reflexão, sustentado pela experiência viva, que delicadamente vai construindo possibilidades de recriar sentimentos e pensamentos de uma saber advindo do conhecer e *aprender pela experiência* (BION, 1957), através das inúmeras vivências trazidas e conversadas na intimidade desse contato.

O tempo de cada sessão é valioso, não é meramente uma hora de trabalho árduo do analista, onde deixa do lado de fora da sala de análise muitas coisas de valor, mas sim o tempo de sua vida, a sessão pode e deve se converter em um ato de amor, um ato onde não se coloca somente o interesse, a dedicação e a disposição de percorrer com o paciente uma travessia desconhecida para seu amadurecimento emocional; mas oferecer ao paciente aquilo que de mais caro o analista possui, seu tempo de vida! É nessa dimensão, com o valor da própria vida, é que se torna possível ocorrer na relação analítica algo excepcional, com a potência de fazer germinar e desenvolver significados outros no mundo mental do paciente.

É na possibilidade da vivência do tempo lento e sem pressa do contato analítico, que o paciente traz sua vida e o analista entrega seu tempo de vida, é ali naquele tempo e espaço que a vida dele recupera sentido e valor, mesmo frente a todos os desatinos e desafinos do mundo atual. O paciente gradualmente passa a substituir suas explicações várias, por compreensão, os rituais insensatos pela espontaneidade, o individualismo pela solidariedade, o controle da violência pela cortesia, a impulsividade por pensamento, o egoísmo por partilha e assim como em uma obra de arte, vai se compondo a imprescindível experiência da existência humana

assim como a necessidade urgente do conhecimento de um ato de sabedoria na inclusão dos limites e da capacidade de amar a vida, justamente por já poder reconhecê-la passageira!

O amor maduro depende da capacidade de observar e se interessar pelo objeto externo, mesmo frente a ansiedade e ameaça de perdê-lo. É a manutenção desse interesse vivo pelo objeto que leva o sujeito progressivamente a construir uma relação de afeto incondicional com aquilo que ele pode perder, mas não é pela perda que retira seus investimentos, ao contrário, é justamente por aceitá-la que preserva o valor genuíno de tudo aquilo que é transitório. Acredito que seja essa a matéria fundamental com a qual nos ocupamos na função analítica.

“[...] Se os objetos forem destruídos, ou se ficarem perdidos para nós, nossa capacidade para o amor será mais uma vez liberada e poderá então ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego” (FREUD, 1915, p. 347). Ainda no artigo *Sobre a transitoriedade*, encontramos essas palavras de Freud (1915) onde ele expressa desolado sua consternação diante da modificação do mundo pós-guerra, que levou muito daquilo que ele amava. Amor, dor, perda, inspiração, criação! Se a capacidade de amar suplantar o desalento, o caminho para a criação estará aberto e encontrará o sujeito garantia *temporária* no embate ao sofrimento mental. A fim de não adoecer, o sujeito cria. Sujeito efêmero, mas não enfermo.

Quando nosso paciente aceita a efemeridade das flores e basta a ele observá-las, sem a necessidade de possuí-las e ainda assim poder ficar enaltecido simplesmente por admirá-las, aproveitando sua jornada pela montanha e usufruindo da beleza presente ao seu redor, diremos que encontrou asas, *asas do desejo* (WENDERS, 1987) para o vôo livre de sua realização. O amor sublime ou ainda sublimado dá asas para a erotização do universo singular das escolhas de cada sujeito pela sua vida afora. A vida por si mesma encontra-se inscrita na própria vida e no tempo, nas vidas e nos tempos que lhe são possíveis, sejam quais forem eles!

## REFERÊNCIAS

- BION, W. R. (1957). *Aprendendo com a experiência*. Tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BIRMAN, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34.
- COELHO, H. M. B. *O Vínculo no Tratamento Psíquico – Descoberta, Construção e Desenvolvimento*. 2002. 334 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.
- GREEN, A. *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- FREUD, S. (1915). Sobre a Transitoriedade. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV, p. 345-350.
- \_\_\_\_\_. (1919). O estranho. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVII, p. 275- 314.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Tradução de Elias Mallet Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.
- LISPECTOR, C. (1969). *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- LIZONDO, A. B. D. Na cultura do vazio, as patologias do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 335-358, 2004.
- TITÃS. *As flores de plástico não morrem*, 1989. (Música).
- WENDERS, W. *Asas do desejo*, 1987. (Filme).